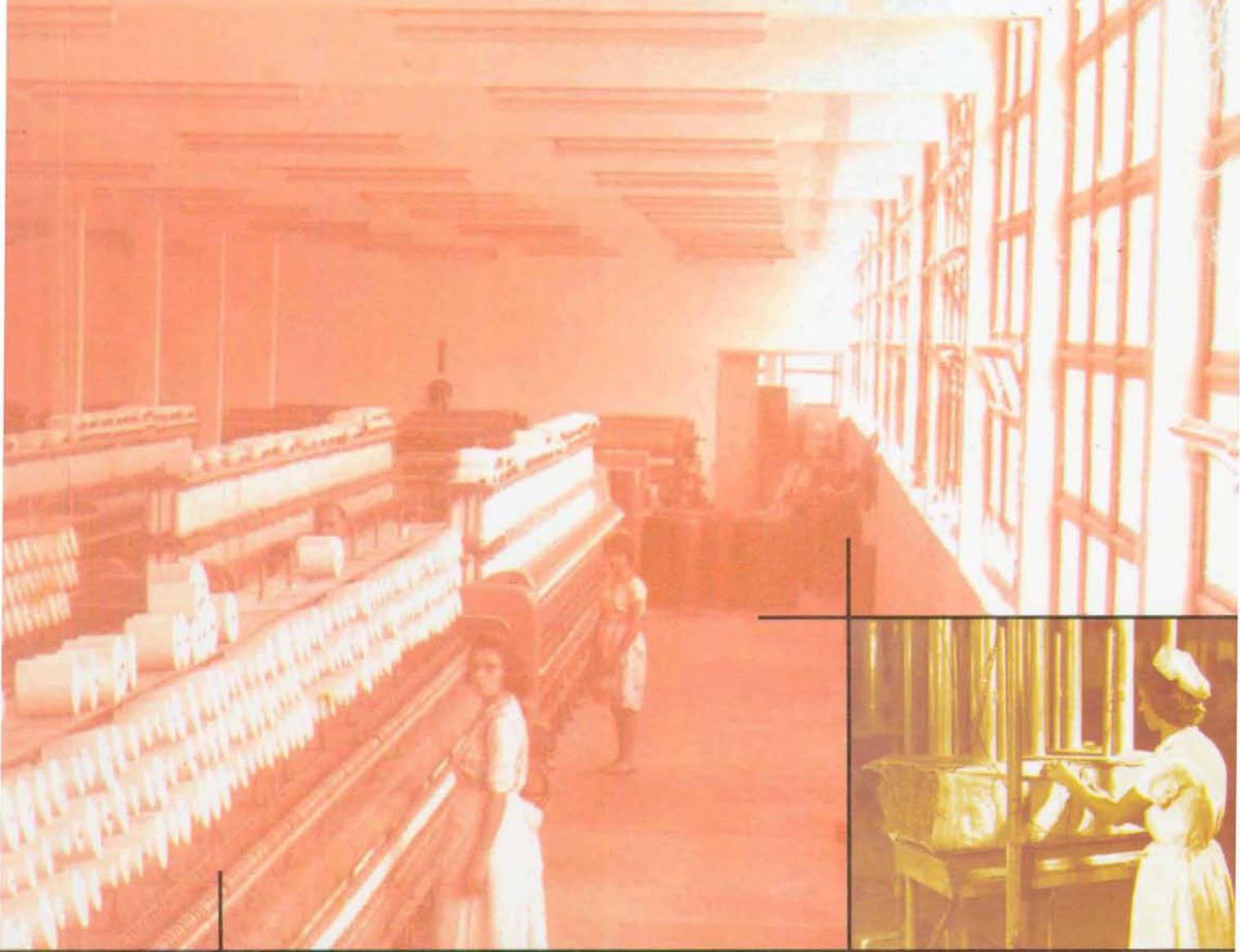


# BLUMENAU

*em Cadernos*



# BLUMENAU

*em Cadernos*

Fundação Cultural de Blumenau

Presidente  
Braulio Maria Schloegel

Diretoria Administrativo-Financeira  
Maria Teresinha Heimann

Diretoria Histórico-Museológica  
Sueli Maria Vanzuita Petry

Diretoria de Cultura  
Vilarino Wolff



Revista "BLUMENAU EM CADERNOS",  
fundada em 1957 por José Ferreira da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
*Biblioteca Pública "Dr. Fritz Müller"*

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de  
Blumenau) Blumenau, SC, 1 (11) 1957 -  
il.  
Bimestral

ISSN 0006-5218

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"



Prêmio Alm. Lucas Alexandre Boiteux,  
na Área de História – edição 1998, concedido  
pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina

COPYRIGHT © 2001 by Fundação Cultural de Blumenau

**REVISTA "BLUMENAU EM CADERNOS"**

**ENDEREÇO**

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal: 425

CEP.: 89015-010 - Blumenau - SC

Fone/fax: (47) 326-6990

E-Mail: *funculbl@zaz.com.br*

**CAPA**

Profissões: Memórias

Acervo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

**DIREÇÃO**

Sueli M. V. Petry

**CONSELHO EDITORIAL**

Ivo Marcos Theis (Presidente)

Annemarie Fouquet Schünke,

Cezar Zillig, Cristina Ferreira,

Urda Alice Klueger

**DIGITAÇÃO**

Marilu Antunes

**PRODUÇÃO GRÁFICA**

Nova Letra Gráfica e Editora Ltda.

Av. Brasil, 742 - Ponta Aguda - Fone/Fax (47) 326-0600

Cep 89050-000 - Blumenau - SC

**EDIÇÃO**

Editora Cultura em Movimento

Dirceu Bombonatti (Diretor Executivo)

## SUMÁRIO

### Documentos Originais - Crônicas

Karl se torna professor <i>Karl Kleine</i> .....	007
---	-----

### Artigos

De Portugal e da Europa Medieval para o Brasil-Meridional <i>Dr. Walter F. Piazza</i> .....	026
--	-----

### Artigos

Como a glória dos homens também passa a glória dos vapores José Ferreira da Silva .....	032
--	-----

### Fragmentos de Nossa História Local

O Ministério da Fazenda e a Cooperativa Rural de Blumenau .....	038
---	-----

### Burocracia & Governo

Documentos da Colônia Blumenau <i>Dr. Hermann Blumenau</i> .....	040
---	-----

### Entrevistas

História de Vida - Venâncio Fiamoncini <i>Méri Frotscher</i> .....	047
---	-----

### Pesquisas & Pesquisadores

Associações escolares: elementos históricos para o debate sobre o associativismo civil em Blumenau <i>Jaime Hillesheim / Camile Rebeca Bruns</i> .....	060
---	-----

## **Memórias**

Feliz Páscoa  
*Grete Baumgarten Medeiros* ..... 067

Meus tempos de Colégio - IV - O Científico  
*Armando Luiz Medeiros* ..... 069

Dona Hertha Lorenz Deeke - Uma lembrança  
*Brigitte Fouquet Rosenbrock* ..... 076

## **Crônicas do Cotidiano**

Lembrando da Estrada de Ferro ..... 079

Um homem chamado Jorge Amado ..... 081  
*Urda Alice Klueger*

## **Esporte & Lazer**

Nomes de clubes viram passado já em 1944  
*Aurélio Sada* ..... 088

Os primeiros imigrantes  
*Victor Schleiff* ..... 092

## **Autores Catarinenses**

Excursão ao epicentro do Contestado 14/15 e 16/01/02.  
Calmon, o homem / Calmon, a cidade / Calmon e Eu / Calmon: a excursão  
*Enéas Athanázio* ..... 096

## **Biografia**

Relato de minha vida  
*Gerold Konrad Gebler* ..... 105

**Documentos  
Originais –  
Crônicas**

---

**– Karl se torna  
professor**

*AUTOR:  
KARL  
KLEINE\**



*Com o texto “Karl se torna professor”, encerramos a publicação da obra “Blumenau einst Erlebnisse und Erunnerungen eines Eingewanderten”, de autoria do imigrante Karl Kleine, estabelecido na colônia Blumenau a partir do ano de 1856.*

*A publicação em língua portuguesa somente foi possível graças ao trabalho de tradução realizado pela senhora Annemarie Fouquet Schünke, a qual, sem qualquer ônus para a revista proporcionou a leitura destas memórias.*

*Temos certeza que estes relatos trouxeram aos pesquisadores e leitores da Revista Blumenau em Cadernos um novo olhar e interpretação das vivências cotidianas daqueles que aqui chegavam nos primórdios do século XIX.*

*Os originais destes relatos, encontram-se no Arquivo Histórico Prof. José Ferreira da Silva.*

**Karl se torna professor**

Meu bom Deus! No começo tive muitas dificuldades na jovem e pequena comunidade. A escola certamente fora bem construída, mas era muito pequena, no entanto, suficientemente grande para o começo, pois iniciei com oito alunos. Havia alguns bancos rústicos, uma pequena mesa sobre quatro frágeis pés, um quadro negro de madeira e quatro paredes nuas. Porém, as duas janelas tinham vidraças. Isto era tudo!

Ao lado da escola havia um pequeno barraco, que servia de moradia para o professor. Este era dividido ao meio; um lado servia como sala e quarto de dormir, o outro como cozinha.

Meu ordenado mensal era de 15 mil-réis, mais tarde foi para 20 e então para 25 mil-réis. Além disso, recebia uma ajuda em cereais e de vez em quando os colonos me ajudavam no trabalho manual. Às vezes,

Tradução: Annemarie Fouquet Schünke

### Karl wird Schullehrer

Du lieber Gott! Ich fand in der jungen und kleinen Gemeinde einen sehr schweren Anfang. Das Schulhaus war wohl ziemlich dauerhaft gebaut, aber viel zu klein. Freilich, für den Anfang groß genug, denn ich fing mit acht Schülern an. Innen sah man einige rohe Bänke, einen kleinen Tisch, der auf sehr schwachen Füßen stand, eine große Holztafel und vier kahle Wände. Doch waren die beiden Fenster aus Glas. Das war alles! - Neben dem Schulhaus stand eine kleine Bude als Wohnung für den Lehrer. Diese war in der Mitte abgeteilt. der eine Raum mußte dem Lehrer als Wohn - und Schlafzimmer dienen, der andere wurde als Küche benutzt. - Mein Gehalt belief sich monatlich auf ganze 15 Milreis, später bekam ich 20 und zuletzt 25. Außerdem noch etwas Zuschuß an Brotkorn, und hier und da unterstützten mich die Kolonisten auch mit Handarbeit; manche gaben auch freiwillig Geschenke an Lebensmitteln. Nach und nach vergrößerte sich die Schülerzahl, so daß die Schule erweitert werden mußte. Auch für den Lehrer wurde eine bessere Wohnung gebaut. - Die Gemeinde hielt zusammen und meinte es gut mit mir. Ich tat auch, was in meinen schwachen Kräften stand, und so kam die Schule - wenigstens nach hiesigen Verhältnissen - ganz gut vorwärts.

Nach etwa zehn Jahren gab ich die Stelle auf, habe dann aber noch neun Jahre in anderen Distrikten Schule gehalten. Dabei lernte ich den Unterschied zu meiner ersten Stelle kennen. Diese neun Jahre waren eine Zeit der Prüfung für mich. Hier war ich nur dem Namen nach Lehrer, in Wirklichkeit aber nur der Monatslöhner von ungefähr 35 Schulmitgliedern. Unter diesen waren vielleicht zehn, die wirklich auf Schule hielten. Für die anderen war ich, wie gesagt, nur ein Knecht, aber nicht der Erzieher ihrer Kinder. - Es wäre mir ein leichtes, die Zustände der hiesigen Privat - oder eigentlich Kolonistenschulen, in denen ich selbst tätig gewesen, in allen Einzelheiten zu schildern. Aus leicht begreiflichen Gründen aber ist es besser, wenn ich darüber schweige. Auch sind gerade in der neusten Zeit die hiesigen Schulverhältnisse in den blumenauer Zeitungen zur Genüge aufgedeckt worden. Ich könnte wohl noch vieles hinzufügen aus meinen eigenen Erfahrungen, aber ich will mich lieber noch eine Weile abwartend verhalten; denn gerade jetzt regt sich das Interesse in Deutschland für die deutschen Schulen in Brasilien. Spät kommt ihr, doch ihr kommt! Wollen sehen, was daraus wird. Vielleicht erlebe ich noch die Freude zu sehen, daß der Wert der deutschen Schulen im Ausland von dem Mutterland drüben richtig erkannt und gewürdigt wird. - Der Mensch hofft ja bis zum Grabe!

Ich will nun zuerst noch erzählen, wie es kam, daß ich Schulmeister in Brasilien wurde, und einige kleine Episoden aus meinem Lehrleben und - leiden. -

alguns também contribuíaam espontaneamente com presentes e gêneros alimentícios.

Aos poucos o número de alunos aumentou, de modo que a escola precisou ser ampliada. Também foi construída uma moradia melhor para o professor. A comunidade se mantinha unida e era solidária comigo. Empenhei-me ao máximo e, dentro das condições existentes, a escola conseguiu desenvolver-se relativamente bem.

Depois de dez anos desisti deste emprego, mas ainda lecionei durante nove anos em outros distritos. Aí pude perceber a diferença entre estes empregos e o meu primeiro, pois estes nove anos foram um período de provação para mim. Aqui, eu era apenas professor pelo título, mas não considerado como tal. Na verdade, não era nada mais do que um mensalista pago por mais ou menos trinta e cinco associados da escola. Entre estes, talvez dez realmente interessavam-se pela escola, para os demais eu não passava de um criado, e não o educador de seus filhos.

Seria muito simples relatar minuciosamente as condições das escolas particulares da colônia nas quais atuei, mas, por motivos óbvios é melhor calar-me. Agora mesmo os jornais blumenauenses abordaram com ênfase as condições reinantes nas escolas locais. Ainda poderia acrescentar muita coisa sobre minha experiência, mas prefiro ficar aguardando, pois justamente agora se manifesta, na Alemanha, o interesse para com as escolas no Brasil. Embora tarde, vocês aparecem! Veremos no que vai dar. Talvez eu ainda tenha a alegria de ver as escolas alemãs no estrangeiro serem valorizadas, reconhecidas e respeitadas pela pátria mãe. O homem mantém a esperança até morrer!

Quero ainda relatar como me tornei professor no Brasil e contar alguns pequenos episódios da vida e padecimento desta profissão.

Certa ocasião disse a um amigo: “Quando meus filhos estiverem crescidos acho que precisarei tornar-me professor. De onde senão tirarei todo o dinheiro para a escola?”

Nós já tínhamos meia dúzia de pimpolhos à nossa volta, e só estávamos casados há sete anos. Este amigo que era diretor da escola do distrito no qual eu morava veio procurar-me um belo dia e disse:

“Sabes de uma coisa? Tu vens lá para cima conosco e assumes a escola abandonada. Nosso professor nos abandonou e até agora não temos outro”. Mas acrescentou cauteloso: “Com isso não vai dar para tecer muita seda... mas, vem, vai dar certo”.

Bem, eu poderia experimentar, se não desse desistiria. Não estava preso por nenhum contrato, tanto que poderia deixar o cargo no primeiro dia de cada mês. Contudo, também a comunidade poderia facilmente me tocar. Era uma ques-

Ich hatte einmal zu einem Freund geäußert: "Wenn meine Kinder größer sind, muß ich auch noch Schulmeister werden. Wo soll ich sonst das viele Schulgeld hernehmen?" - Wir hatten nämlich schon ein halbes Dutzend Trabanten um uns, und waren doch erst sieben Jahre verheiratet. Dieser Freund nun, welcher Schulvorstand in demselben Distrikt war, wo ich wohnte, kam eines schönen Tages zu mir und sagte: "Du, weißte was? Du kommst zu uns rauf und übernimmst unsere verlassene Schule. Unser Lehrer ist davongelaufen, und wir haben bis jetzt noch keinen anderen" - setzte aber vorsichtig hinzu: "Viel Seide ist dabei nicht zu spinnen. Aber komm nur, es wird schon gehen!"

Nun, versuchen konnte ich es ja; wenn es nicht ging, konnte ich die Geschichte ja wieder aufgeben. Ich war keineswegs gebunden, sondern konnte am Ersten jades Monats aufhören. Freilich konnte mich auch ebenso leicht die Gemeinde wegjagen. Es war eben nur gegenseitige Vertrauenssache. Also antwortete ich: Gut, wenn du meinst, will ich die Stelle annehmen. Wieviel gibt es denn? "Ja, mehr als 15 Milreis monatlich kann die schwache Gemeinde vorläufig nicht aufbringen". - Das war allerdings sehr wenig bei meiner staarken Familie; aber es war ja noch Land dabei, und ich hatte Lust dazu. Also gab ich meine Kolonie auf und bezog die große Bretterbude, die als Lehrerwohnung diente.

Mein Vorgänger, der überhaupt nicht viel auf dem Lande gearbeitet hatte, war schon längere Zeit fort, und das Unkraut hatte so überhand genommen, daß wir kaum in unsere neue Wohnung einziehen konnten. Es war alles beinahe zugewachsen und sah so öde, wild und traurig aus, daß meiner Frau die Tränen an den Backen herunterliefen. Ich tröstete sie aber, so gut ich konnte, und sprach ihr Mut zu. - Mut tat hier auch wahrhaftig not! Wohin man sah, alles war verwahrlost. Das aufgeschlagene Land war ausgebaut, und von dem Urwald, der noch auf dem Schulgrundstück stand, konnte man vorläufig noch nichts abschlagen. - Keine Spur von Pflanzung zu sehen! Ein paar verkümmerte Kaffee - und Orangenbäume, das war alles.

Aber ich hatte Mut, guten Willen, und ich hatte A gesagt, mußte also auch B sagen. Wenn's nottat, so konnte ich ja das ganze Alphabet hersagen. Also frisch drauf los! - Gleich am anderen Tage - ich war an einem Letzten des Monats hingezogen - begann meine Laufbahn als neugebackener Lehrer. Die Kinder kamen pünktlich, sauber und nett angezogen, gewaschen und gekämmt, wie sich's gehört; natürlich alle mit neugierigen Gesichtern, um den neuen Lehrer zu sehen. Was mich aber am meisten an ihnen freute, war, daß sie so freundlich und ohne Scheu mit mir verkehrten, ohne dabei zudringlich oder gar frech zu werden. Sie waren zutraulich, aber nicht unbescheiden; das war viel wert! - Es waren fünf Mädchen und drei Knaben. Nun überkam mich doch ein sonderbares Gefühl, als ich zum

tão de confiança mútua. Respondi:

- Tudo bem, se achas assumirei o cargo. Quanto receberei?

- Bem, por enquanto a comunidade não pode dispor mais de 15 mil-réis mensais.

Certamente era muito pouco para minha família numerosa, mas também havia terra e eu tinha vontade para isto. Então desisti da minha colônia e fui morar no barraco grande (sic), que servia de moradia para o professor.

Meu antecessor já tinha ido embora há bastante tempo e praticamente não havia cultivado a terra, tanto que o capim havia tomado conta do terreno, impedindo praticamente de entrarmos em nossa nova moradia. A capoeira fechada dava a impressão de abandono, descuido e tristeza, de modo que as lágrimas escorriam pelas faces de minha mulher. Procurei acalmá-la da melhor maneira possível e tentei encorajá-la. Aqui realmente era preciso ter coragem! Para onde se olhava tudo estava abandonado. A terra revolvida era improdutiva e a mata, que ainda restava no terreno da escola, por enquanto, não podia ser derrubada. Não havia vestígio de plantação! Havia alguns pés de café e algumas laranjeiras atrofiadas, nada mais!

Mas eu tinha coragem, boa vontade e como tinha dito A, precisaria dizer B. Caso fosse necessário recitaria o alfabeto de fio a pavio. Então adiante, com muito ânimo!

Eu havia mudado no último dia do mês, e logo no dia seguinte iniciava minha carreira como professor recém-formado. As crianças vieram pontualmente, limpas, bem vestidas, lavadas e penteadas, tudo de acordo com o exigido, contudo curiosas para verem o novo professor. O que mais me alegrou foi o fato de se relacionarem comigo sem constrangimento e timidez, não sendo atrevidas nem malcriadas. Elas eram achegadas, mas não indiscretas. Isto era importante!

Eram cinco meninas e três rapazes. Sobreveio-me uma sensação estranha quando pela primeira vez fiquei diante delas e lhes perguntei:

- Quem sabe o Pai Nosso?

Quatro meninas e um rapaz se levantaram.

- Hulda, reze primeiro!

Ela rezou com fervor, e não foi um simples blábláblá. A menina percebeu o significado do momento e isto foi muito importante. Continuei:

- Quem ensinou vocês a rezar?

- Nossa mãe! Nossa mãe! exclamaram em uníssono cinco crianças educadas no temor de Deus.

- Eu pensei: Bem, os srs. papais não têm paciência para isto.

ersten Male vor ihnen stand und sie examinierte: "Wer kann das Vaterunser?" Vier Mädchen und ein Knabe standen auf. "Bete es einmal vor, Hulda!" - Sie betete mit Ausdruck andächtig vor. Es war kein leeres Geplapper. Das Kind begriff, um was es sich handelte, und das war wiederum viel wert. Aber weiter: "Gut, wer hat euch beten gelehrt?" - "Unsere Mutter! Unsere Mama!" riefen die fünf, in Gottesfurcht erzogenen Kinder wie aus einem Munde. "Aha", dachte ich, die Herren Väter haben keine Geduld zu so etwas: laut fragte ich weiter: "Habt ihr nicht in der Schule beten müssen?" - "Nein", antworten alle zugleich. Aha, dachte ich wieder, mein Vorgänger war also ein sogenannter Freigeist, der den lieben Gott nicht nötig hatte. Aber weiter: "Kennt ihr schon etwas aus dem Katechismus?" Alles blieb still. Sie kannten das Wort Katechismus gar nicht. Ich meine, ob ihr die zehn Gebote auswendig gelernt habt?" Die beiden größten Mädchen meldeten sich jetzt. "Wißt ihr auch unser christliches Glaubensbekenntnis?" - "Nein". "Wo habt ihr die Gebote gelernt?" - "Zu Hause". "Aus dem Buche?" - "Ja". Ich brach ab, weil ich nun wußte, daß der vorige Lehrer keinen Religionsunterricht erteilt hatte. - Mit dem Lesen, Schreiben und Rechnen ging es so halbwegs; wenigstens war der Grund gelegt, und ich konnte lustig weiterbauen. - Um das Begriffs- und Denkvermögen der Kinder zu sondieren, stellte ich noch einige Kreuzfragen; aber ich war erstaunt über die Denkkraft und richtige Logik dieser einfachen Naturkinder, die nie etwas von Himmels- oder Erdkunde vernommen hatten. Auch in anderen Dingen, die zur Naturgeschichte gehörten, machten sie sich ganz richtige Vorstellungen davon. Ich sah, daß ich recht aufgeweckte Kinder vor mir hatte, ganz besonders das älteste Mädchen des Schulvorstandes, das durch seine Antworten meine ganze Aufmerksamkeit erregte. Ich wollte sie absichtlich in Verlegenheit bringen, aber es gelang mir nicht. Im Gegenteil, sie brachte mich Neuling im Unterrichten bald zum Schweigen.

Ich fragte weiter: "Könnt ihr mir sagen, wohin alle Flüsse laufen?" - "In die Erde!" rief der kleine Peter prompt. Hulda lächelte und sagte: "Ins Meer, ich hab's in meiner Fibel gelesen". - "So, aber wo ist denn das Meer?" - "All der tiefsten Stelle der Erde", sagte Hulda nach einer Weile des Nachdenkens. "Hast du das auch gelesen?" - "Nein". - "Woher weißt du es denn?" - "Oh, ich - ich - denke, ich meine das - das könnte nicht anders sein", stammelte Hulda etwas verlegen. - "Gewiß, du hast ganz richtig geurteilt. - Was ist denn die Sonne?" fragte ich weiter. "Ein großer Feuerball", antwortete Hulda wieder allein. - "So, wirklich?" - "Ja, das kann man doch sehen!" rief das Wädchen triumphierend. - Bums! Da war ich schon reingepurzelt!

So ging es noch eine Weile fort, bis ich von der guten Fassungsgabe meiner Schüler überzeugt die Schule für heute schloß. Ich war zufrieden und freute mich, mit solchen Schülern arbeiten zu können.

- Então continuei a perguntar:
- Vocês não precisavam rezar na escola?
- “Não”, foi a resposta conjunta.

Imaginei que meu antecessor era, o que se costumava chamar de um livre pensador, aquele que não necessitava de Deus.

- Vocês já sabem alguma coisa do catecismo?
- Houve silêncio. Elas nem conheciam a palavra catecismo.
- Quero dizer se decoraram os dez mandamentos?
- Agora as duas meninas maiores se manifestaram.
- Vocês conhecem o Credo Apostólico?
  - Não.
  - Onde estudaram os mandamentos?
  - Em casa.
  - Do livro?
  - Sim.

Parei de perguntar, pois agora sabia que meu antecessor não ministrara aulas de religião. Elas sabiam ler, escrever e calcular mais ou menos; pelo menos existia uma base sobre a qual poderia continuar com a instrução. Ainda fiz várias perguntas para sondar a capacidade de compreensão e o raciocínio das crianças. Fiquei espantado com a lógica e o poder do pensamento destes ingênuos filhos da natureza, os quais nunca haviam ouvido falar sobre astronomia ou geografia. Elas também tinham uma noção clara sobre outros aspectos ligados à história natural. Percebi que tinha à minha frente crianças inteligentes, principalmente a menina mais velha, filha de um dos membros da direção da escola, a qual despertou minha atenção por suas respostas. Tentei embaraçá-la propositalmente, mas não consegui. Ao contrário, ela conseguiu fazer-me calar, eu, que era novato no ensino.

Continuei a perguntar:

- Podem dizer-me para onde correm todos os rios?
- Para dentro da terra! Respondeu prontamente o pequeno Peter.
- Para o mar, eu li no meu abecedário - retrucou Hulda sorrindo.
- Mas onde está este mar?
- No lugar mais profundo da terra - respondeu Hulda após refletir.
- Também leste isto?
- Não.
- Então como sabes?
- Oh, eu... eu... penso, eu acho que... não poderia ser diferente, retrucou

Hulda meio sem jeito.

Nach einigen Wochen hatte ich die Freude, daß meine Schüler mit Lust und Liebe anpackten und ich mit ihnen vorwärts kam. Auch die Eltern zeigten sich zufrieden und schickten ihre Kinder regelmäßig zur Schule. Auch der Vorstand tat sein möglichstes, um die Schule zu heben. Allen voran mein Nachbar und Freund Wilhelm Denker, der Präsident der Schulgemeinde. Er war lange Zeit Seemann gewesen und hatte als solcher die Welt kennengelernt. Er war zwar etwas derb, meinte es aber gut und hielt viel auf Schule. Stets war er der erste, wenn es galt, der Schule zu helfen. - Als einmal ein Mitglied mit mir nicht zufrieden war und mich gröblich beleidigte, wurde es einstimmig gestrichen. Ein anderes Mal kam ein guter Bekannter zu mir und sagte: "Du hast es doch viel besser als wir. Wir müssen in der Sonne schwitzen, während du dein Geld in aller Gemütlichkeit im Schatten verdienst!" - "Gut, mein lieber Johann", erwiderte ich, "wenn du das meinst, wollen wir doch einmal die Rollen vertauschen. Halte nur drei Tage Schule, ich will so lange in deiner Roça kapienen". - "Nee, nee", wehrte er ab, "rechnen kann ich gar nicht, und geschrieben habe ich seit meiner Schulzeit auch nicht mehr". - "Und wie steht es mit dem Lesen?" fragte ich lachend. - "Oh, Gedrucktes kann ich lesen, aber Geschriebenes, da hapert es ein bißchen". - "Na ja, du siehst es ja wohl selber ein, daß nicht jeder zu diesem Posten zu gebrauchen ist. Übrigens sind auch noch andere Unannehmlichkeiten dabei. Es fehlt an Lehrmitteln und vielem anderen, und dann kann ich von dem kärglichen Gehalt allein nicht leben und muß so gut wie ihr Kolonisten in der Roça schwitzen, nur mit dem Unterschied, daß ihr als freie Männer euch die Arbeit einteilen könnt, wie es euch am besten paßt; ich aber bin gebunden und muß erst meinen Dienst versehen. Bin ich dann fertig, so wird der Schulmeister an den Nagel gehängt, das, heißt: ich ziehe meine guten Kleider aus und schlüpfe in mein Arbeitszeug, um so schnell wie möglich wieder in die Roça zu eilen, sonst sähe es schlecht aus. Aber du kannst es, wie gesagt, ja einmal probieren". - Johann kratzte sich verlegen hinter den Ohren und meinte dann kleinlaut: "Nee, nee ich will doch lieber in meiner Roça bleiben. Sei nur still, du hast recht!"

Es war trotz allem gegenseitigen guten Willen wirklich kein leichtes Stück Arbeit, das ich übernommen hatte. Aber mit der Zeit wuchsen mir meine Schüler so ans Herz, daß mir mein selbstgewählter Beruf immer mehr gefiel. Auch hatte ich mich nun schon besser eingeübt, und was mir zu Anfang schwer gewesen war, ging jetzt schon viel leichter.

Dann kam eine Zeit der Trübsal über die ganze Kolonie. Die Ruhr brach aus und wütete in allen Distrikten. Auch unser Distrikt wurde nicht verschont, und fast in jedem Hause lagen Kranke. Bei mir lagen alle meine Kinder, fünf Mädchen und vier Knaben, todkrank an der Ruhr, ich selbst aber am Typhus so krank, daß

- Certo, acertaste:

Continuei perguntando:

- O que é o sol?

- Uma grande bola de fogo, respondeu Hulda outra vez.

- Mesmo?"

- Mas isto se pode ver.

Bem feito, nesta eu caí direitinho! Continuei assim durante mais algum tempo, até que me convenci da capacidade de assimilação de meus alunos, encerrando a aula por hoje. Estava satisfeito e contente por poder trabalhar com alunos assim.

Após algumas semanas tive a satisfação de ver meus alunos se empenharem com vontade e amor e, deste modo, progredirem. Os pais também estavam satisfeitos, e mandavam seus filhos regularmente à escola. A direção também se empenhou para melhorar a escola e à frente de todos o presidente da comunidade escolar, meu vizinho e amigo Wilhelm Denker. Ele havia sido marinheiro durante muitos anos, e como tal conheceu o mundo. Tinha boas intenções apesar de ser um pouco rude, porém dava muita importância à escola.

Em certa ocasião um associado, que não estava satisfeito comigo, foi afastado por unanimidade da escola porque me ofendeu grosseiramente. Outra ocasião um conhecido veio falar comigo e disse:

- Tu tens uma vida bem melhor do que nós, pois enquanto tu ganhas teu dinheiro folgadoamente na sombra nós transpiramos sob o sol!

- Bem meu querido Johann se quiseres podemos inverter os papéis. Lecionas por três dias, e eu capino tua roça durante este tempo.

- Não, não, eu não sei calcular, e não mais escrevi desde o tempo de escola.

Perguntei sorrindo:

- E como anda a leitura?

- Oh, leio o impresso, mas tenho dificuldade com o manuscrito.

- Então percebes que não é qualquer um que serve para este cargo. Aliás, ainda têm outros inconvenientes. Há falta de material didático e de outras coisas, além disso, não consigo viver apenas do meu salário. Pois também eu, assim como os demais colonos, preciso suar na roça apenas com a diferença, que vocês como homens livres, podem trabalhar como querem, isto é, da maneira como lhes convêm; mas eu tenho compromisso para com a escola e preciso primeiro cumprir meu dever. Assim que saio do trabalho, penduro o professor no prego; quero dizer: troco as roupas boas pelas de trabalho e, vou o mais rápido até a roça, pois senão a

wenig Hoffnung noch war. Nur meine Frau hielt sich tapfer und hatte nun zehn todkranke Menschen zu pflegen. Von der Gemeinde kümmerte sich jetzt keiner um mich, sie hatten alle, mehr oder weniger, die Ruhr im Haus, und bei denen, die noch frei davon waren, war die Angst vor Ansteckung viel zu groß. Niemand wollte die schreckliche Krankheit ins Haus schleppen, und man konnte es auch niemandem verdenken. - Ein Mädchen von 13 Jahren mußten wir nach langem schrecklichen Leiden auf den Kirchhof tragen. Dieser lag aber in nächster Nähe, und das Grab unseres verlorenen Kindes war uns immer vor Augen. Da gab es denn viele heimliche und offene Tränen, Klagen und Jammern von meiner Frau, die durch den täglichen Anblick des Grabes immer wieder an die entsetzliche Zeit erinnert wurde und sich infolgedessen gar nicht beruhigen konnte. Das war auch der Hauptgrund, warum ich diese Schulstelle aufgab.

Lange Zeit mußte meine Schule wegen der Ruhr geschlossen bleiben. Die Gemeinde aber bezahlte mir treulich meinen Lohn. Endlich war ich so weit hergestellt, daß ich wieder langsam anfangen konnte, aber noch sehr lange Zeit litt ich an den Nachwehen der Krankheit. Heute noch denken wir, und viele andere mit uns, mit Schrecken an jene Zeit zurück. Bald darauf starb auch mein Schwiegervater an den Folgen der Ruhr. Lange vorher schon hatte ich meinen Vater mit begraben helfen, der bei einem schrecklichen Magenleiden langsam verhungern mußte. Dr. Blumenau selbst hielt ihm die Grabrede, eine Ehre, die keinem anderen seiner Beamten widerfahren ist. Für meine arme Mutter war dies ein schwacher Trost und eine gewisse Genugtuung für ihren unersetzlichen Verlust. Dann starb ganz unerwartet und plötzlich an einem Herzschlag mein Bruder Theodor und jetzt - in neuster Zeit - ebenso plötzlich mein letzter Bruder Eugen. Es wird immer öder und leerer!

Ich gab also die Schulstelle in I. auf und zog, auf dringendes Zureden eines meiner Schwäger, in einen anderen Distrikt, wo ich wiederum eine Schule übernahm. Leider fand ich hier nicht das wieder, was ich dort verlassen hatte. Die Gemeinde war zerfahren und uneins in sich selber. Ein Teil hielt es noch mit dem alten Lehrer, der Privatunterricht in seinem Hause hielt und es billiger machte, um die Gemeindeschule zu schädigen. Sehr bald bereute ich meinen Schritt, aber es war nun zu spät, und ich mußte aushalten, so lange es ging. Bald sah ich aber ein, daß es so nicht weitergehen konnte, und trat zurück, um meinem Vorgänger wieder Platz zu machen. - Aber nach kurzer Zeit wurde er wieder abgesetzt, und ich mußte die Stelle wieder übernehmen. Einige Jahre währte die Freude, dann taugte auch ich wieder nichts und wurde zum zweiten Male zum Abdanken gezwungen. - Die ganze Lehrerzeit in diesem Distrikt war für mich weiter nichts als ein fortwährender Kampf gegen die Dummheit und Intrigen einer Anzahl Mitglieder, welche mir

situação seria deveras ruim. Mas se quiseres podes experimentar.

Johann coçou atrás da orelha e disse humildemente:

- Não, não, eu prefiro minha roça. Fica tranqüilo, tens razão.

Apesar da boa vontade de ambos os lados, o trabalho que eu assumira não era nada fácil. Mas, no decorrer do tempo me afeiçoei tanto a meus alunos, que a cada dia gostava mais da profissão de minha livre escolha. Agora já estava mais entrosado, e o que era difícil no início se tornou mais fácil.

Então sobreveio um tempo de aflição à toda Colônia. Uma epidemia de disenteria infecciosa atingiu todos os distritos. Nosso também não foi poupado, e havia doentes em quase todas as casas. Na minha, todos os meus filhos, cinco meninas e quatro meninos estavam muito, mas muito doentes. Eu contrai tifo e estive tão doente que me restava pouca esperança. Apenas minha mulher se manteve corajosamente, precisando cuidar de dez pessoas gravemente enfermas. Ninguém se preocupou comigo por parte da comunidade, pois quase todos tinham alguém doente em casa, e aqueles que ainda estavam livres da doença tinham muito medo do contágio. Ninguém queria trazê-la para dentro de sua casa e isto era compreensível. Após um período de grande sofrimento sepultamos uma filha de treze anos. O cemitério ficava perto de nossa casa e a sepultura dela estava sempre diante nós. Por isso havia muitas lágrimas, choros e lamentos por parte da minha mulher, pois a visão diária desta sepultura fazia com que ela se lembrasse daquele tempo terrível. Foi por isto que ela não conseguia consolar-se. Este também foi o principal motivo que me levou a desistir desse emprego.

Minha escola se manteve fechada durante muito tempo por causa desta epidemia. Mas a comunidade pagava fielmente meu salário. Até que enfim eu estava mais ou menos restabelecido para, aos poucos, começar a lecionar, mas durante muito tempo senti as conseqüências da doença. Ainda hoje, nós, como tantos outros nos lembramos com horror daquele tempo. Pouco tempo depois meu sogro também faleceu vitimado pela disenteria infecciosa. Bem antes disso já havia sepultado meu pai, que morreu gradativamente de fome em conseqüência de um terrível mal do estômago. O próprio Dr. Blumenau fez a prédica no cemitério, uma honra, que não foi dispensada a nenhum outro funcionário público. Isto foi um pequeno consolo para minha pobre mãe, além de uma certa reparação pela perda irreparável. Então meu irmão Theodor morreu repentinamente de ataque cardíaco, e há pouco tempo meu último irmão Eugen. Tudo estava cada vez mais desolado e vazio.

Demiti-me do cargo na escola de I. e, por causa dos insistentes conselhos de um de meus cunhados assumi uma escola em outro distrito. Infelizmente não encontrei ali o que havia deixado lá. Havia desordem e discórdia na comunidade.

nicht wohlwollten. Endlich wurde ich des Kampfes müde und gab die Stelle endgültig auf. Aber vorher möchte ich noch ein paar Schlaglichter auf den Geist werfen, der in dieser Gemeinde herrschte.

Als eines der Mitglieder hörte, daß ich auch im Portugiesischen Unterricht erteilte, kam es extra zu mir und verbat sich solchen "Unsinn". "Aber, mein Herr", erwiderte ich dem Mann, "wir sind doch in Brasilien und nicht in Deutschland, folglich brauchen wir die Landessprache sehr notwendig!" - "Ach was!" entgegnete er grob, "deswegen sind wir noch lange keine Brasilianer! Wir sind Deutsche, und meine Kinder sollen nur deutsch reden können". Vergebens stellte ich ihm vor, wie vorteilhaft es wäre, wenn unsere Kinder auch portugiesisch sprechen, lesen und schreiben können. Er wollte keine Vernunft annehmen und bestand auf seiner Forderung. Ich kehrte mich aber nicht daran und gab auch seinen Kindern portugiesischen Unterricht, so gut wie den anderen Schülern.

Nicht lange darauf mußte ich für ein anderes Mitglied einen Schuldschein schreiben, wobei das erste Mitglied als Zeuge fungierte. Beide hatten noch eben vorher gegen die Landessprache heftig geeifert, und ich beschloß, die beiden guten Deutschen von dem Nutzen der Landessprache zu überzeugen. Der Schuldschein sollte auf 100 Milreis lauten, mit dreimonatiger Kündigung. Ich schrieb aber 1000 Milreis und ließ die Kündigung ganz weg. Dadurch bekam der Schein - nach hiesigem Gesetz - Wechselrecht und konnte zu jeder Zeit eingefordert werden. Ohne Arg unterschrieben alle Beteiligten und wollten sich entfernen. - "Oh", rief ich, "wartet doch einmal. Ich habe ja vergessen, euch das Papier vorzulesen". Der Gläubiger gab mir das Papier zurück, und ich las es ihnen nun wortgetreu vor. Ich muß heute noch über die langen Gesichter lachen, welche die waschechten Deutschen dabei machten. Sie waren diesmal mit ihrer Verachtung der Landessprache schön reingeplumpst. Aber trotz dieses handgreiflichen Beweises blieben sie dabei, daß sie und ihre Kinder die Landessprache nicht nötig hätten. "Gut", sagte ich, "nehmen wir die Sache einmal von einer anderen Seite: Ihr habt mich für den Schein bezahlen müssen. Obwohl ich nur die Hälfte dessen gefordert habe, was andere Schreiber fordern, habe ich einen Milreis in zehn Minuten verdient. Dieses Geld hättet ihr selber verdienen können, wenn ihr der Landessprache mächtig wäret. Außerdem habt ihr noch die Zeit damit verlaufen und unterwegs etwas im Wirtshaus verzehrt. Und wieviel hundert anderen geht es ebenso. Handelt es sich nun um wichtige Dokumente, so steht ihr da wie die Ochsen vor dem Berge, müßt bezahlen, daß euch die Haare zu Berge stehen und wißt nicht einmal, was darin steht. Niemals werdet ihr ein Amt bekleiden oder ein Geschäft führen können. Kommt ihr - ich meine hauptsächlich eure Kinder - aber über die Grenzen Blumenau hinaus, so seid ihr vollends verkauft. Kurz, in allen Dingen, wo die Landessprache in Betracht

Uma parte ainda apoiava o antigo professor, que ministrava aulas particulares bem mais baratas em sua casa, visando prejudicar a escola da comunidade. Logo me arrependi desta decisão, mas agora era tarde demais e assim precisei agüentar o que podia. Em pouco tempo percebi que não era possível continuar desse jeito, demití-me então para dar lugar a meu antecessor.

Mas, em seguida ele foi demitido e novamente assumi o cargo. A alegria durou alguns anos, então novamente eu não valia mais nada, sendo demitido pela segunda vez. Todo tempo de professor neste distrito, nada mais foi do que uma luta constante contra a estupidez e as intrigas por parte dos associados, daqueles, pelos quais não era benquisto. Finalmente cansei da luta e desisti definitivamente deste emprego. Mas antes ainda quero esclarecer algo sobre o espírito que dominava nesta comunidade.

Quando um dos associados soube que eu também lecionava português veio a mim para proibir esta bobagem.

- Mas, Sr. - retruquei - nós estamos no Brasil e não na Alemanha, conseqüentemente precisamos do vernáculo.

- Que nada - retrucou rudemente - só por isso ainda não somos brasileiros! Somos alemães e meus filhos só devem falar o alemão.

Quis convencê-lo de como seria vantajoso se nossos filhos soubessem falar, ler e escrever em português, mas foi em vão. Ele não quis tomar juízo, permanecendo com sua exigência. Não dei atenção a isto e continuei a lecionar português a seus filhos, como aos demais alunos.

Pouco tempo depois tive de preencher um título de dívida para um outro associado, e o acima mencionado foi testemunha. Os dois ainda agora tinham se manifestado contra o vernáculo, tanto que resolvi convencer os bons alemães da utilidade do mesmo. O título de dívida era de 100 mil-réis, sendo o cancelamento em três meses, mas eu coloquei 1000 mil-réis sem mencionar o cancelamento. Com isto, e de acordo com a lei vigente, o título teria direito cambial e resgatável a qualquer momento. Sem pensarem em nada de mal ambos assinaram e queriam se afastar.

- Oh - exclamei - esperem um pouco, esqueci de ler o papel para vocês.

O credor devolveu o papel e eu o li fielmente. Ainda hoje preciso rir das caras que os legítimos alemães fizeram. Desta vez, eles haviam caído direitinho com seu desprezo pelo vernáculo. Apesar desta prova evidente continuaram insistindo que seus filhos não tinham necessidade do vernáculo.

Então falei: "Vamos ver a questão sob outro ângulo. Vocês tiveram de me pagar pelo título, apesar de ter cobrado a metade que outro teria exigido, gabei um mil-réis em dez minutos. Este dinheiro vocês poderiam ter ganho se domi-

kommt, seid ihr eine Null. Ihr könnt ein guter brasilianischer Bürger sein, ohne eure deutsche Abstammung zu verleugnen. - "Seht", fuhr ich eindringlich fort, "es ist ein Glück, daß nicht alle Eingewanderten so denken und - wenn sie irgend können - ihre Kinder Portugiesisch lehren lassen. Die Gemeinde meiner ersten Schule z.B. war herzlich froh, als ich mit ihren Kindern den Portugiesischunterricht anfang, und sie gaben mir freiwillig eine kleine Extravergütung dafür. Von euch aber verlange ich gar nichts weiter, als daß ihr die nötigen Bücher dann anschafft". "Das ist auch schon genug", fiel mir der eine Schlauberger in die Rede. "Da sollen Bücher sein, dann fehlt noch dies und jenes, und zuletzt wird's ein ganzer Haufen Geld. Wir können das nicht durchsetzen! Nun wurde ich ärgerlich und erwiderte: "Das Geld ist aber nicht weggeworfen und steht in gar keinem Verhältnis zu dem Nutzen, den eure Kinder davon haben. Ihr trinkt freilich lieber ein paar Flaschen Bier dafür!" Da kam ich aber schön an. - "Was?" schrie der eine gute Deutsche. "Du brauchst unser Bier nicht zu bezahlen!" - "Schon recht; aber eure Kinder müssen darunter leiden, und für die spreche ich". - "Wir wissen allein, was wir unseren Kindern schuldig sind", sagte ein anderes Mitglied: "wir brauchen dich nicht als Vormund". - "Das scheint mir auch so", erwiderte ich ironisch und schwieg, denn ich sah ein, daß meine lange Predigt gänzlich ohne Wirkung geblieben war. Gegen die Dummheit kämpfen selbst die Götter vergebens, sagt ein Dichter mit Recht.

Aber noch andere gute Seiten zeigten mir meine Freunde. Bald kam der eine gelaufen: "Was, du hast meinen Jungen geprügelt?! Du brauchst gar keinen Stock in der Schule, weißt du das! - Man muß die Kinder mit Worten regieren, aber nicht mit Schlägen. Das Vieh wird geschlagen, aber nicht die Menschen. Verstehst du? - Du bist ja ein Schinder, ein Wüterich, ein Tyrann! - Du sollst die Kinder strafen, aber nicht mißhandeln verstanden? - Ich lasse mich streichen und schicke meine Kinder nach -" "Meinetwegen nach Buxtehude", unterbrach ich den aufgebracht Mann, "und wenn du mir einen Gefallen tun willst, so gehe gleich mit". - Da hatte ich aber getroffen! Wie ein Platzregen fielen die Schimpfwörter auf mich armes Schulmeisterlein. Zum Glück blieb ich kalt dabei, ließ ihn austoben und sagte dann ruhig: "Wenn du Klage gegen mich hast, mußt du zum Vorstand gehen". - "Das will ich auch. Gleich auf der Stelle gehe ich hin! Du mußt fort! Du mußt fort!" So schrie der Mensch in seiner Wut und rannte schnurstracks - ins Wirtshaus.

Ein paar Tage darauf kommt ein anderer Hofmeister: "Nur immer strenge! Wozu wachsen denn die Stöcke im Walde? Immer druff gewichst! Aber feste daß sie's auch spüren! Mit Güte richtet man bei den Buben nichts aus, da kann nur der Knüppel helfen! Sie müssen nicht so nachgiebig sein, Herr Lehrer! Passen Sie mal auf, die Rangen spielen Ihnen bald auf der Nase herum. Sie werden

nassem o vernáculo, além disso perderam tempo e ainda gastaram na taberna. E a quantas outras centenas de pessoas acontece a mesma coisa. Em se tratando de documentos importantes não sabem como agir; precisam pagar caro, tanto que vão ficar com os cabelos em pé, além disso, nem sabem o que está escrito. Jamais podem ocupar um cargo público ou administrar um negócio. Caso ultrapassem a divisa de Blumenau não sabem o que fazer, refiro-me principalmente a seus filhos. Resumindo: vocês serão uma nulidade onde se fala o vernáculo. Contudo, podem ser bons cidadãos brasileiros sem negar a descendência alemã.

Prosegui com insistência: "Felizmente nem todos os imigrantes pensam assim, pois na medida que podem deixam seus filhos aprender o português. Por exemplo: a primeira comunidade na qual atuei ficou muito contente que comecei a lecionar o português, dando-me espontaneamente um dinheiro extra por isso. De vocês não estou pedindo nada mais do que os livros necessários."

- Mas isto também já é o suficiente - retrucou um dos espertinhos. Tem que ter livros, daí falta isto ou aquilo e no final das contas será um monte de dinheiro. Isto nós não conseguiremos.

Comecei a me irritar e respondi:

- Mas não é dinheiro jogado fora, e não tem nem comparação com o benefício que seus filhos terão. Com certeza preferem tomar algumas cervejas em vez disso.

Isso foi um pouco demais para eles.

- O quê? - gritou em bom alemão. Não és tu que precisas pagar nossa cerveja!

- Tudo bem, mas eu digo: seus filhos vão sofrer por isso.

- Nós sabemos o que devemos a nossos filhos.

Um outro associado falou:

- Não precisamos de ti como tutor.

- A mim também parece assim - retruquei ironicamente e me calei, pois vi que toda minha prédica havia sido inútil. Como diz um poeta com toda razão: "Contra a ignorância até os deuses lutam em vão."

Meus amigos ainda vieram com outras poucas e boas. Um deles veio dizendo: "Bateste em meu filho? Não precisas usar a vara na escola, isto tu sabes! As crianças precisam ser ensinadas com palavras e não com tapas. Bate-se em animais, mas não nas pessoas. Entendeste? Tu és um algoz, um bárbaro, um tirano! Deves castigar as crianças, mas não maltratá-las. Vou riscar-me da lista e mando meus filhos para outra escola."

- Por mim para onde o diabo perdeu as botas - disse interrompendo o

sehen, daß ich recht habe..." - Dann kam der dritte: "Ich weiß gar nicht, wenn ich an der Schule vorbei komme, ist alles so mäuschenstill - ich glaube, der Lehrer schläft mitsamt den Schülern". - Ein vierter meint kopfschüttelnd: "Ich weiß nicht, wenn ich an der Schule vorbeikomme, ist jedesmal ein Spektakel, als ob der Lehrer mitsamt den Kindern toll geworden sei!" - Und gar erst die lieben Weiber! "Wissen Sie, Herr Lehrer, ich möchte gern ein Wort im Vertrauen mit Ihnen reden". - "Nun, was gibt's denn?" - "Ach, wissen Sie, meine Tochter, die Gretchen, wird nächstes Jahr schon konfirmiert. Eigentlich sollte sie schon dies Jahr konfirmiert werden, aber weil sie so spät in die Schule kam - na ja - sie ist schon beinahe ausgewachsen und - na ja - Sie verstehen schon, was ich meine - na ja - und der große Junge von N. läßt ihr unterwegs keine Ruhe, er will sie immer - na ja - Sie wissen schon, was ich meine. Ich wollt Sie bitten, daß Sie morgen doch den langen Lümmel mal über die Bank legen und - -" "Das kann ich nicht, liebe Frau", unterbrach ich die um die Ehre ihrer Tochter besorgte Mutter, "wenn ich den Bengel deswegen züchtige, mache ich die ganze Klasse aufmerksam darauf und damit die Sache noch schlimmer. Sprechen Sie doch lieber mit dem Vater, oder nehmen Sie die Tochter ganz aus der Schule, das wird das beste sein". - "Soo! Ich will aber Ruhe auf dem Wege haben, und Sie sind dazu da, daß auf dem Wege nichts passiert zwischen den Schulkindern, wissen Sie das!" - Heiliger Antonius von Padua! Also auch noch als Tugendwächter unterwegs aufpassen! Da aber die Schüler von vier verschiedenen Seiten nach der Schule kamen, hätte ich mich in vier Teile zerstückeln müssen, um jeden einzelnen Weg zu überwachen. Ich setzte das der guten Frau auseinander, aber sie meinte dazu: "Wenn Sie die Kinder in der Schule wegen solcher Vorkommnisse nicht strafen wollen, so müssen Sie unterwegs aufpassen. Sie können ja heute den und morgen den anderen Weg gehen, das soll schon helfen!" - "Freilich, freilich", erwiderte ich darauf, "Sie haben sehr recht, daran hab ich gar nicht gedacht". - Die einfältige Frau nahm das für Ernst und sagte erfreut: "So wollen Sie also von morgen an mitgehen?" - "Natürlich! Aber Sie dürfen nichts verraten, ich will nämlich heimlich hinterher schleichen, und wenn ich etwas Unrechtes merke, springe ich vor und züchtige die Betreffenden". "Ach, das ist schön! Das ist recht! Nee, nee, ich werd mich hüten, was zu sagen! Nee, nee, da können Sie sich drauf verlassen".

Also ging die Frau beruhigt nach Hause und - ich auch -. Ich gab aber dem Herrn Musjö Langbein einen kleinen Wink im geheimen, und das mußte geholfen haben; denn ich hörte keine Klage mehr über ihn. - Aber noch ganz andere Dinge wurden von mir verlangt, doch das schlimmste von allern war, daß die mir feindlich Gesinnten zu Hause in Gegenwart ihrer Kinder geringschätzig und übel von mir sprachen und ich dadurch die Autorität bei meinen Schülern verloren hatte. Darum warf ich der Gemeinde mein Lehramt vor die Füße. Es ist aber doch

homem exaltado - e se quiseres fazer-me um favor, vá com eles.

Mas agora eu havia acertado em cheio! Os palavrões caíram sobre mim como uma enxurrada. Eu pobre professorzinho! Felizmente me mantive sob controle, deixei que se acalmasse e disse calmamente:

- Se quiseres dar queixa, dirija-te à direção.

-É isto mesmo que quero! Farei imediatamente! Precisas ir embora! Precisas ir embora!

Assim o homem ficou gritando enfurecido e se dirigiu diretamente... à taberna.

Alguns dias depois veio um outro capataz e disse: "Deves ser sempre muito severo! Para que senão crescem as varas no mato? Bate neles! Mas com força para sentirem! Nestes meninos não se consegue nada com bondade, o que ajuda é o varapau! O Sr. não pode ser tão tolerante, sr. Professor! Cuide-se, os moleques vão fazer gato e sapato do Sr. Vai ver que tenho razão..."

Então veio o terceiro: "Eu não entendo, quando passo em frente à escola tudo está tão quieto... eu acho que o professor e os alunos estão dormindo."

Um quarto fala balançando a cabeça: "Eu não sei o que é, mas quando passo em frente da escola ouço uma algazarra, como se o professor e os alunos tivessem ficado doidos!"

E das queridas mulheres então nem se fala!

- Sabe, professor, gostaria de uma palavra à parte.

- Bem, o que há?

- Como o Sr. sabe minha filha, a Gretchen, será confirmada no próximo ano. Na verdade ela já deveria ser confirmada este ano, mas como entrou muito tarde na escola, bem... como já está praticamente crescida, pois é... o Sr. compreende o que quero dizer... é que o rapagão do N. não a deixa em paz, ele anda atrás dela, pois é... o Sr. já sabe o que quero dizer. Eu gostaria de lhe pedir para dar uma chamada a rigor no rapagão...

Interrompi a mãe preocupada com a honra de sua filha dizendo:

- Cara Sra., isto eu não posso fazer, pois se o castigar por causa disso chamarei a atenção de toda classe e assim irei piorar a situação. Quem sabe a Sra. fala com o pai ou tira sua filha da escola, talvez isso fosse o melhor.

- Ah...é! Mas eu quero que haja tranquilidade no caminho da escola e, o Sr. está aí para que não aconteça nada às crianças, isto o Sr. sabe!

Santo Antônio de Pádua! Agora ainda teria de ser o zelador da virtude, para que não acontecesse nada pelo caminho. Como os alunos vinham dos quatro cantos, seria obrigado a me dividir em quatro para supervisionar cada caminho.

bitter genug, wenn nach einer Reihe von Jahren alle Mühe eines Lehrers an dem bösen Willen und dem Unverstand der Eltern verlorengiht. - Mir ist es so ergangen, und ich habe nur den Trost behalten, meine Schuldigkeit nach bestem Willen und ganzen Kräften getan zu haben!

*Anmerkung: Hiermit endet die Niederschrift von Karl Kleine, in der Mitte der Seite 1111 und noch am Anfang des 35. Schulheftes, denen er seine Erinnerungen anvertraute. Es ist aber anzunehmen, daß er vorhatte, noch weitere Hefte zu beschreiben, denn ganz am Schluß heißt es: Doch genug von diesem Kapitel! Gehen wir lieber zu etwas anderem über. Dann folgt ein langer Strich - und die anderen Hefeseiten blieben leer. Es ist auch nicht ersichtlich, in welchen Jahren er die Aufzeichnungen verfertigt hat. An seiner wechselhaften Schrift aber ist zu erkennen, daß er über einen längeren Zeitraum daran gearbeitet haben muß. Er hat, wie es damals noch üblich war, in gotischer Schrift geschrieben.*

*Karl Kleine starb in Blumenau am 11. März 1922, etwas mehr als einen Monat nach seinem 73. Geburtstag, und sein "blonder Krauskopf", Mutter seiner zehn Kinder und treue Lebensgefährtin Katharina Jensen, die er in seinen Schilderungen nie bei ihrem Namen genannt hat, folgte ihm schon nach nicht ganz drei Monaten im Tode nach. Seine am 14.3.1891 an der Ruhr gestorbene Tochter hieß Jenny und war 11 Jahre und drei Monate alt, als sie starb.*

*Karl und Katharina Kleine haben in der näheren und weiteren Umgebung Blumenaus eine sehr zahlreiche Nachkommenschaft hinterlassen.*

Tentei explicar isso à boa mulher, mas ela opinou o seguinte:

- Se o Sr. não quer castigar as crianças na escola por ocorrências assim, então precisará cuidar deles no caminho. Um dia o Sr. pode ir por um lado, outro dia por outro, isto ajudaria!

- Certamente, certamente - respondi - a Sra. tem todo direito, nem havia pensado nisso.

A simplória mulher levou a sério e falou com alegria:

- Então a partir de amanhã o Sr. irá junto?

- Naturalmente! Porém a Sra. não deve contar a ninguém, pois eu irei furtivamente atrás deles, caso notar alguma coisa errada vou pular à frente e castigar a pessoa em questão.

- Ah, mas isto é muito bom! Assim está certo! Não, não, eu não sou tola de contar. Não, não, pode confiar.

Assim a mulher seguiu mais tranqüila para casa e... eu também. Fiz um sinal às escondidas ao Sr. Musjō Langbein (sic), e ao que parece ajudou, pois não ouvi mais queixa alguma sobre o mesmo. No entanto, exigiram bem outras coisas. O pior, eram os pais que tinham animosidade à minha pessoa, falavam mal de mim em frente a seus filhos e desta maneira perdi a autoridade sobre eles. Por isso joguei meu cargo de professor aos pés da comunidade. Mas é muito amargo ver o esforço de muitos anos de um professor perder-se diante da má vontade e da ignorância dos pais. Foi o que me aconteceu! Meu consolo foi ter cumprido meu dever com a melhor boa vontade e com o máximo de empenho.

Nota: O escrito de Karl termina assim no meio da página 1111 do 35º caderno escolar, ao qual confidenciou suas memórias. Ao que tudo indica ele tinha a intenção de continuar a escrever, porque no final menciona: basta com este capítulo. É melhor mudar de assunto. Segue um grande risco e as demais páginas do caderno ficaram em branco. Também não fica claro quando foram feitas estas anotações. Pela diferença que há em sua letra, percebe-se que deve ter trabalhado nisto durante um longo período. Escreveu em letra gótica, como de praxe naquela época.

Karl Kleine faleceu em Blumenau em 11.03.1922, um pouco mais de um mês após seu aniversário. Sua "cabeça lourinha encaracolada", mãe de seus dez filhos e fiel companheira, a qual nunca mencionou pelo nome em seus escritos, o seguiu menos de três meses depois. Sua filha vitimada pela disenteria infecciosa chamava-se Jenny e ao falecer tinha 11 anos e três meses. Karl e Katharina Kleine deixaram uma descendência numerosa nos arredores de Blumenau.

### - De Portugal e da Europa Medieval para o Brasil-Meridional

TEXTO:  
WALTER PLAZZA\*



*Tratar de medievalidade portuguesa não é tarefa fácil.*

*A leitura dos diversos autores, salientados e analisados por MERÊA<sup>1</sup> nos mais diversos aspectos que o problema apresenta e define as opiniões a respeito, muitas vezes contraditórias.*

*Numa outra leitura AGOSTINHO DA SILVA<sup>2</sup> registra a permanência da medievalidade portuguesa até os tempos presentes.*

*Os traços da medievalidade despontam, em vários momentos, na cultura brasileira, quer na organização social, política e econômica, devidamente formalizada em regimentos, alvarás e outras manifestações, quer ainda na tradição popular, expressa em diversas formas.<sup>3</sup>*

#### 1. O “paraíso terreal” e a terra de “la cucagna”

O descobrimento do Brasil, tal como o da América, está ligado à afirmação de que, aquém-Atlântico localiza-se o “paraíso terreal”, como o vislumbraram aqueles que primeiro aportaram à região, fossem viajantes, militares, evangelizadores e que disseminaram as idéias de riquezas materiais (ouro, prata), além da exuberância da flora e da fauna, com os seus rios caudalosos e piscosos, com variedade imensa de produtos comestíveis, e cujos habitantes (os indígenas da floresta tropical) viviam em condições paradisíacas.<sup>4</sup>

Deve-se assinalar, desde logo, que aos indígenas somou-se o contributo africano (notadamente bantu e excepcionalmente ioruba) e portugueses, quer continentais, quer insulanos.

Açorianos e madeirenses formaram o grande substrato português no Brasil-Meridional, no século XVIII, face a migração maciça de mais de seis mil açori-

\* Historiador, autor de inúmeras obras relacionadas à história de Santa Catarina, livre Docente em História, Doutor em Ciências Humanas e ex Presidente do Instituto Histórico Geográfico de Santa Catarina

anos e de meia centena de madeirenses, que se fixaram, inicialmente no litoral sul-brasileiro e depois foram adentrando às matas e campos da região, trazendo consigo aspectos culturais próprios de comunidades que viveram isoladas em suas ilhas e que, por dois séculos, também aqui ficaram imunes à outras influências.<sup>5</sup>

Tal fato deve ser, em parte, atribuído à legislação portuguesa impeditiva de ingressos de membros de outras nacionalidades no território brasileiro, notadamente se não fossem católicos e de nações aliadas.

Com a transmigração da Família Real Portuguesa (1808) a política imigratória brasileira tornou-se mais receptiva e, já, a partir de 1816, tem-se ingresso de suíços, seguidos de falantes da língua germânica da Europa Central, e de 1836 – uma tímida experiência com falantes da língua italiana –, que engrossa da forma expressiva e avassaladora, a partir de 1875<sup>6</sup>, todos procurando melhores condições, de sobrevivência e em busca da abundância e da liberdade.<sup>7</sup>

Assim, tem-se um processo aculturativo intenso que, de certo modo, pode ser avaliado timidamente através dos estudos de cultura popular.<sup>8</sup>

Com os falantes de língua italiana se desenvolve o ideal de “la cucagna”, atrelado à necessidade de “fare l’América”, porquanto era a busca da terra da abundância para os famélicos europeus do último quartel do século XIX ou, ainda, a terra da juventude e, também, da liberdade e da ociosidade.

## 2. O caldeamento da cultura popular portuguesa com outras culturas mediterrâneas no Brasil

Além de algumas aplicações legais que demonstram a relação da medievalidade com a modernização capitalista no sistema português qual seja o sistema das capitanias hereditárias, com os donatários, aos quais se subordinam todos os habitantes da capitania respectiva.<sup>9</sup>

Estudando a formação da sociedade luso-brasileira tem-se a ocupação sistemática do litoral atlântico e, progressivamente, o avanço para as terras interiores, utilizando os rios navegáveis, até onde pudessem penetrar e, em alguns casos era efetuada com a reutilização dos caminhos indígenas, os chamados “peabirus”<sup>10</sup>, que foram sendo alargados com o uso continuado por animais, por veículos de carga ou de transporte de pessoas.<sup>11</sup>

## 3. A persistência da cultura medieval: o messianismo

Entretanto, o traço mais marcante da cultura medieval que deixou seu emblema no território brasileiro foram as ações messiânicas, quer em Canudos,<sup>12</sup> quer no “Contestado”.<sup>13</sup>

Em ambos estão presentes as características do “sebastianismo”/ “messianismo”,<sup>14</sup> incorporados em várias facetas da cultura popular brasileira, como as “cavalcadas” (lutas entre mouros e cristãos).<sup>15</sup>

No tocante ao “Contestado”, amplamente analisado quanto às suas mais diferentes faces, ressalta-se, desde logo, a utilização – em 1912 – da “História de Carlos Magno e os doze pares de França”, como orientação não só na organização militar dos rebelados caboclos dos sertões do atual Estado de Santa Catarina, como a sua influência na vida familiar.

Neste sentido é deveras importante verificar-se, na região do conflito, o aparecimento de nomes como Olivério, Ricarte e Rolando (este grafado com Roldão).

A leitura fica, assim, condicionada aos dados disponíveis, que, com vagar e “engenho e arte” poderão ser ampliados.

#### 4. Conclusão

Fica, pois, em aberta, a discussão dos termos que expressam a continuidade da “medievalidade” no Brasil-Meridional.

## NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1. MERÊA, M. Paulo. *Introdução ao problema do feudalismo em Portugal*. Coimbra, 1912.

2. SILVA, (George) Agostinho (Baptista) da. *Aulas de Cultura Ibérica*, Florianópolis, Faculdade Catarinense de Filosofia, policopiado, 1956/1957, e *Reflexão à margem da literatura portuguesa*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, Cadernos da Cultura, n° 103, 1957.

3. BLOCH, Marc. *La société féodale. La formation des liens de dépendance*. Paris, Ed. Albin Michel, 1949; e *La société féodale. Les classes et le gouvernement des hommes*. Paris, Ed. Albin Michel, 1949.

4. HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do paraíso. Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 5ª ed., 1992. 365 p.

5. PIAZZA, Walter F. *A epopéia açórico-madeirense (1748-1756)*. Florianópolis, co-ed. Ed. da Universidade Federal de Santa Catarina - Ed. Lunardelli, 1992, 488 p. e 2ª ed. revista, Funchal ed. Centro de Estudos de História do Atlântico, Secretaria Regional do Turismo e Cultura, Governo da Região Autónoma da Madeira, 1999. 393 p. Disponível em World Wide Web: <http://www.nesos.net> ou <http://www.ceha.madeira.net>,

Sobre a expansão para o Rio Grande do Sul e Uruguai, ver:

BORGES-FORTES, João. Gal. *Casais*. Porto Alegre, Ed. do Centenário Farroupilha, 1932.

*Rio Grande de São Pedro*. Rio de Janeiro, Ed. Biblioteca Militar, v.37, 1941.

CÉSAR, Guilhermino. *História do Rio Grande do Sul - Período Colonial*. Porto Alegre, Ed. Globo, 1970.

WIEDERSPAHN, Henrique Oscar. *A colonização açoriana no Rio Grande do Sul*. Ed. Escola Superior de Teologia, - Instituto Cultural Português, 1979.

SILVEIRA, Gustavo Py Gomes da. *O fundador de Tupanciretã*. Porto Alegre, Ed. Livrosul, 1994.

DOMINGUES, Moacyr. *A Colônia do Sacramento e o sul do Brasil*. Porto Alegre, co-ed. Ed. Sulina - Instituto Estadual do Livro, 1973.

ASSUNÇÃO, Fernando O. *Da conquista da Colônia por D. Pedro Cevallos...* Rio de Janeiro, Revista do Instituto Histórico Brasileiro, ano 160, n° 404, jul-set. 1999, pp 569-600, especialmente p. 572: "Muy poça gente en el Rio de la Plata sospecha hasta qué punto es portuguesa", repetindo Virginia Carreño. 1968.

NEIS, Ruben. *Guarda Velha do Viamão*. Porto Alegre, Ed. Escola Superior de Teologia, 1975. FLORES, Moacyr. *Influência açoriana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, *Revista da Academia Rio-Grandense de Letras*, n° 11, 1991. p. 62-69.

6. PIAZZA, Walter F. *Colonização de Santa Catarina*. Porto Alegre, Ed. Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE) 1982, 311 p.; 2ª ed., Florianópolis, Ed. Lunardelli, revista e ampliada, 1988, 372 p.; 3ª ed., Florianópolis, Ed. Lunardelli, 1994, 372p.

*A colonização italiana em Santa Catarina*. Florianópolis, Ed. do Governo do Estado de Santa Catarina, 1976. 89p.

*Italianos em Santa Catarina* (organizador) (com doze colaboradores). Florianópolis, Ed. Lunardelli, 2001, 2v., 1144p.

DIEGUES JÚNIOR, Manuel. *Regiões culturais do Brasil*. Rio de Janeiro, Ed. Centro Brasileiro de pesquisas Educacionais, 1960.

*Ocupação humana e definição territorial do Brasil*. Rio de Janeiro, Ed. Conselho Federal de Cultura, 1971.

7. FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Cocanha, a história de um país imaginário*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

SANTOS, Roselys Izabel Correa dos. *A terra prometida. Emigração italiana: mito e realidade*. Itajaí, SC, Ed. Universidade do Vale do Itajaí, 1998.

BALDIN, Nelma. *Tão fortes quanto a vontade (História da Imigração Italiana no Brasil: os vênetsos em Santa Catarina)*. Florianópolis, co-ed. Ed. UFSC - Ed. Insular, 1999.

GROSSELLI, Renzo M. Gabelle, *militarismo ed altro. Alla radice del mito americano nel Trentino Austriaco*. In "Emigrazione: memorie e realtà." Trento, 1990. p. 217-237.

8. COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE, Rio de Janeiro. *Documentos*, 1997.87 p. Resumo de 580 documentos, a partir de 1948, "não apenas para o conhecimento da evolução das idéias nessa área de estudos, como também para melhor conhecimento das manifestações de cultura popular específicas das diversas regiões brasileiras." Deve-se esclarecer que a Comissão Nacional de Folclore funciona como organismo do Instituto em Brasileiro para Educação, Ciência e Cultura, sendo, portanto, buro da Unesco na Nação Brasileira.

9. BOXER, C. R. *O Império Colonial Português*. Lisboa, Edições 70, 1969. P. 110.

10. CORTESÃO, Jaime. *História do Brasil nos velhos mapas*. Rio de Janeiro, Ed. Ministério das Relações Exteriores - Instituto Rio Branco, 1965, 2 Tomos. Em especial: Tomo 1, Parte I, cap.2: Fundamentos pré-históricos: o aborígene nas suas relações com a terra, pp. 21-43.

EDELWEISS, Frederico. *Tupis e Guaranis: estudos de etnonímia e lingüística*. Salvador, Ed. Museu da Bahia, n° 7, 1947.

SAMPAIO, Teodoro. *O tupi na geografia nacional*. Salvador, Ed. Câmara Municipal, 4ª ed., 1955.

11. GOULART, José Alípio. *Meios e instrumentos de transporte no interior do Brasil*. Rio de Janeiro, Ed. Ministério da Educação e Cultura - Serviço de Documentação, 1959.

12. CALAZANS, José. *No tempo de Antonio Conselheiro*. Salvador, Universidade da Bahia, 1959 (com extensa bibliografia).

13. A bibliografia sobre o "Contestado" é ampla e variada. São fundamentais para a relação com a "medievalidade".

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *La Guerre Sainte au Brésil. Le Mouvement messianique du Contestado*. São Paulo, Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, 1957.

QUEIROZ, Maurício Vinhas de. *Messianismo e conflito social, a guerra sertaneja do Contestado, 1912-1916*. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1966.

OLIVEIRA, Fernando Oswaldo de. *O jagunço num episódio da Guerra do Contestado*. Florianópolis, Imprensa Oficial do Estado, 1978.

MONTEIRO, Douglas Teixeira. *Os errantes do novo século - um estudo sobre o surto milenarista do Contestado*. São Paulo, Ed. Duas Cidades, 1974.

LUZ, Aujor Ávila da. *Os fanáticos. Crime e aberrações da religiosidade dos nossos caboclos*. Florianópolis, Ed. do autor, 1952; 2ª ed., Florianópolis, Ed. da UFSC, 1999 (com pós-fácio de Walter F. Piazza).

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *João Maria, interpretação da campanha do Contestado*. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, col. "Brasiliana", v. 310, 1960.

PIAZZA, Walter F. *Contestado: uma reflexão*. in *Contestado. Obra coletiva: "Contestado"*. Rio de Janeiro, Ed. Index, 1987, p. 69-104.

14. HERMANN, Jacqueline. *No reino do desejado, a construção do sebastianismo em Portugal: séculos XVI e XVII*. São Paulo, Ed. Companhia das Letras, 1998.

15. Sobre "cavafiadas":

CASCUDO, Luis da Câmara. *A vaquejada nordestina e sua origem*. Natal, Ed. Fundação José Augusto, 1976.

BRANDÃO, Theo. *Cavaliadas de A lagoas*. Rio de Janeiro, Ed. Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, "Cadernos de Folclore" nº 24, 1978.

1 Prof.Dr. Aposentado da Universidade Federal de Santa Catarina . Autor de vários obras na área da História de Santa Catarina. Organizador do obra

## Artigos

### – Como a glória dos homens também passa a glória dos vapores <sup>1</sup>

TEXTO:  
JOSÉ FERREIRA DA  
SILVA <sup>2</sup>



Há, ainda hoje, quem ache mal escolhido o local em que assenta a cidade de Blumenau. Terreno acidentado, cortado de inúmeros ribeirões e córregos deslizando por planícies estreitas, facilmente alagáveis, certamente aqui não era o ideal para um traçado urbano, mesmo de reduzida ambição a grande cidade. O Dr. Blumenau, bem que poderia ter lançado os fundamentos da sede do seu empreendimento nas planícies de Gaspar, do Belchior, ou mesmo no Vale do Itoupava, por onde o rio não corre tão apertado entre alta morraria.

Acontece que os terrenos da concessão dada em 1850, ao Dr. Blumenau, começavam, mais ou menos, onde está hoje o Hotel Veraneio. Dali para baixo, as terras já estavam ocupadas por colonos de S. Pedro de Alcântara, como os Wagner, os Lucas, os Deschamps, os Schramm, e outros e por alguns caboclos que foram de grande valia aos primeiros colonizadores blumenauenses, orientando-os na construção dos ranchos, nas derrubadas do mato, nas plantações, no trato do gado, etc.

E acontece também que a navegabilidade do Itajaí-Açu só era fraca até Itoupava. Depois vinham as corredeiras e os saltos, percalços difíceis de serem vencidos, até mesmo por pequenas canoas. E o rio era a única via de comunicação da Colônia com o resto da Província e do mundo.

Uma via franca, sempre aberta, embora não isenta de tropeços e de perigos. Nada mais fácil e acertado, portanto, que a escolha do local. E, desde que a sede da Colônia foi se transformando de insignificante vilarejo, em esperançoso povoado, de sede de vila bem populosa em importante freguesia, foi sonho do fundador, dos homens de negócio e dos responsáveis pelo pro-

<sup>1</sup> Fonte: JSC, 23 e 24/04/1972, p. 2

<sup>2</sup> Idealizador da Revista Blumenau em Cadernos.

gresso do empreendimento, a criação de uma Companhia de Vapores para o transporte da já volumosa produção da Colônia para os mercados consumidores. Passageiros e cargas tinham que se utilizar de canoas, lanchas e lanchões. Isso não só dificultava o transporte, como o tornava bem mais moroso, sujeito sempre às condições do vento e das intempéries, com os riscos de danos e prejuízos muito aumentados.

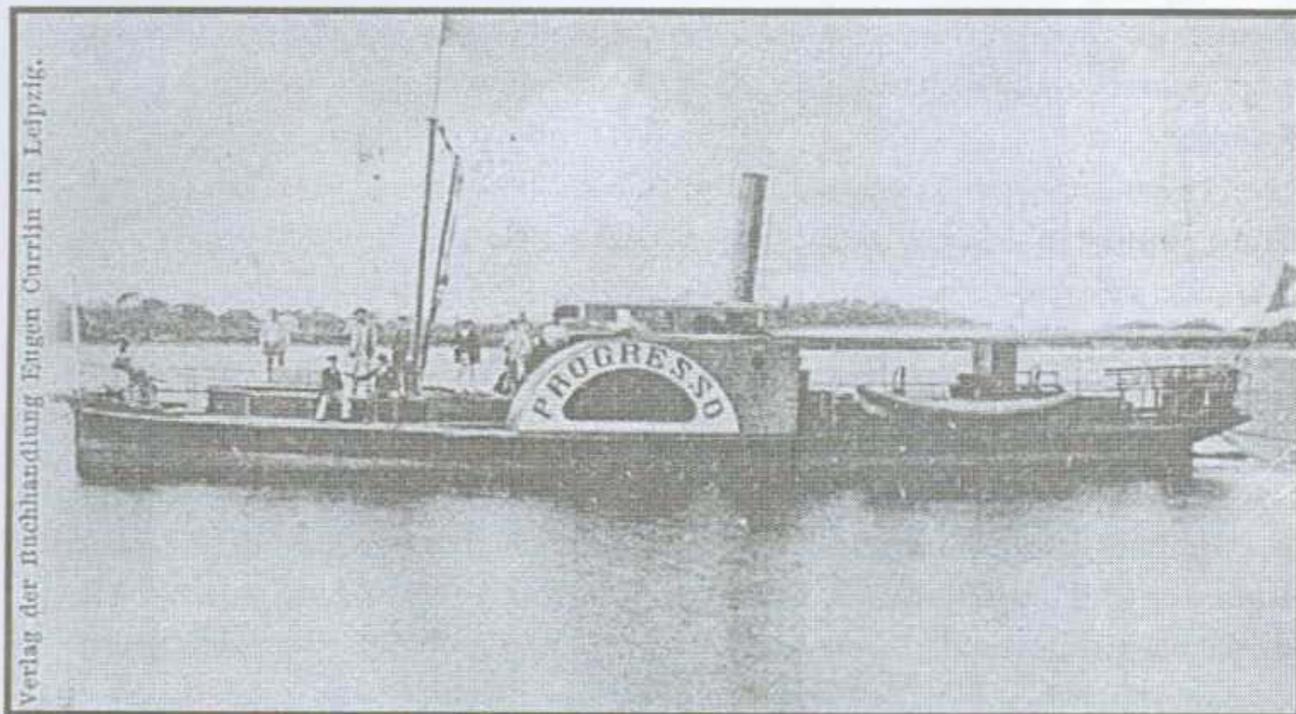
Em seus relatórios, o Dr. Blumenau lembrava, continuamente, aos governos do Império e da Província, a necessidade de se dar solução a tão premente problema, de vital importância ao desenvolvimento da região. Estranha-se, por isso, que em 1862, ele tenha dado parecer contrário ao pedido de um dos seus imigrantes, propondo estabelecer uma linha de vapores entre a Capital e os portos do norte da Província, com escala forçada em Blumenau.

Essa atitude, sem dúvida deve ter sido fundada em razões muito ponderadas, entre as quais não seria estranha a pouca confiança que inspirava a situação econômica e financeira, nada sólida do proponente e o seu caráter versátil de aventureiro. Da insistência do fundador resultou, já em 1873, que o navio “São Lourenço”, da Companhia Catarinense de Navegação, nas suas viagens regulares, duas vezes por mês, ao Norte da Província, subisse o Itajaí-Açu servindo ao comércio importador e exportador da Colônia Blumenau. Mas o “S. Lourenço” devido ao seu grande calado, não podia ultrapassar as corredeiras de Belchior, tendo que se contentar com as estadias no porto de Gaspar, de onde as mercadorias e passageiros eram transportados por terra, ou em pequenos barcos, ao seu destino. Somente uma vez, o “S. Lourenço” aproveitando uma grande enchente do rio, veio até Blumenau. O notável catarinense, Virgílio Várzea, como filho do comandante do vapor, participou desta viagem e, mais tarde, publicou um interessante relato da pitoresca e perigosa subida.

Afinal, em 1878, comerciantes de Blumenau e de Itajaí com o apoio de alguns de Desterro e de Brusque, decidem fundar a “Companhia de Navegação Fluvial a Vapor Itajaí-Blumenau” e encomendar imediatamente, em um estaleiro de Dresde, na Alemanha, um pequeno vapor de rodas. Este, batizado com o sugestivo nome de “Progresso”, veio no ano seguinte e, durante três decênios, serviu galhardamente ao desenvolvimento da Colônia e do Município.

E, quando, com o crescimento do comércio e a diminuição de sua própria capacidade, já não dava mais conta do trabalho, o “Progresso” reclamava um substituto de maior capacidade. A Companhia de Navegação mandou construir

outro vapor de rodas, bem maior que o primeiro. O qual foi denominado “Blumenau”. Para acompanhar os trabalhos e fiscalizar a construção, Luiz Sachtleben,



Verlag der Buchhandlung Eugen Curtin in Leipzig.

Vapor Progresso

Presidente da Companhia, seguiu para a Alemanha. Ali adoeceu gravemente e, mal o barco deixara os estaleiros, veio a falecer longe de sua cidade e de sua família.

O “Blumenau” veio desmontado. No porto de Itajaí, em estaleiro próximo à atual Praça Lauro Müller, foi reajustado e posto em condições de iniciar o seu glorioso destino. A viagem inaugural deu-se em junho de 1895, com a participação do governador Hercílio Luz, que nele tomou passagem para visitar oficialmente a nossa cidade e participar da grande festa dos Atiradores, então o maior acontecimento social de Blumenau.

Tanto o “Progresso” quanto o “Blumenau” prestaram assinalados serviços ao desenvolvimento econômico e cultural do Vale do Itajaí. Principalmente o último. Cumprindo maravilhosamente, o destino para que fora talhado, numa época em que o progresso de nossa cidade se acentuava de dia para dia, e com o início e desenvolvimento da incipiente industrialização, o “Blumenau”, muito mais que o “Progresso” assinalou em traços muito fortes, a sua atuação na vida dos

habitantes do Vale do Itajaí.

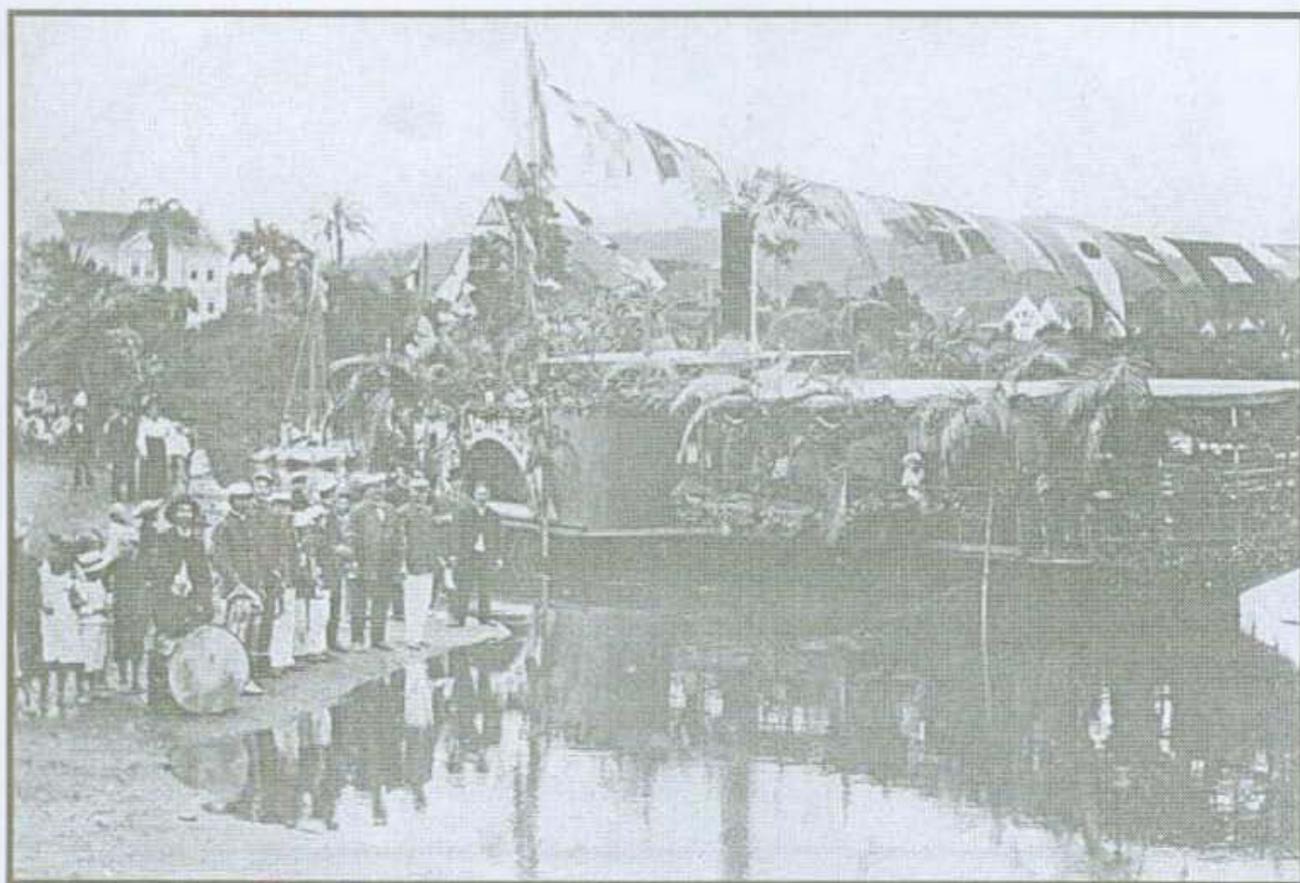
Fazendo três viagens por semana, entre Itajaí e Blumenau, a chegada do vaporzinho numa e noutra dessas cidades era sempre recebida com alegria e festas. Era ele que trazia, para os blumenauenses, as esperadas notícias de parentes da Alemanha e da Itália e levava, para o Velho Mundo, as lembranças e as saudades dos



Porto de Blumenau, local de embarque e desembarque de produtos.

que aqui haviam encontrado uma nova Pátria e um novo lar. Em seus porões e nos indefectíveis reboques, subiam e desciam o rio, as riquezas que o Município produzia, os bens de seu consumo, os instrumentos de sua cultura intelectual, representados em livros e periódicos. Bem acomodados em seus salões, decorados com muito bom gosto, vinham visitar-nos autoridades e pessoas ilustres, políticos, comerciantes, industriais e sábios, extasiados diante dos magníficos e pitorescos panoramas que se lhes iam a cada curva do rio, em boas cinco horas de viagem, cheias de agradáveis surpresas. E, não raro, companhias teatrais de revistas e de óperas, desciam em sua ponte de desembarque, para mais ou menos longas temporadas no velho "Frohsinn", na tradicional rua das Palmeiras.

Os elementos femininos deslumbrando, com os seus grandes chapéus de plumas “dernier cri”, as ingênuas e modestas moçoilas, agrupadas diante da escadaria do Hotel Holetz, onde geralmente os artistas se hospedavam. Ah! O vaporzinho “Blumenau”... Durante anos e anos, as suas grandes rodas de pás, batendo as águas do Itajaí -Açu, foram escrevendo a história das nossas alegrias e das nossas tristezas, sempre garboso, a ostentar, galhardamente, no mastro principal, a bandeira vermelha e branca da Companhia de Navegação e, na popa, o pavilhão Nacional, tremulando ao constante sopro da brisa impregnada do cheiro agridoce das flores do maracá silvestre, abundante em ambas as margens.

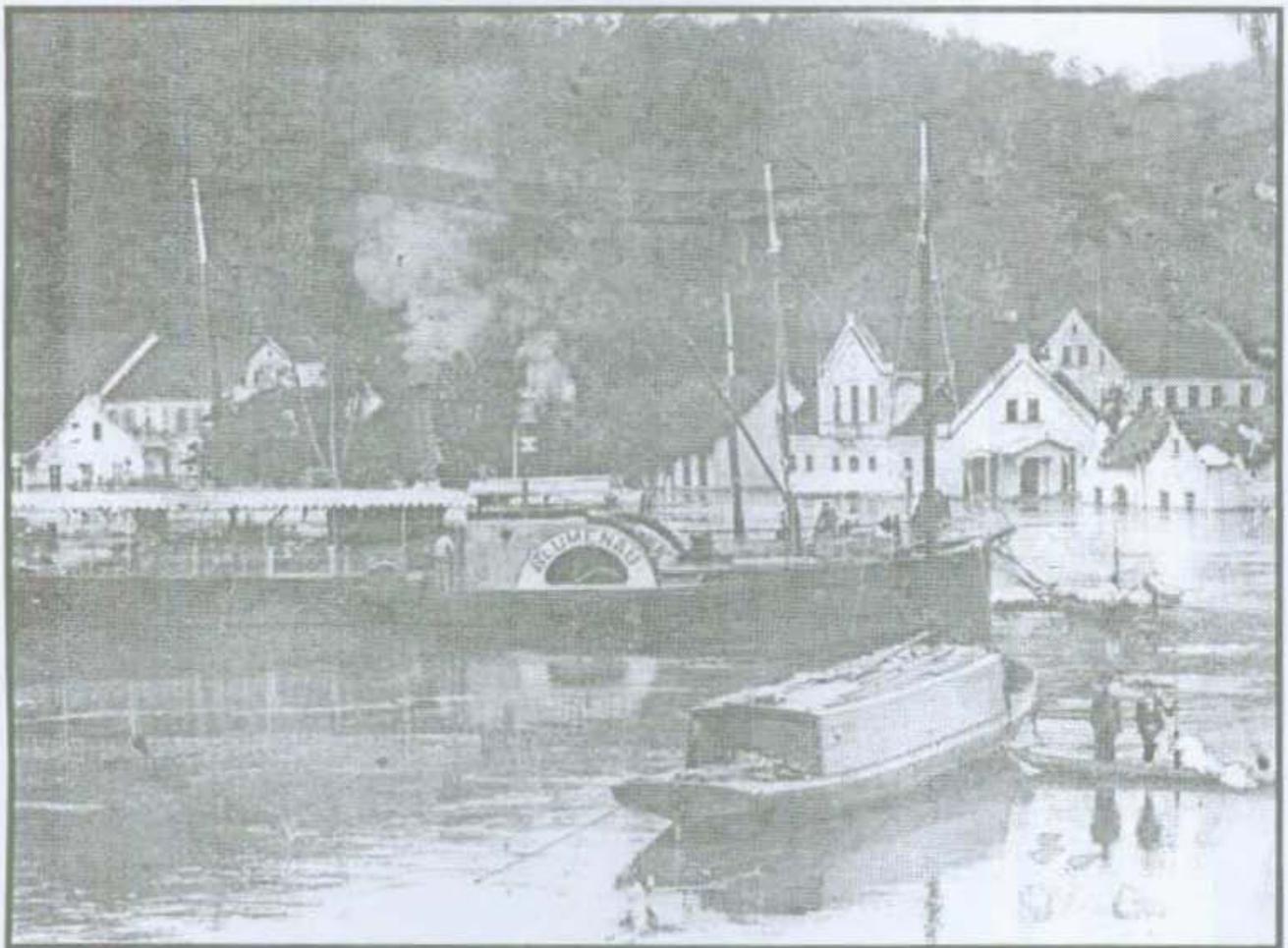


Festividades alusivas aos 25 anos de atividades do vapor Progresso, elo de ligação Blumenau-Itajaí.

Foto tirada em 9/12/1904.

Tarefa gloriosa sem dúvida, estendida também aos momentos difíceis da gente blumenauense. Em 1911, durante a enchente, de tão dolorosa memória, causadora de prejuízos sem conta o “Blumenau”, juntamente com o seu já decrépito

irmão, o "Progresso", prestou serviços inestimáveis à população. Não fora a atuação desses dois barcos, dos seus tripulantes, num trabalho matante, sem descanso, de dia e de noite, e certamente o número de vidas humanas sacrificadas teria sido bem maior. E agora, depois de uma vida tão gloriosa, ele ali está, decompondo-se no abandono e na ferrugem, desbotado e desarvorado, com velho decrépito e inútil, jogado às privações e à solidão de um asilo pobre. Vivendo de recordações e saudades. Morrendo deslembado e à mingua de cuidados. Como a glória dos homens, também passa a glória dos vapores.



Enchente de 1911 - Vapor Blumenau ancorado na Praça Hercílio Luz. Nos fundos, a antiga sede da Prefeitura Municipal.

## **Fragmentos de nossa história local**

---

### **- O Ministério da Fazenda e a Cooperativa Rural de Blumenau\***

Já por várias vezes temos assinalado como um fato altamente auspicioso e digno de nota e como uma das provas mais significativas do progresso do vizinho município de Blumenau, o desenvolvimento que ali tem tido ultimamente o cooperativismo ou, em geral o espírito de associação no comércio e na lavoura. Todos os que sabem avaliar a grandeza e a utilidade das instituições cooperativas, conhecem a propaganda que delas se tem feito em nosso país e as dificuldades que se tem encontrado para implantá-las, por não haver muitos centros preparados para compreender e praticar aquela idéia, é que, poderão verdadeiramente admirar o que, relativamente ao assunto, se passa em Blumenau, onde as cooperativas de todo gênero se fundaram com bastante facilidade e cada dia mais se ampliam e incrementam.

Não faz muito, rendendo homenagem ao espírito inteligente e progressista dos blumenauenses, ocupamo-nos de uma caixa econômica de iniciativa particular, criada em Blumenau há cerca de um ano, pela Cooperativa Rural.

Agora a respeito daquele nosso artigo lemos no "O País" de 17 de abril corrente a notícia que em seguida transcrevemos:

"O Senhor Ministro da Fazenda recomendou ao delegado fiscal em Santa Catarina que faça a mesa de rendas de Itajaí remeter ao Tesouro Federal os prospectos ou estatutos da Cooperativa Rural de Blumenau, que tem anexa uma caixa econômica de iniciativa particular, fato a que se refere o jornal "Novidade" de Itajaí."

Tal determinação como não é difícil de se ver, tem por fim verificar se a Cooperativa Rural de Blumenau está funcionando de acordo com a lei que entre nós regula as associações dessa ordem, sobretudo no que diz respeito à caixa econômica por ela fundada.

Infelizmente no Brasil a caixa econômica é



---

\* Fonte: Jornal "Novidades" Ano V N 256-Itajaí, 25 de abril de 1909.

ainda uma instituição exclusiva do Estado. As economias populares nela ficam acumuladas, não só fazendo crescer dia a dia a responsabilidade do Estado, como esterilizado, pela falta de liberdade em aplicá-lo, um grande capital que podia ser empregado no impulsionamento das forças produtivas da nação. Contra tal regime atrofiador e anti-econômico, de que lá muito se vem insurgindo os nossos mais esclarecidos homens públicos, apontando para os países mais cultos do velho mundo, onde a economia popular depositada nas caixas econômicas dos distritos e das comunas, caixa rural de Raiffeisen e nos bancos de Schulze - Delitzch se tornou o mais poderoso propulsor da indústria e da agricultura e constitui, juntamente com as associações cooperativas, que naquela se baseiam, a feição característica da vida econômica moderna.

Ainda em seu último relatório o Ministro da Fazenda do Governo passado, Sr. Leopoldo de Bulhões, atacava o nosso defeituoso sistema de caixas econômicas, pugnando para que um regime mais livre, de plena liberdade de associação, nesse terreno viesse permitir a iniciativa privada a acumular economias locais e com elas dar nova força à produção da zona onde se estabelecem caixas econômicas livres.

As leis que posteriormente, nos últimos anos têm aparecido, cogitando de sociedades cooperativas de crédito agrícola e de cooperativas em geral, já constituem um passo pra melhorarmos as nossas condições, no tocante ao assunto. Lembramo-nos mesmo de ter lido que em Minas Gerais já existe funcionando uma caixa rural sistema Raiffeisen.

Basta, pois que a Cooperativa Rural de Blumenau se organize, se até hoje não o fez dentro das leis que regem essas instituições, dotando seus estatutos às exigências legais, restringindo a esfera de ação de sua caixa de crédito, para que não sofra sua existência, continuando na missão que se propôs de auxiliar o colono desparelhado e o pequeno industrial e de contribuir por uma forte associação de energias, para a prosperidade do município.

E certamente o Exmo. Sr. Ministro da Fazenda que além de economista dos mais iminentes e liberais do país, é também um admirador do movimento cooperativista do Vale do Itajaí, pois há anos, quando ainda deputado, procurou falar ao diretor de uma das cooperativas italianas de Blumenau, que, no Rio de Janeiro se achava na ocasião, de passagem para a Europa, onde ia efetuar a venda do tabaco de sua sociedade, mostrando-se maravilhado com que neste terreno já haviam conseguido nossos colonos, há de sentir-se vivamente interessado pela Cooperativa e Caixa Rural de Blumenau, fazendo o que de sua parte depender para que não se frustrasse tão alevantado empreendimento.

## Burocracia & Governo

## Documentos da Colônia

TEXTO:  
DR. H. BLUMENAU

*A proposta desta coluna é trazer para o leitor da revista Blumenau em Cadernos a publicação de atos administrativos que tramitaram na segunda metade do séc. XIX entre a Colônia Blumenau e os diversos órgãos da administração Provincial e Imperial.*

*Os documentos ora levados ao conhecimento do público relatam opiniões emitidas pelo Dr. Blumenau referentes às jazidas auríferas existentes na região, formas de como explorá-las, qualidade, possibilidade de futura exploração e às dificuldades da implantação de estabelecimentos industriais pelos órgãos governamentais.*

Ofícios Pres. P. TC (1863), N<sup>o</sup> (s. n<sup>o</sup>), Ago. 1863

Jazigos auríferos e veias metalíferas nos rios de Itajaí-Açu e Mirim, e partes adjacentes da Província de Santa Catarina

Entretanto que toda a mais conhecida parte desta província, composta na beira mar quase inteiramente de rochas plutônicas cristalinas, não oferece grande interesse geológico, nem promete riquezas minerais senão na comarca da Laguna, onde se acham encamadas bacias carboníferas de, como contudo parece, exígua extensão e duvidosa produtibilidade, os terrenos dos rios Itajaí-Açu e Mirim e partes adjacentes a muitos respeito merecem uma minuciosa exploração geológica, porque apresentam jazigos e indícios de veias metalíferas, que no futuro podem servir de grande vantagem ao país e ao mesmo tempo dar considerável incremento à emigração espontânea.

Da barra do Itajaí-Açu para o Sul até ao “Canto da Praia do Camboriú”, na extensão de pouco mais ou menos légua e meia, o granito, e do resto da beira-mar é substituído por micachisto, que se caracteriza pela absoluta falta de granates, às vezes bastante se assemelha



Diretor da Colônia Blumenau - 1850/1883

ao itacolumito de Minas e Goiás e dos pontos indicados, alargando-se em triângulos, parece muito estender-se ao desconhecido interior, correndo nesta formação a parte até agora conhecida e explorada do Itajaí-Mirim com todos os seus afluentes alguns ditos do Itajaí-Açu e partes dos rios de Camboriú e Tijucas grandes.

Este micachisto é penetrado por freqüentes e às vezes possantes veias de quartzo branco, que por sua grande semelhança com o das minas de ouro primeiro suscitou minha atenção.

No Itajaí-Açu ele forma o cabo do "Cabeçudo" na barra e montanhas adjacentes, estendendo-se ainda no triângulo, que aquele rio forma com o Itajaí-Mirim, pelos morros dos Pinheiros até aos das "Bateias", cabeceiras dos ribeirões do Gaspar e Garcia e parte dos seus afluentes, e cobrindo assim parte do território da Colônia Blumenau. Dos morros dos Pinheiros, rio para cima, e na vizinhança e margem deste o micachisto logo desaparece e fica substituído por xistosos, grés vermelho antigo e conglomerados, todos pertencentes à formação psamítica (ilegível), sendo esta a rocha que aparece à flor e abaixo da água em algumas ilhotas e partes do rio inferior e forma o terreno perto e acima do "Salto Grande".

Do Itajaí-Mirim o micachisto parece estender-se até as cabeceiras deste rio que contudo ainda não são de todo conhecidas, cobrindo o terreno já conhecido em extensão de 10 a 12 léguas de comprimento em linha reta, e talvez 3 a 5 de largura. A Colônia Brusque parece sita quase no centro desta formação, que ainda continua pelo interior e pelas cabeceiras dos rios Camboriú e Tijucas grandes, e de alguns seus afluentes. Neste último rio, além de rochas psamíticas, achei também seixos, transportados pelo rio, do mais belo e cristalino pórfiro, que jamais tenha visto, muito idôneo para ser lavado e polido para obras de arte e de que as rochas se devem achar na parte superior do rio, à que contudo não cheguei.

Em algumas partes da formação do mencionado micachisto achei ainda, além das veias de quartzo branco, indícios de rochas eruptivas, canto da praia de Camboriú, encontrando-se também grandes veias de pórfiro felspathico e de outra rocha eruptiva de grão grossíssimo cristalino, que se parece com granito, nas formações psamíticas, a que penetravam no vale do ribeirão do Garcia na vizinhança da povoação Blumenau.

O micachisto em muitos países se evidencia altamente metalífero e também nestas localidades não renega este caráter; as veias de rochas eruptivas nas formações psamíticas igualmente são reconhecidas como trazendo consigo ou indicando na vizinhança jazigos ou veias metalíferas, e assim também aqui aconteceu.

Jazigos auríferos, já conhecidos como tais, existem na vizinhança do morro das "Bateias" e mais para o Sul, estendendo-se, como parece, sobre a superfície de bastantes léguas quadradas. As veias de quartzo aurífero, das quais se formou o

cascalho aurífero, necessariamente se devem achar na vizinhança. Na própria colônia Brusque parecem existir grandes superfícies de tal cascalho, que por sua esterilidade foram abandonadas pelos colonos, a que haviam sido distribuídas como lotes de terra. Existe tanto no Itajaí-Açu como no Mirim um ribeirão das Minas e existe ainda um último de "Ouro", achando-se não só nestes, como em outras partes indícios de antigas lavras de bastante extensão e correndo por tradição, que no século passado ali fosse clandestinamente extraído bastante ouro. Recentes ensaios porém, não deram resultados satisfatórios, sem dúvida porque foram executados da maneira mais grosseira possível em gamelas para lavar os pés e por pessoas sem prática alguma de tais trabalhos, como lavradores e jornaleiros.

O pouco ouro, que se extraiu e eu vi, contudo foi de fina qualidade, conquanto que miúdo, e não há dúvida alguma de que, lavrando-se com pessoal adestrado e máquinas aperfeiçoadas, o rendimento haja de satisfatoriamente remunerar a pena e despesa empregadas.

Além destes jazigos e as veias de quartzo provavelmente aurífero, existem ainda outras veias metalíferas, que também merecem atenção, tendo eu descoberto uma, que se acha a um tiro de peça do porto de Itajaí e outra nos morros dos Pinheiros, quase à beira do rio, ambas pois com facilísimas comunicações. No vale do ribeirão da Garcia achei também indícios de mineral de cobre, e em uma praia um pedaço de ferro oligisto cristalizado com quartzo do mesmíssimo aspecto como o das veias no micachisto. Não sou porém geólogo e mineiro de instrução profissional tal, nem tive instrumentos, tempo e dinheiro suficientes para proceder a maiores indagações e a trabalhos de exploração. Fora de dúvida alguma porém é, que os terrenos descritos no mais alto grau merecem tais trabalhos, a existência de vastos jazigos auríferos já não é duvidosa e só resta saber quais as partes mais ricas e se hão de renumerar trabalhos e despesas: possantes veias de quartzo, provavelmente, aurífero, igualmente são conhecidas, e além delas outras com indícios de minerais de cobre, ferro e manganês, que em maior profundidade provavelmente hão de exhibir prata, à analogia de outras, que no micachisto e psamito existem em outros países. A vizinhança do mar e dos rios, a superabundância de força motriz de água e de madeiras de construção para os poços e galerias das minas e as oficinas, e de combustão para torrar e fundir os minerais são outros tantos elementos para fazer prosperar a mineração, uma vez que os jazigos e veias se evidenciam de suficiente riqueza e fácil extração. Acredito que assim aconteça, bem que não sonho com imensos tesouros, mas já um modesto rendimento havia de produzir grandes benefícios, havia de argumentar importação e exportação, ocasionar novas indústrias e sobre tudo fomentar a emigração espontânea. O ouro tem sempre e sempre terá uma mágica força atrativa, mesmo se sua produção em geral render menos do que

muitas outras indústrias e expuser maiores fadigas e perigos a Califórnia e Austrália assim o evidenciarão! Ele atrai, é verdade, muitos aventureiros e vagabundos, mas também grande número de homens laboriosos e industriais, que abandonam a mineração e se fixam como lavradores e industriais, logo que tenham arranjado um pequeno capital. E assim eu encaro a mineração, sobretudo a do ouro, no terreno mencionado, não só como fim, mas ainda tanto e mais como meio para a emigração e colonização. Existindo ali ainda vastas superfícies devolutas, parece-me conveniente reservá-las assim e não vender mais destas terras para prevenir grandes embaraços futuros, até que se tenham acabado as indagações e explorações no meu entender deveriam ser feitas por conta do Estado, mas não por qualquer aventureiro industrial, ou por uma sociedade, tendo a experiência infelizmente demonstrado que para eles e elas a própria mineração regulamente é coisa muito secundária, sendo o seu principal fim traficar com as ações e enriquecer os autores do projeto não com o produto, que se extrai da terra, e sim com o que se tira da bolsa do Governo e do Público. Confiando-se à tais pessoas, havia sem dúvida de acontecer o mesmo, como aconteceu no Ceará, Maranhão, ficar tudo quase no status que anterior, com a perniciosa diferença porém, de que o privilégio, abusivamente alcançado pela sociedade, mas não praticamente aproveitado por decênios, inata e estorva qualquer concorrência ou pequena empresa particular de mineração. Além disto sem dúvida havia de acontecer o que também já tantas vezes aconteceu, e tanto e inútil despesa e outros prejuízos causou ao Brasil a sociedade ou o empreendedor, em lugar de mandar vir um geólogo ou engenheiro de minas, formado e distinto, para dirigir as explorações, há de engajar algum aventureiro, que se arvorou em mineiro, porque percorreu algumas minas, ou algum curioso ou naturalista, que possui alguns conhecimentos superficiais da geologia e arte de mineiro, ou enfim algum antigo mestre ou cabo emigrado de mineiros, que pode possuir alguma prática, mas não tem idéia das leis da geologia, e cometendo erros e estragando ou dificultando a empresa, cobre sua ignorância com motivos e protestos, que não o leigo e só o muito instruído profissional sabe descobrir e refutar. Eu mesmo conheci no Brasil mais de um dos tais alcunhados engenheiros de minas e fundições de minerais; sua ignorância, que só ultrapassada por sua presunção e arrogância, e conheço o prejuízo que causarão ao Estado e à diferentes empresas. Assim o barato saiu e sai caro possível, e causou incalculáveis prejuízos, sobretudo pelo desânimo, que dispendiosas e inteiramente infrutíferas explorações geológicas espalharão entre o público, como no Governo.

Os Estados Unidos procediam de maneira muito deferente e mais acertada, e assim a indústria mineira chegou neles a um alto e sempre crescente grau de prosperidade, não obstante eles não encerrarem no seu seio tantas e tão diferentes

riquezas metálicas como o Brasil, se a Califórnia se exceptua eles engajarão na Europa, sobretudo na Alemanha, geólogos e engenheiros de minas de distintos e provados conhecimentos, moços realmente instruídos na ciência e experimentados na prática; eles os empregarão como geólogos de Estado, incumbido-os de exploração dos diferentes Estados em geral, para formarem exatos mapas geológicos, e do exame das veias e jazigos conhecidos de minerais aproveitáveis em especial, e abandonarão logo o aproveitamento deles à indústria e concorrência particular ilimitada e não cortada por privilégios, que se estendem sobre estados ou províncias inteiras. No meu entender este expediente devia ser adaptado no caso em questão, para o que sem dúvida é o mais conveniente, sem causar excessiva despesa. Deveriam ser engajados em um ou outro Estado da Alemanha, Saxônia, Áustria, Prússia ou Hanover, nas corporações dos mineiros, que neles encelam por sua instrução teórica e experiência prática, um oficial ou engenheiro e uma praça ou cabo, experimentado nos trabalhos de lavagem com aperfeiçoadas máquinas, por dois anos, e trazer consigo os necessários modelos, instrumentos e algumas pequenas máquinas, especialmente aplicáveis à lavagem do ouro. Se isto se fizer sem alarde e aparato, e se for possível, sem a intervenção dos diplomas, não há dúvida de que as pretensões de um tal oficial de mineiros não serão exageradas, e o engajamento se poderá efetuar sob condições razoáveis, sobretudo pela razão de que o número dos mesmos nos ditos países não é pequeno, e que os Governos gostam de dar-lhes licença por alguns anos para visitarem países longínquos, guardando-lhes no entretanto, o acesso na corporação. Os mais talentosos ordinariamente mais se inclinam para tais viagens e engajamentos, que, além da instrução em países remotos, lhes abrem a perspectiva de mais rápido acesso e maiores vantagens, do que a pátria lhes pode oferecer.

Eu não duvido de que, sendo-me possível demorar-me na Alemanha, havia e engajar as ditas pessoas, escolhidas, e bem recomendadas, sem que suas pretensões excedam o modesto e razoável, sobretudo oferecendo-se-lhes posição vantajosa e fixa, quando as explorações forem coroadas de feliz êxito. Podendo-se logo transportar com suas máquinas, utensílios, em barcos de colonos, a despesa ainda havia de ficar muito mais reduzida do que quando passarem pelo porto do Rio de Janeiro. Tendo logo o engenheiro feito algumas preliminares indagações, que em estação regular se poderão executar em dois a três meses, deveria o seu adjunto ou cabo dirigir os trabalhos de lavagem, adestrar colonos para este fim, e assim continuar em diferentes localidades, que ao engenheiro parecem prometer o melhor rendimento, para chegar-se a resultados mais ou menos exatos sobre os jazigos, sua riqueza e extensão em geral, sobre as localidades mais apropriadas, para serem acometidas em primeiro lugar, em especial, enfim sobre si uma exploração dos mesmos jazigos em grande escala e sob as condições e circunstâncias existentes será

exequível e lucrativa. Entretanto, que assim se continua em pequena escala de examinar os jazigos, citos mais perto ou dentro da raia habitada, o próprio engenheiro tem ainda tempo para proceder a indagações em outras partes dos mesmos, que se acham a cima do Salto do Itajai-Mirim, e se reputam mais ricos (ribeirão do Ouro) e ao exame das veias de quartzo e outras, que nestas e outras partes de província já forem conhecidas ou indicadas pelos moradores; devendo-se publicamente solicitar o concurso deles em beneficio deles próprios e do país em geral. Não há dúvida de que entre muita causa inaproveitável e até ridícula sempre apareça alguma útil e proveitosa para o futuro.

Entendo, que assim no decurso de um meio até dois anos, e com o emprego de três a cinco contos de réis para os próprios trabalhos das indagações e explorações, salários dos operários, mantimentos, e com outros 4 a 5 contos de custo das máquinas e utensílios trazidos da Alemanha, despesas de viagem e vencimento dos dois mineiros engajados, já se podia fazer bastante coisa, si o engenheiro for de boa saúde, ativo no seu serviço e bem auxiliado pelas autoridades superiores e subalternos da província, se enfim tudo for bem organizado e não houver inúteis demoras por falta de ordens e pagamentos.

Do resultado destes trabalhos então depende qual o melhor expediente, para lavar e lavar jazigos e veios, caso se evidenciarem suficientemente produtivas.

Em todo o caso o pior havia de ser entregá-las a uma companhia, porque o fim principal, promover e animar a emigração espontânea completamente havia de desviar-se. Me parece ao contrário que, à imitação da Austrália e Califórnia, o terreno aurífero devia ser concedido a todos os pretendentes, pessoas ou pequenas companhias em pequenas datas, e mediante uma adequada taxa, para experimentarem sua fortuna, e que o Governo deveria reservar para si mesmo uma aproximada superfície na melhor localidade, para nela estabelecer uma lavra em maior escala, que também sirva de modelo para as outras.

Uma e outra coisa havia de promover a emigração e ser de suma vantagem para o estabelecimento agrícola e prosperidade dos emigrantes, sobre tudo quando se descobrirem veios produtivos, que tornam necessário o estabelecimento de fornalhas e oficinas, de fundição o colono havia de vender, ainda que por barato preço, a madeira, que hoje inutilmente queima, e que até lhe causa imenso e infrutífero trabalho, tirando dela algum beneficio, e seus produtos aos mineiros, fundidores, tudo na imediata vizinhança, e sem necessidade de longo e custoso transporte, e as minas e oficinas poderiam comprar lenha e outras necessidades a preços muito módicos, que sob outras condições não deixam de ser muito mais altos. A benéfica e fertilizante influência de tais estabelecimentos havia de exercer e estender-se sobre uma vasta raia, fornecendo trabalho e lucro a uma considerável população, da mesma como eles a exercem em todos os outros países, e contribu-

em para o aumento da população e prosperidade dos Estados.

Ficando enfim alguns lavrantes de ouro favorecidos pela fortuna, e arranjando com este trabalho em breve uma pequena fortuna, este exemplo havia de produzir sobre a emigração espontânea maior efeito do que todos os mais atrativos reunidos.

Infelizmente existe no Brasil em geral grande repugnância contra estabelecimentos industriais, dirigidos e explorados por conta do Estado, e alega-se sempre o triste exemplo da fábrica de ferro de Ipanema.

Quem porém conhece a história deste estabelecimento, também sabe, que a causa do seu mau estado, pouco rendimento e progresso, e finalmente completa decadência, máxima, se deve procurar no erro, a que acima aludi engajamento de pessoas para diretores e assistentes, que não possuíam os indispensáveis conhecimentos na prática, e teoria, os quais porem se apresentavam no momento oportuno, e foram aceitas.

Além disto, as dissensões políticas em grande e miseráveis intrigas e chicanas contra alguns homens mais práticos e capazes em não pequena escala, concorrerão para a ruína deste importante estabelecimento de que nunca mais se levantou, porque tudo o que logo e em diferentes épocas se fez, foi obra de remendo e sem sistema e perseverança, bem que com isto se dependerão não pequenas quantias.

No Itajaí a coisa é toda diferente, o porto de mar e nos navegáveis, lenha, força matriz e inteligentes braços humanos se acham todos nas imediações das futuras minas e fundições e a preços módicos; não se trata da produção e fundição de ferro, que só em grandiosa escala pode ser exercida e só assim é capaz de vender, sendo sempre uma das mais difíceis operações metalúrgicas, e sim de mineração proporcionalmente fácil e pouco dispendiosa, pelo menos durante bom lapso de tempo e quando se quer restringir-se à lavagem do cascalho aurífero; enfim não há necessidade para logo principiar-se em grande escala e fazer desde logo consideráveis despesas adiantadas, podendo e devendo-se ao contrário encetar a empresa em modesto pé, e alargá-la, pouco a pouco, com a venda conseguida como qualquer outra empresa industrial ou mercantil.

Todas as condições e circunstâncias pois convidam para aproveitar as vantagens, que os terrenos do Itajaí para tal fim oferecem, uma vez que das preliminares indagações e explorações constar porção de metais suficiente para indenizar despesa e trabalho e deixar algum lucro.

Colônia Blumenau, em fins de agosto de 1863.

Dr. Hermann Blumenau.

## Entrevistas

### - Sr. Venâncio Fiamoncini

ENTREVISTADORA:  
MÉRI FROTSCHER



*Na trama da extinção das profissões artesanais estamos procurando, através de depoimento, buscar alguns personagens que exerceram ou exercem ofícios em nossa região, ora tidos como em fase de extermínio.*

*A entrevista realizada com o Sr. Venâncio Fiamoncini tem o objetivo de relatar a profissão de sapateiro.*

*Ao relatarmos o seu depoimento será possível adentrar nesta realidade e empreender uma reflexão sobre as metamorfoses profissionais e suas incertezas nesta fase de transição da atualidade.*

*A mesma foi realizada em 1997, pela mestranda (atualmente em fase de doutorado) em História Meri Frotscher. Os originais encontram-se no acervo do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.*

*Méri (M) - Qual a data de nascimento do senhor?*

Venâncio (V) - Eu nasci em 1940.

*M - Nasceu onde?*

V - Eu nasci no município de Ibirama, Alto Rio Dollmann. Naquela época era Rio Dollmann, não era município como hoje. Hoje é o município de Victor Meirelles.

*M - E o endereço atual do senhor?*

V - Rua Coripós, na chamada Escola Agrícola, bairro Asilo.

*M - E profissão, sapateiro, não é? E a escolaridade do senhor? O senhor fez o 1 grau, o primário?*

V - Ah, até o 3 ano só. Naquela época sabes como era.

*M - Ainda lá em cima?*

V - É. Estudei pouca coisa. Eu não gostava muito de aula não, eu gostava mais era de profissão. O meu primeiro

## Entrevistas

---

emprego foi em Presidente Getúlio. Nós saímos de Ibirama e fomos para Presidente Getúlio. No meu primeiro emprego trabalhei com o meu pai de marceneiro, fazendo portas, janelas e caixão de defunto. Depois trabalhei na fábrica de brinquedos do velho Hoeschel, e depois fui aprender a profissão de sapateiro.

*M - Lá em Presidente Getúlio?*

V - Lá em Presidente Getúlio. Trabalhava para o Sr. Egon Bratt (?).

*M - Isso com que idade?*

V - Com 15, 16 anos. Eu sou sapateiro já há 40 anos.

*M - Mas o senhor começou como ajudante do seu pai com que idade?*

V - Ah, com 12, 13 anos. Eu não queria ficar dentro de casa. Eu gostava de sair, trabalhar, me virar. Nunca pedi nada a ninguém. Todo o dinheirinho que eu ganhava eu dava para o meu pai. Sim, eu ajudava em casa. Até que eu aprendi a profissão de sapateiro. Comecei a olhar para um homem que tinha uma sapataria, ao lado da marcenaria onde o pai trabalhava. Aí eu disse assim para ele: "O que tu fazes eu também faço". Aí ele disse assim para mim: "Eu duvido. Vamos fazer um negócio. Se você acha que têm bastante força de vontade para vencer nessa profissão, eu faço um desafio. Eu te dou o prazo de três meses. Se você não fizer aquilo que eu quero, eu lhe pago os três meses". Em três meses eu estava ensinando a ele. Eu já sabia mais do que ele. Enquanto ele fazia um sapato novo, eu já fazia um modelo, já montava e apresentava o acabamento melhor do que ele. Então ele disse: "Você me ganhou na parada".

*M - Mas você chegava a fazer sapatos mesmo?*

V - Sim, a minha especialidade era fazer o calçado e não o conserto. Eu peguei agora os consertos e as forrações, porque hoje não adianta mais você fazer sapato novo, porque têm muitos sapatos novos baratos. É o custo para fazer um sapato de couro novo é muito caro, porque ele é todo de couro. Eu não sei trabalhar com porcaria para fazer um sapato. Prefiro ir comprar um material bom e aplicar no sapato. Não gosto e acho muito feio a pessoa voltar e dizer: "O sapato estragou, ele arrebentou". Eu não aprendi assim, sempre trabalhei com pessoas de idade. Em Presidente Getúlio, trabalhei só uns sete ou oito meses.

*M - E você morava em Presidente Getúlio?*

V - Morava em Presidente Getúlio. Certo dia li no jornal que precisavam de um sapateiro em Blumenau. Isto ficava na rua São Paulo, ao lado da Farmácia Thomsen. Era a sapataria Imperial, de Erich August. Aí eu peguei o trem. Naquela época existia trem. Havia um ônibus de Presidente Getúlio a Ibirama, e de lá até Subida. A gente esperava o trem que vinha de Rio do Sul para vir a Blumenau. Vim e desembarquei aqui. Até desembarquei errado. Desembarquei aqui perto da Funerária Haas, tinha ali uma estação de trem. Ainda está lá hoje.

*M - É agora é veterinária.*

V - É. Desembarquei ali. Aí eu vi muitas pessoas, umas cinco ou seis pessoas. Então cheguei para uma moça, eu tinha o endereço, que tirei do jornal e perguntei: "Onde é que fica esse endereço aqui?". Então ela disse: "Olha, eu estou indo lá perto, fica perto da minha casa". Eu disse: "Você me ensina onde é que fica?". "Ah, pode vir comigo", disse ela. Aí fiquei conversando com ela. Mas naquela época o ônibus passava de duas em duas horas. Para você ver, há quase 40 anos atrás.

*M - Quando o senhor veio para cá?*

V - Em 1958. Eu fui lá, me apresentei. Vi aquele senhor de idade, bem careca, mais careca do que eu ainda. Então eu disse para ele: "É aqui que estão precisando de um sapateiro?" Disse ele: "Sim. Você é um profissional?". "Não sei se eu sou um profissional. Só o senhor é que vai dizer se eu sou um profissional". Daí ele disse: "Puxa, eu gostei da sua conversa, porque todos os que vêm aqui dizem que são profissionais e não são, mas você não, você chegou aqui e eu perguntei se é profissional, você disse que não. Só eu que vou dizer se você é um profissional". Eu disse: "É". "Tem serviço para você. Vou lhe dar serviço". Aí à tarde eu voltei para Presidente Getúlio, peguei a minha roupa e no outro dia de manhã desci para Blumenau para trabalhar com ele. Trabalhei dois anos.

*M - O senhor morava onde aqui?*

V - Eu pagava pensão num hotel. Em cima do sótão, no Hotel Ipiranga. Não sei se o Ipiranga ainda existe, mas acho que ainda existe na rua São Paulo. Parece que tem sim. Morei uns três meses, depois o camarada começou a aumentar muito, então eu fui morar na casa dum amigo meu. Descobri um amigo meu lá de Presidente Getúlio, de uma família de lá. Um dia eles me viram e disseram: "Não, não, você vai na nossa casa, nós não podemos deixá-lo, você é nosso

amigo. Nós sempre lhe queremos bem”. Então fiquei lá com eles uns dois anos, pois um cara me convidou para trabalhar no Garcia, lá na entrada da rua do Zendron. Trabalhei oito meses lá, então vim para a rua Capitão Euclides de Castro, em frente ao Brueckheimer. Aí eu trabalhei uns três ou quatro anos. Então eu me estabeleci aqui, por conta própria.

*M - Até lá o sr. teve que trabalhar em sapatarias de outras pessoas?*

V - Sim. Sempre na sapataria com outras pessoas. E então eu arrumei uma namorada. Casei. Fiquei um ano trabalhando de empregado, mas vi que a coisa não dava. Naquela época não existia a oportunidade que os empregados têm hoje. Hoje o empregado que trabalha numa firma tem muitas oportunidades. Ele tem o vale-transporte, tem o ticket para alimentação. Eles têm bastante coisa. Naquela época não existia fundo de garantia, não existia 13º, não existia nada disso. Eu me estabeleci aqui em 1964.

*M - Mas o senhor pagava aluguel aqui? Compensava?*

V - Aqui quem me indicou foi uma senhora, eu me dava muito bem com ela. Naquele tempo ela me disse: “Olha, Venâncio, você é um bom sapateiro, não pode trabalhar de empregado. Você precisa se estabelecer por conta própria. Você tem capacidade para isso. Você precisa fazer uma freguesia. Olha, eu acho, que existe ainda um lugar na rua Dr. Amadeu da Luz, em frente ao Willy Sievert...” - Naquela época existia o Sr. Willy Sievert, era um homem conhecido, e a loja Hermes Macedo. Disse ela: “(...) Eu acredito que lá há um lugar ao lado da casa do seu Ramiro Rüdiger”. Naquela época existiam os avós do Sr. Ramiro Rüdiger (ex-prefeito de Blumenau), ainda vivos, moravam aqui no lado. Ela disse: “Aí no lado tem uma casa, número 208. Tu vais lá e falas com aquele senhor, que é o senhor Joanin Longo”. Então eu disse: “Meu Deus, Joanin Longo é de origem italiana, não é?” Aí eu vim aqui sábado à tarde. Conversei com ele, mostrou-me o cantinho. Era um cantinho pequeno, metade do que é a sapataria hoje. Aí ele disse: “Tudo bem, para você eu alugo. Você é italiano igual a eu.” Aí comecei até a conversar em italiano com ele. Disse ele: “Eu vou alugar. Quando é que você quer começar?”. Eu disse: “Olha, eu não posso começar já, porque eu tenho que dar um tempo lá para o meu chefe, para sair, mas daqui a uns dez, doze dias eu começo”. “Está bem, esse lugarzinho aqui é seu”. “Muito bem”, falei para o meu patrão, que chamava seu Pedro, aliás, gente boa, fora de série. Não é porque ele está morto, mas ele realmente era

gente boa. E ele disse: "Eu fico satisfeito. Você tem capacidade para isso, é ruim para você fazer a freguesia, porque não é fácil". Então eu disse: "Eu vou arriscar. Se não der, eu volto". "Tá bom", disse ele, "Não tem problema". Mas me estabeleci, daí comecei a falar com um, com outro, e graças ao bom Deus, eu era uma pessoa de muita fé. Não atrapalhei nunca a vida de ninguém. Sempre fui correto com os meus negócios. Então comecei. Aquilo parecia um bombardeio. Desde o dia em que eu entrei aqui, era serviço e mais serviço. Peguei prática. O meu serviço era bem feito, eu fazia o sapato novo naquela época. Eu fazia sapato novo e consertos. Fiz muitas sandálias. E fazia o sapato de homem também. Mas no fim, começaram a abrir mais lojas em Blumenau...

*M - Desde quando o senhor só faz conserto?*

V - Conserto eu estou fazendo há mais ou menos uns vinte anos. Conserto e forração. Mas durante uns dez, doze anos eu fazia o sapato novo. E fazia também sandálias para as lojas. Mas eu trabalhava dia e noite quase.

*M - Ah é? E o sr. trabalhava em que horário?*

V - Ah, eu não tinha horário. Eu entrava às 5 da manhã, e ia até as 10:30, 11 horas da noite. Chegava em casa, tomava banho, dava uma olhadinha para a mulher e virava a cara para o outro canto e dormia. E fim de papo.

*M - E o senhor tinha intervalo para alimentação?*

V - Não, não, eu tocava direto. Eu não parava. Eu comia aqui dentro mesmo.

*M - Trazia de casa?*

V - Trazia de casa. Eu só encostava a porta e comia. Eu nem levantava para comer. É além de trabalhar tanto nessa minha profissão, eu ainda tenho uma outra profissão também.

*M - Atualmente?*

V - É, eu sou pedreiro. Pois se um dia essa profissão não der mais nada, vamos supor, mas não, sempre dá, graças a Deus, sempre dá. Eu já fiz quatro casas. Eu fiz a minha casa em que eu moro lá na Escola Agrícola, na rua Coripós, n. 96. Eu tenho uma casa lá de 180 m<sup>2</sup>, minha, de material, que eu fiz só aos sábados e domingos. Fiz a casa do meu filho, de madeira, e fiz a casa da minha filha,

## Entrevistas

---

quando ela quis casar, há oito anos atrás, de material, não muito grande. Dá 42 m<sup>2</sup>. Eu fiz. E estou terminando a minha casa na praia, de 2 pisos. Também fiz aos sábados e domingos. Isso quando eu tenho dinheiro. Quando não tenho, não me meto. Não gosto de ficar devendo um tostão para ninguém (risos).

*M- Há quanto tempo o senhor está conciliando isso, o senhor começou a construir a casa do senhor....*

V- Ah, sempre, sempre, sempre, sempre. Levei 5 anos para terminar minha casa. E já estou 13 anos dentro dela. Para tu veres o que é a força de vontade de uma pessoa. E se ela quiser, ela faz de tudo, somente aos sábados e domingos. Isso quando eu tinha dinheiro. Agora você pode fazer a conta, 5 anos, só aos sábados e domingos, para ver quanto tempo dá. Dá um ano e pouco.

*M- Mas o senhor não queria deixar outra pessoa fazer? Por quê? Por causa da mão-de-obra...?*

V- Ah, não, não, porque eu gostava. Eu não gostava de ficar parado. Eu gostava. Aquilo para mim era alegria fazer. Ainda hoje, eu não fico parado dentro de casa. Posso chegar em casa, eu fico lá uns 20, 30 minutos dentro de casa parado, mas eu gosto de ficar lá fora, mexendo numa coisa, mexendo na outra.

*M- O que o senhor faz quando está em casa?*

V- Ah, lá em casa eu limpo o jardim, faço faxina, limpo até a casa para a mulher, para não ficar parado. Eu não sei ficar parado. Não é porque eu fico nervoso. É que eu não sei, o meu corpo acostumou assim. Já é de família. A minha mãe também era assim. O meu pai também era assim.

*M- E os pais do senhor, todos os dois eram de origem italiana?*

V- Sim. Minha mãe é uma Pascoali. A minha mãe é Emília Pascoali de solteira. E meu pai é um Fiamoncini.

*M- E atualmente, o senhor não trabalha mais tanto? Como é que é?*

V- Ah, é sempre assim. É das 7 às 7 da noite. Eu estou aqui sempre. Às vezes eu saio para pagar alguma coisa no mercado, mas vou ao meio-dia. À noite, saio, faço mercado, ainda levo coisa para casa. Minha mulher nem precisa fazer mercado. Então eu vou lá e faço. Trago para casa. E o meu horário é das 7 às 7 da noite. Se tem serviço ou não tem, eu fico aqui dentro. Faço uma coisa ou

faço outra. Não é que eu sou contra a vida em casa. Eu amo a minha casa e essa profissão para mim é uma alegria. Essa minha profissão é a coisa que eu mais adoro. É uma coisa que Deus me deu e não vou largar. Só largo o dia que eu morrer.

*M - E quando o senhor aprendeu com o seu pai a profissão de marceneiro e tal, e quando o senhor viu aquele sapateiro lá, você já viu que era aquilo que queria?*

V - É, era aquilo. Parece que veio uma coisa dentro de mim assim, e disse: "Isso aqui que é para você".

*M - E o pai do senhor, ele não se opôs?*

V - Não.

*M - O Sr. tinha outros irmãos que seguiram a profissão de marceneiro?*

V - Eu tinha mais dois irmãos que seguiram a profissão de marceneiro. São mortos atualmente.

*M - Seu pai tinha quantos filhos?*

V - Nós éramos em 12 filhos. Seis estão mortos. O meu pai e a minha mãe também já estão mortos. Minha família é grande. Naquela época, você sabe. Aliás eu também tenho uma família grande. Tenho seis filhos. E cinco netos. Todos os filhos do meu pai, praticamente todos têm uma família grande. Todos tiveram acima de cinco filhos. Cinco, seis.

*M - E o senhor chegou a fazer aquela preparação profissional de três meses, a preparação do senhor foi na prática mesmo?*

V - Ah, foi na prática. Porque a profissão vem da prática. Esse tipo de profissão, quase todas as profissões vêm da prática. Principalmente quando ela é manual. Aí veja, ela é como um dom de Deus. Isso é uma coisa que está dentro da cabeça do cidadão. A mesma coisa é a pessoa fazer o bem. Fazer o bem é um dom de Deus. É pra fazer o bem, e fim de papo, não tem quem tira dele o dom de fazer o bem. Alguém pode até atrapalhar a vida dele, mas ele não sabe ofender a pessoa.

*M - O senhor pensou em seguir carreira em alguma empresa, ser funcionário?*

V - Não.

## Entrevistas

---

*M - Ser empregado?*

V - Não, não, não.

*M - Ou montar uma fábrica ou alguma coisa assim?*

V - Ah, já tive a idéia de montar uma fábrica, mas a família começou a crescer, então não dava, porque a luta era muito grande. Não é fácil montar uma fábrica. Hoje eu acho que é mais fácil do que naquela época. Naquela época você não podia nem dar um passo porque naquela época não dava para fazer empréstimo no banco. Se você tinha, tinha, se você não tinha, não dava. Hoje é até mais fácil você pegar alguma coisa no banco. Eu acho, mas não sei, entende? Por que o meu genro abriu uma fabriqueta de malha. Eu vejo que então foi fácil para ele. Eu me admiro, pois na minha época não era. Na minha época não tinha tanta população como hoje. Hoje tem mais população. Naquele tempo, se você passava na rua XV, uma hora da tarde de sábado, você podia tirar uma soneca lá. De duas em duas horas passava um carro. Há 30 e poucos anos atrás, nessa rua aqui, de três em três horas passava um carro. Hoje estão passando uns 40 carros em dois minutos. Para você ver. Então hoje aumentou. Blumenau tinha poucas casas na rua XV. Quando casei, eu andava com os meus dois meninos mais velhos, pescando por essas redondezas. Ah, era a coisa mais linda do mundo. A rua Sete, onde está o Corpo de Bombeiros, eu morei por ali. Aquilo era tudo terreno do velho Weiss. Ai o Dr. Carlos Curt Zadrozny abriu essa rua fora a fora. Eu cansei de pescar naquele ribeirãozinho. Lá atrás eu cansei de caçar canarinhos e azulões. E hoje? Você vê como era a população naquela época. Era quase tudo pasto.

*M - E com relação a férias, o senhor tem férias por ano? Como é que o senhor faz?*

V - Não, não, não. Eu nem sei o que são férias. Nem tiro férias. As minhas férias são ficar em casa fazendo um trabalho, ou senão se eu quiser um dia fechar isso aqui, fico em casa. Eu já estou com os meus 56 anos. Acho bom a pessoa ter férias, sim. Mas eu não sei, eu dou férias para a minha mulher. Se ela quer passear, pega o dinheiro e vai. Deixa-me em casa. Sou muito caseiro. Sou muito ligado à casa.

*M - E o lazer para o senhor?*

V - Ah, tenho. Eu sou uma pessoa que estou em paz comigo, em paz com minha família. Tenho uma excelente mulher, não posso reclamar. Eu acho que isto é que me deixa viver. Nunca me exigiu nada na vida. Nunca me prendeu a nada.

Eu também nunca prendi ela a nada. É uma excelente mulher dentro de casa. Se eu quero pedir uma economia, ela faz. Mas também quando ela quer um dinheiro, eu digo: "Pega e faz o que tu quiseres". Afinal de contas, o dinheiro que eu ganho eu não ponho no bolso. Ela já deposita na continha dela. Ela tem cheque. Quando eu quero, pego. Essa é a minha convivência. De mim a família não têm reclamação.

*M - E assim, o senhor pretende se aposentar?*

V - Ah, eu já estou aposentado. Eu estou aposentado com pouco, mas estou aposentado.

*M - Faz muito tempo?*

V - Há uns dois anos que estou aposentado. Só que isso eu não largo, porque isso aqui é a minha vida.

*M - O senhor vai trabalhar aqui até quando?*

V - Ah, até o dia que Deus disser o seguinte: "Você não pode mais trabalhar". Então eu fecho as portas e vou embora, eu gosto da minha profissão. Dizer que eu gosto, não, eu amo a minha profissão. Assim como eu amo a minha família. Quero o bem da minha família. Sempre ajudei os meus filhos quando eles precisavam de alguma coisa, desde a hora que eu posso. Eles também não me exigem.

*M - E o que o senhor pretende conquistar através do trabalho?*

V - Conquistar o quê, meu Deus do céu? Ah, conquistar a paz de espírito, a bondade do povo. O que eu quero é que eu não tenha só fregueses, e sim amigos. Todos os que entram aqui são meus amigos. Porque você vê: se você tem um amigo, esse nunca falha. O freguês falha. O amigo não falha. Porque se eu conheço uma pessoa, e eu quero o bem para ela, eu vou lá. Nem que ele more no Garcia, eu vou lá: "Olha você me faz isso aqui". Vou lá, pago e vou embora. Esse é meu amigo. Nunca largo dele.

*M - E qual o significado que o trabalho tem para o senhor?*

V - Ah, tudo. Trabalho é tudo. Meu Deus, se todo mundo trabalhasse, ninguém pensava bobagem. O trabalho deve ser a prioridade. Você pode ver uma pessoa que trabalha. Ela tem um ritmo de conversa. A pessoa que não trabalha, já tem outro ritmo. Ela pode então estar pensando alguma bobagem. Você não vê

hoje? Qual é o problema das drogas, da bebedeira? Você não vê pessoas que se aposentam e que deixam de trabalhar? A primeira coisa que elas vão fazer é juntar uns amigos e ir para um bar.

*M - E você gosta de morar em Blumenau?*

V - A coisa mais linda do mundo é Blumenau. Aliás, todo o lugar é bom, desde a hora em que você se acostuma num lugar. Você pode ir para fora, para um outro lugar, mas quando você entra em Blumenau, o ar é diferente. Blumenau é terra boa. Aqui eu consegui a vida. Aqui eu consegui uma família. Eu fiz minha vida aqui. Por que eu não adoraria isso aqui? Isso é uma beleza. A coisa mais linda é Blumenau. Aqui realizei tudo.. Lá, em Presidente Getúlio, simplesmente foi o começo da vida. Lá eu aprendi a profissão. Vim para Blumenau e aqui já estou quase 40 anos. Aqui eu fiz tudo. Passei dificuldades? Passei, é claro. Hãã! Não veio tudo de mão beijada. Não veio nada de mão beijada. Consegui tudo com o suor do meu próprio rosto. Ah! Foi uma luta. Tudo o que tenho, não ganhei um tostão de ninguém. Foi tudo através do meu trabalho.

*M - E a esposa do senhor, ela sempre trabalhou no lar?*

V - Desde o dia em que eu casei, nunca deixei ela trabalhar. Ela trabalhava numa fábrica de tintas, na rua Itajaí. Mas assim que casamos disse para ela: "Sai. Vai começar a cuidar dos filhos. Eu vou à luta". Não é que eu sou machão, não. Não existe isso. O homem que diz que ele é machão, isso é bobagem. A mulher é muito mais forte que o homem. O homem é fraco. Mas a mulher é muito mais forte do que o homem. Não pense que eu disse: "Não, tu vais ficar dentro de casa porque eu sou homem. Eu não quero que tu trabalhes". Não, não é nada disso. Sempre disse para ela: "Queres trabalhar, vai, se não quiseres..." Então ela saiu. Quando nós casamos ela também já estava para ganhar neném. Ela estava de 3 ou 4 meses. Nós estávamos sete meses casados, e já veio o primeiro filho. Eu disse: "Então tu cuidas dos filhos". Aí veio outro. Veio um atrás do outro. Ah, eu fui rápido para fazer filhos. Pensamos: "Ah, vamos fazer tudo o que é para vir". Então veio um atrás do outro.

*M - O que o senhor faz em casa, de serviço?*

V - Olha, além disso tudo eu, quando não vou para a praia trabalhar na construção da minha casa, tenho uma pequena marcenaria nos fundos da minha casa onde ainda faço mesinha, mesa de sala, mesinha para pôr a televisão em cima, e dou para os meus filhos. Pego uns pedacinhos de madeira, vou lá na madeireira,

compro uns pedaços de madeira. Senão, às vezes, eu peço para o meu genro me trazer: “Me traz lá uns três ou quatro pedaços de madeira porque eu quero inventar um negócio”. Ele vai lá, pega e traz. Eu fico lá, sábados de tarde, às vezes domingo, fazendo isso aí (risos).

*M- Quando você trabalhava de empregado, tinha um controle por parte do patrão?*

V- Comigo nunca porque eu era um camarada que conversava, mas trabalhava. Eu não parava o trabalho. Eu nunca parei o trabalho para conversar. Nunca. Meu Deus, eu até podia ligar o rádio! Se tocava uma música que eu gostava, eu até cantava junto. Mas nunca parei o trabalho. Eu aprendi a trabalhar assim. Porque sempre trabalhei com bom profissional. Sempre trabalhei com pessoas de mais idade. Nunca trabalhei com gente nova. E, eles me ensinavam naquela época, que deveria ser rápido no trabalho e fazer tudo bem feito. Eu sempre peguei fera na minha frente. Nunca peguei um sapateiro ruim. Essa profissão está se acabando. Daqui a mais uns três, quatro anos, ela se acaba. Dentro de Blumenau há pouquíssimos sapateiros que entendem da arte mesmo. Daquele que pega o couro, vai no curtume, compra o couro, vem aqui, corta, faz o calçado para o cidadão andar. Dentro de Blumenau podem haver dois sapateiros que fazem isso. Talvez seja eu e mais um outro senhor por aí. O resto não entende nada. Eu mesmo, uns tempos atrás, estava conversando com um sapateiro que tinha 15 anos de profissão. Fui explicar para ele o que é um dente fora, o que é um ponto esteiro, o que é um ponto na beira, o que é o doublé (W), pois ele não sabia como eram. Isso são costuras antigas. A gente fazia uma costura que ficava por debaixo do solado. Você nem percebe que ele está costurado. Isso porque no meu tempo não existia a cola de hoje. Hoje a coisa é muito mais rápida. É tudo na base da cola. Tem muito pouco sapato costurado.

*M- Naquela época era tudo costurado, não usavam cola?*

V- Não, não existia. Existia uma cola, uma outra marca de cola aí, era a cola ... Covoflix era o nome da cola. A mesma coisa para pintar o sapato: antigamente existia um outro tipo de tinta à base do fogo. Como era o nome dessa marca de tinta? Espere aí, deixe eu pensar um pouquinho... Ah, no momento eu não me lembro. Era à base de fogo. Você passava em cima, acendia o fogo, e ia passando. Agüentava muito mais do que a tinta de hoje. Hoje em dia é tudo mais rápido. Hoje em dia você compra um vidro de tinta. Tem a tinta que leva duas, três horas para secar, e tem aquela que leva 5 minutos. Um sapato marrom fica preto em cinco minutos se você usar essa tinta.

## Entrevistas

---

*M- Aqui em Blumenau, o sr. trabalhou em duas sapatarias, não é?*

V- Em três.

*M- Uma na rua São Paulo.*

V- Na rua São Paulo, na rua Zendron e aqui na rua Capitão Euclides de Castro, em frente ao Brueckheimer.

*M- E eles todos eram de descendência germânica?*

V- O primeiro sim. Ele era um August. Erich August. Esse era alemão. Ele ainda mora em Blumenau. Ele tem uma crença religiosa, mora aqui perto do Jornal de Santa Catarina. Ele é pastor hoje.

*M- Ah sim, aquela Congregação do Brasil?*

V- Congregação do Brasil. Ele é pastor. Seu Pedro Inácio Martins é falecido. E trabalhei com um tal de Jair Zunino, que tem hoje uma sapataria aqui na rua Paraíba. Também é um senhor de setenta e poucos anos. E depois também trabalhei para o Sr. Vetteler. Hoje também é falecido. Mas esse eu ajudava só à noite. Eu fazia biscate à noite, no tempo em que eu era solteiro, para poder ganhar um dinheirinho a mais. Não trabalhava direto com ele. Ele só dizia assim para mim: "Então depois das seis tu vens me ajudar". Ele era alemão. Esse tinha vindo da Alemanha. Era um dos melhores sapateiros do Brasil, o falecido velho Vetteler. Tinha a sapataria ao lado da farmácia Sânicas. Não sei, eu acho que a Sânicas ainda existe. Era ao lado. Não existe mais.

*M- E por que o senhor saiu daqueles empregos em que estava?*

V- Porque eu me estabeleci por conta própria.

*M- E lá, quando o senhor estava lá em Presidente Getúlio, o senhor morava com a família?*

V- Sim, morava com a família. De lá eu fui embora, vim para Blumenau.

*M- Você sentiu dificuldades em se adaptar aqui em Blumenau?*

V- No começo sim, porque eu não tinha conhecidos. Dava até vontade de ir embora. Ah, preparei até a malinha para ir embora, de volta para casa.

*M- Por quê?*

V- Desanimei. Eu pensei: “Não tenho conhecidos, não tenho nada, estou longe do meu pai e da minha mãe. Eu era muito apegado à minha mãe. A minha mãe fazia tudo por mim. Onde ela ia, ela me carregava.

*M- Que idade o senhor tinha?*

V- Ah, 17 anos, na época. Quando eu trabalhava aqui, ia de 15 em 15 dias para casa. E levava um pouquinho de dinheiro para a minha mãe, porque nós éramos de uma família bem pobre. Nós não tínhamos nada. Tínhamos o dia e a noite que Deus deu. Meu pai morava na casa do patrão dele, na marcenaria em que ele trabalhava.

*M- E a família do senhor morava em Ibirama?*

V- Em Presidente Getúlio.

*M- Mas lá o seu pai era só marceneiro ou trabalhava também na lavoura?*

V- Foi sempre carpinteiro. Vivia sempre trepado em cima das casas colocando telhado. Eu também ia junto com ele. Quando ele dizia assim: “Tem uma casa para colocar telhado”. Nós íamos. Naquela época quase não existia telha. A telha naquela época era feita de madeira. Era tudo pregadinho. Era feito com cedro, que não apodrecia tão fácil. Eles passavam um óleo que existia no mato, um tipo de uma cola, uma cola meio preta. Com aquilo podia chover. Era o tipo de um asfalto, não sei te dizer. Senão eles passavam um verniz com óleo de linhaça. Eles preparavam um óleo de linhaça, na época, e passavam naquela telha. Podia chover. Batia água, e caía fora. Aquilo levava muitos anos para apodrecer. Se eu não tivesse essa profissão, tinha que ir para um banco de aula, tinha que estudar, para pegar um serviço melhor. Mas como me acomodei aqui na minha profissão, não me interessei em estudar. E se eu não tivesse essa profissão. Tinha que fazer força, ir ao estudo. É a mesma coisa que o sujeito movimentar uma pedra. Ele tem que ir à luta. Se ele não tem grau de estudo suficiente para entrar numa fábrica, ele tem que ser jardineiro, mecânico, pedreiro, ou sapateiro.

*M- O senhor tem mais alguma coisa a falar da sua profissão?*

V- Não. Não tem mais nada.

*M- Então, agradeço ao senhor por esta entrevista.*

**Associações  
escolares:  
elementos  
históricos para  
o debate sobre  
associativismo  
civil em  
Blumenau.**

*JAIME  
HILLESHEIM\* \*  
CAMILE REBECA  
BRUNS\* \*\**



**Associações escolares: elementos históricos para o debate sobre associativismo civil em Blumenau.**

Este artigo é resultado da pesquisa intitulada *Associativismo civil em Blumenau: evoluções e tendências*, que está sendo desenvolvida por um conjunto de pesquisadores do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Movimentos Sociais – NEPEMOS/FURB, financiada pelo CNPq. Este núcleo pretende identificar e analisar dados relativos ao associativismo civil em Blumenau considerando o período compreendido entre 1920 a 2000.

No presente texto, trazemos para a análise apenas os dados relativos ao núcleo temático denominado de associações escolares e educativas que foram criadas e/ou registradas no período que antecede e as que foram criadas e/ou registradas na década de 1920. Tal análise propõe evidenciar os valores que fundamentavam as práticas associativas, bem como revelar os objetivos e dinâmica das chamadas associações escolares e educativas no contexto histórico citado.

As análises realizadas apontam para o fato de que no contexto histórico já indicado, devido a quase total ausência do Estado, a sociedade civil em Blumenau e região cria as chamadas associações escolares para responder para as demandas educacionais.

Foi necessário que buscássemos algumas informações complementares para reconstruir a realidade relativa às associações escolares no período anterior a 1920. Portanto, fontes secundárias permitem a exposição de dados da realidade que não foi possível coletar por meio da consulta aos livros de registro civil destruídos<sup>1</sup>.

**Aspectos históricos das Associações escolares em Blumenau:**

De acordo com o relatório apresentado ao Conselho Municipal de Blumenau, em 1900, pelo então Superintendente Sr. José Bonifácio da Cunha, havia, em

<sup>\*\*</sup> Professor Mestre do Departamento de Serviço Social da FURB.

<sup>\*\*\*</sup> Aluna pesquisadora da VII Fase do curso de Serviço Social da FURB.

Blumenau, em 1899 mais de 25 escolas públicas e apenas 03 (três) privadas. O texto deste relatório enfatiza que nas escolas particulares (que eram organizadas pelas comunidades) procurava-se despertar o interesse pelas questões nacionais e subsidiava-se o professor de modo que este pudesse se dedicar mais aos assuntos escolares, através de salários mais elevados. Isso evitava que tais professores tivessem que procurar outras fontes de subsistência.

Já em 1908, de acordo com o relatório de gestão dos negócios do município de Blumenau elaborado pelo Sr. Alvin Schrader e apresentado ao Conselho Municipal em 1909, encontramos a seguinte passagem que merece destaque:

“O estabelecimento de colégios municipais, julgava não ser conveniente, porque, em 1ª lugar, o orçamento já não era suscetível de tamanho ônus, e em 2ª lugar, tais colégios com facilidade hão de tornar-se dependentes da politicagem local, o que seria o pior de tudo quando isso acontecesse” (SCHRADER, 1909:22).

O mesmo relatório apresentava, ainda, as seguintes posições:

“A instrução escolar deste município tem-se desenvolvido num sentido ‘recto’ e bem determinado mediante organizações de comunidades “escolásticas” que construía as casas e empregavam os professores” (SCHRADER, 1909: 22).

Em 1915, de acordo com os relatórios de gestão consultados, havia, em Blumenau, 102 escolas particulares mantidas pelas comunidades e atendendo 4228 alunos. Segundo o relatório apresentado ao Conselho Municipal pela superintendência, a instrução pública contava com os serviços do então Grupo Escolar Luiz Delfino que, em 1914, atendia 163 alunos, além de outras 09 (nove) escolas isoladas que atendiam 246 alunos.

No ano de 1916 o quadro relativo às atividades educacionais, de acordo com o relatório de gestão apresentado pelo então Superintendente Sr. Paulo Zimmermann (1917), era o seguinte: 01 (um) grupo escolar (Luiz Delfino) com 220 alunos; 09 (nove) escolas isoladas com 237 alunos; e 117 escolas particulares com 5063 alunos.

De acordo com o então Secretário Geral dos Negócios do Estado, Dr. Fulvio Aducci, havia, em Blumenau, 12.150 crianças em idade escolar. No entanto, apenas 5.621 freqüentavam as escolas. Destas, 558 freqüentavam as chamadas escolas estaduais e 5.063 as escolas particulares/associativas.

O elevado número de crianças em idade escolar que não freqüentava as escolas era justificado pelas condições precárias de locomoção e distância entre os locais de moradia e as escolas. Isso também, segundo os estudos realizados, fazia com que somente as crianças maiores entre 10 e 14 anos freqüentassem a escola, perfazendo um período de educação escolar de 04 anos.

A pesquisa documental permitiu identificar que antes do ano de 1920 haviam as seguintes associações escolares registradas na região de Blumenau<sup>2</sup>

Nome da Associação Escolar	Data de Fundação	Data de Registro
Sociedade Escolar Weissbach	1871	1920
Comunidade Escolar Warnow	1874	1929
Sociedade Escolar Cedro Alto	1892	Não consta
Comunidade Escolar Alto Massaranduba	1896	1924
Comunidade Escolar Particular Itoupava Alta	Não consta	1904
Comunidade Escolar Particular Itoupava Central	Não consta	1905
Comunidade Escolar do Encano Alto	Não consta	1906
Sociedade Escolar Velha Grande	1913	1938
Comunidade escolar Colônia nº58 de Massaranduba	1917	1941
Comunidade Escolar Trombudo Grande	1918	1929

A organização das comunidades através de associações escolares era a alternativa para garantir às crianças a educação escolar. Os sócios contribuíam financeiramente, através de mensalidades, para a manutenção da escola incluindo, aí, o pagamento de professores.

Dentre as associações identificadas somente a Sociedade Escolar Cedro Alto era restrita a famílias vinculadas a religião protestante. Nesta mesma associação o ensino era conduzido em língua alemã e portuguesa.

Salvo a associação da Comunidade Escolar Colônia nº58 de Massaranduba, todas as demais permitiam somente que crianças filhos de sócios (biológicos ou adotivos) frequentassem a escola. Na Comunidade Escolar Colônia nº58 de Massaranduba, as pessoas sócias que não tivessem filhos podiam manter na escola, através de pagamento de mensalidade, outras crianças.

Embora nos registros não constasse a questão do ensino na língua alemã, outros estudos apontam para este fato.

De acordo com JAMUNDÁ “faltasse ao imigrado a escola que criou ou criaram para ele os interessados nela, os filhos que chegaram com ele e os que nasceram na terra que ocupou, teriam sido analfabetos em duas línguas: a dos pais e a do país onde viviam” (JAMUNDÁ, 1998: 52).

Através de um decreto lei editado em Santa Catarina no dia 10 de fevereiro de 1922, as escolas particulares existentes deveriam ministrar, pelo menos a metade das aulas, em português (STROKA, 1998: 09).

Frente à ausência de ações governamentais na área educacional no contexto local, as comunidades se organizaram para dar resposta a esta necessidade. A educação escolar foi assumida como um valor de suma importância pelos imigrantes, conforme lembrava STROKA ao divulgar os trabalhos da chamada “Escola Alemã” (1889) existente em Blumenau, através de um anúncio publicado em 1934

no "kalender für die Deutschen in Brasilien":

"A Escola Alemã aceita alunos de confissão evangélica e católica que tinham como idioma materno a língua alemã. É uma instituição que oferece oito anos de ensino, na qual meio período é ministrado em idioma alemão, tendo como modelo o plano escolar das escolas da Prússia e da Saxônia, que oferecem um método moderno com objetivos de ensino definidos, sendo reconhecido na Alemanha e no exterior" (STROKA, 1998: 07).

No relatório de gestão dos negócios do município de Blumenau elaborado pelo então Superintendente Sr. Paulo Zimmermann, em 1919, havia 40 escolas públicas (em 1917 eram 10) e atendiam cerca de 1600 alunos. Este número foi, segundo o relato, duplicando-se ano a ano. Paralelamente, as chamadas escolas particulares/associações escolares decresceram de 110 com 5.100 alunos em 1917, para 30 escolas com 1.300 alunos em 1918 e a 40 escolas com 1.600 alunos em 1919 (ZIMMERMANN, 1920: 48).

De acordo com os registros consultados, entre os anos de 1920 e 1929 identificou-se as seguintes associações escolares registradas:

Nome da Associação Escolar	Data Fundação	Data Registro
Comunidade Escolar do Caminho das Areias	1921	1927
Comunidade Escolar Krauel	Não consta	1921
Comunidade Escolar do Tayo	Não consta	1921
Comunidade Escolar Ribeirão dos Cedros	1921	1927
Comunidade Escolar Dona Emma Central	1922	1927
Sociedade Escolar Alto do Thrombudo	1922	1926
Comunidade Escolar do Arraial	1924	1931
Escola das Parteiros de Blumenau	1925	1930
Comunidade do Itajaí-Açú-Crescêncio	Não consta	1925
Sociedade Instructiva "Izkola" Henrique Sienkvenriez	Não consta	1925
Comunidade Escolar Dona Clara	1926	1926
Comunidade Escolar Nova Heluetia	Não consta	1926
Sociedade Escolar de Arapongas	Não consta	1926
Comunidade Escolar Salto Pilão	1927	1930
Comunidade Escolar Evangélica de Beneditto-Timbó	1927	1932
Comunidade Escolar Mosquito	1927	1930
Comunidade Escolar Krauel Central Maneo	1927	1933
Comunidade Escolar Benjamim Constant	Não consta	1927
Comunidade da Escola Particular do Ribeirão Canella	Não consta	1927
Comunidade das Escolas de Massaranduba e Linha Telephica	1928	1928

Sociedade Escolar Capela São Roque	Não consta	1928
Comunidade escolar Ribeirão do Boi	1928	1928
Sociedade Escolar Ribeirão Victoria	Não consta	1928
Comunidade Escolar Pombas Setas	Não consta	1928
Sociedade Escolar Ribeirão Matador	Não consta	1929
Comunidade Escolar Ribeirão Tucanos	Não consta	1929
Comunidade Escolar Aquidaban	Não consta	1929
Comunidade Escolar Rio Beneditto Baixo	Não consta	1929
Comunidade Escolar Ribeirão Warnow	Não consta	1929
Sociedade Escolar Thrombudo Central	1929	1929

Para se vincular às sociedades escolares exigia-se *boa reputação* e, em muitas, obrigava-se as pessoas a assinar um termo de compromisso no qual submetiam-se às normas estatutárias. Havia sociedades em que os associados não podiam “se meter ou criticar” a diretoria da escola.

Na Escola de Parteiros de Blumenau, fundada em 1925, constatou-se que exigia-se à pretensa aluna (só se admitia moças) uma certidão de boa conduta e ausência de doença contagiosa.

Considerando este período da década de 1920, verificou-se, através dos documentos consultados, que na maioria das sociedades não havia distinção de sexo ou religião para que as pessoas pudessem se tornar sócias das associações escolares. Porém, em uma delas, a Sociedade Instructiva Izkola Henrique Sienkvenriez, somente poloneses eram considerados sócios ordinários e as pessoas de outras nacionalidades eram sócias mentórias.

Nas associações denominadas Comunidade escolar Benjamim Constant e Comunidade Escolar Aquidaban que tiveram seus registros em 1927 e 1929, respectivamente, os estatutos definiam que apenas homens com mais de 21 anos de idade poderiam se tornar sócios.

Na Sociedade Escolar de Arapongas, registrada em 1926, o estatuto previa que podiam ser sócias as pessoas que fossem “proprietárias de um terreno” na região que eram atendidas por seus serviços.

Normalmente, nas sociedades escolares destinadas à escolarização das crianças, o tempo de duração dos estudos variava de 4 a 6 anos e as idades das crianças também variavam entre 7 e 15 anos. Em muitas das escolas, os pais tinham a responsabilidade de mandar seus filhos às aulas e, independentemente disso ocorrer, tinham que pagar as mensalidades ou, ainda, em algumas sociedades, pagar uma contribuição relativa àqueles que não freqüentavam a escola, embora tivessem em idade de freqüentá-la.

As famílias que possuíssem mais de 2 filhos, em algumas sociedades esco-

lares, ficavam isentas do pagamento de mensalidades do terceiro. Quem não era sócio também poderia utilizar os serviços da maioria das associações escolares, no entanto, tinha que pagar uma mensalidade mais cara.

Constatou-se também que em algumas sociedades, os sócios que não possuísem filhos poderiam pagar uma contribuição de apoio. Em caso de terem filhos adotivos, estes “deveriam trabalhar” para frequentar a escola. Algumas sociedades permitiam aos sócios que prestassem serviços para a conservação e manutenção da escola, caso não tivessem recursos financeiros para o pagamento das mensalidades.

Na maioria dos estatutos havia critérios definidos para que ocorresse a expulsão de sócios. Os critérios mais evidenciados eram o atraso da mensalidade (que variava de 3 meses até 2 anos) e o envolvimento com discussões de caráter político e religioso.

As reclamações dos sócios quanto a atuação do professor deveriam ser feitas diretamente ao presidente da associação. Algumas sociedades definiam multas para quem não respeitasse esta norma.

Em algumas escolas as aulas eram ministradas em duas línguas: a alemã e portuguesa. Os programas, de acordo com os estatutos consultados, deveriam ser desenvolvidos conforme as diretrizes legais do país.

Na Sociedade Escolar Capela São Roque registrada em 1928, respeitava, ainda, as diretrizes diocesanas da igreja católica e o vigário da paróquia era quem dirigia a escola. Isso demonstra que, embora não houvesse em muitas associações escolares a restrição de frequência às atividades educacionais, por razões de escolas religiosas, tais preceitos fundamentavam as práticas educativas.

Observou-se, ainda, que em algumas escolas havia a preocupação com o desenvolvimento de atividades que ultrapassavam aquelas desenvolvidas na sala de aula. A Sociedade Instructiva Izkola Henrique Sienkvenriez (1925), por exemplo, propunha o desenvolvimento das artes cênicas, atividades de lazer para os associados, divulgação de literaturas populares e, ainda, preocupação em dispor à comunidade uma biblioteca.

Na Comunidade Escolar Ribeirão dos Cedros, fundada em 1921, identificou-se a preocupação em desenvolver e garantir o “ensino popular das crianças dos sócios da comunidade”, bem como a preocupação de oferecer “educação popular” em geral. No entanto, a perspectiva dessa chamada educação popular não consta nos registros consultados, embora, de acordo com estudos já realizados e considerando o período em análise, podemos inferir que este estímulo à educação popular estava voltado à recuperação de valores e tradições das famílias de imigrantes que habitavam a região.

No conjunto das sociedades escolares analisadas no período da década de 1920 constatou-se que o principal objetivo destas associações era oferecer a escolarização à infância/adolescência. Estas associações, por vezes, se constituíam para primeiramente construir as escolas (espaço físico) e, a partir disso, desenvolver

## Pesquisas & Pesquisadores

---

atividades que garantissem a sua manutenção, incluindo aí, principalmente, a remuneração de professores.

### Considerações finais:

Em síntese, o conjunto de associações escolares analisadas no período anterior e as que surgiram e/ou foram registradas na década de 1920, revelam as estratégias encontradas, nesse determinado momento histórico, por parte das comunidades da região, para responder a necessidades educacionais. Frente a quase total ausência de uma estrutura estatal que desse conta das demandas relativas à educação, as associações escolares foram se constituindo em mecanismos que, além da escolarização, garantiam a manutenção de valores (étnicos e religiosos especialmente) da população.

Os registros civis consultados revelam elementos importantes dos modos de vida deste período histórico aqui destacado. Constata-se práticas permeadas pela contradição, que ora revelam visões inclusivas e estratégicas e ora revelam posturas conservadoras e excludentes.

### Bibliografia:

CUNHA, José Bonifácio da. Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Blumenau pelo Superintendente em 15 de janeiro de 1900, referente o ano de 1899. Blumenau, 1900.

JAMUNDÁ, Theobaldo Costa. A escola estrangeira. In: Revista Blumenau em Cadernos, n.º 04. Blumenau, FCB, 1998.

SCHRADER, Alwin. Relatório da gestão dos negócios do Município de Blumenau durante o exercício de 1908, apresentado ao Conselho municipal pelo Superintendente. Blumenau, 1909.

STROKA, Ludwig. A escola alemã de Blumenau. In: Revista Blumenau em Cadernos, n.º 09. Blumenau, FCB, 1998.

ZIMMERMANN, Paulo. Relatório da gestão dos negócios do Município de Blumenau durante o exercício de 1915 apresentado ao Conselho Municipal pelo Superintendente. Blumenau, 1916.

ZIMMERMANN, Paulo. Relatório da gestão dos negócios do Município de Blumenau durante o exercício de 1917 apresentado ao Conselho Municipal pelo Superintendente. Blumenau, 1918.

ZIMMERMANN, Paulo. Relatório da gestão dos negócios do Município de Blumenau durante o exercício de 1919 apresentado ao Conselho Municipal pelo Superintendente. Blumenau, 1920.

---

1 Haja vista que houve a destruição de dois livros de registros civis (nº01 e nº02) devido a um incêndio ocorrido, optou-se em fazer uma pesquisa documental junto ao arquivo histórico municipal sobre o período que antecede a década de 1920.

2 Considera-se, aqui, apenas as consultas realizadas a partir do livro de registro civil nº 03.

### Feliz Páscoa

TEXTO:  
GRETE B.  
MEDEIROS\*



A palavra Páscoa significa *passagem*.

Refere-se à passagem do povo Israelita guiado por Moisés, pelo Mar Vermelho. Quando Moisés com seu povo chegou às margens do mar, este se abriu para dar passagem ao povo perseguido. Isto aconteceu muito antes da Era Cristã.

Carnaval termina na Quarta-Feira de Cinzas. Começa então a Quaresma. A Quaresma são quarenta dias de preparação para a Semana Santa que lembra o sofrimento de Cristo e sua gloriosa Ressurreição... domingo de Páscoa. Antigamente estes dias eram muito respeitados. Não se realizavam festas ruidosas, festas populares e até casamentos ficavam para mais tarde. Era mesmo um tempo silencioso. Às sextas-feiras não se comia carne, era banida da mesa dos fiéis. Para os moradores de cidades longe do litoral era bastante complicado conseguir peixe e camarão...

Nossos antepassados europeus trouxeram em sua bagagem para a nova pátria os costumes que não se perderam pelo tempo, valem até hoje. Aos poucos foram se espalhando pelo país a fora.

Era um tempo de muitos afazeres. As donas de casa se ocupavam com as limpezas das casas e jardins. Era preciso dar um toque de novo a tudo. Muita escova, sabão, água e sol. Na Quinta-Feira Santa, meio-dia devia estar tudo pronto, pois começava o grande silêncio de Sexta-Feira da Paixão. Era um dia de pouca atividade, e para os Fiéis jejum e abstinência.

O silêncio na cidade era grande. As rádios só transmitiam música sacra ou clássica. Na rua os automóveis evitavam as buzinas e mesmo o nosso trem vinha e partia em silêncio. Na igreja não era rezada missa, só adoração do Santíssimo. Os sinos também eram mantidos em silêncio, não badalavam e dizia-se às crianças que os anjos os tinham levado. Durante os 40 dias da Quaresma os santos na igreja eram cobertos com um véu roxo

\* Colaboradora da Revista Blumenau em Cadernos.

em sinal de luto. À noite saía a procissão de Nosso Senhor Morto. Ela atravessava a rua Quinze de Novembro e retornava ao pátio da matriz. A Verônica cantava e mostrava o rosto de Cristo gravado no lenço que ela usara para enxugar-lhe a face. O povo em silêncio escutava o sermão do Pároco. Sábado voltavam todos às suas atividades. Nos lares eram dados os últimos toques para o domingo e preparar a festa das crianças. Durante muitas semanas guardavam-se as casquinhas dos ovos de galinha que eram cuidadosamente esvaziados por um pequeno orifício e depois pintados e enfeitados com papel de seda de todas as cores.

Não se sabe ao certo por que foi escolhido o ovo como símbolo. Talvez por ser o início da vida... e o coelho como símbolo da fertilidade? ... mas com certeza é uma festa que encanta a meninada e assim ajuda para firmar na memória esta data para sempre.

Na véspera de domingo, Sábado de Aleluia, eram recheadas as casquinhas com amendoim açucarado e balinhas. Para cada criança era preparada uma cestinha para ajudar na procura dos ovinhos.

Um belo enfeite para a mesa de Páscoa também eram os ovos de galinha cozidos com tinta dissolvida em água quente (tinta importada Ostermann). Todos juravam que estes ovos coloridos eram mais gostosos... os olhos comem juntos...

Era um trabalho feito na cozinha com porta fechada para os baixinhos, pois o coelho estava ajudando a mamãe... mais tarde a mamãe exibia, como prova o pano manchado de tinta que o coelhinho teria usado...

À noite na igreja se preparava a Água Benta para o ano todo, era chamada a Bênção do Fogo. Esta cerimônia terminava à meia-noite. O que acontecia em seguida era de um impacto indescritível: os santos eram descobertos, as velas acesas, os candelabros jorrando luzes e os sinos badalando, anunciando a Gloriosa Ressurreição de Cristo. Só sabe quem uma vez assistiu. Era então rezada a missa de Páscoa.

Domingo cedo os pais escondiam nos jardins coelhinhos e ovos de chocolate e outras guloseimas. A meninada no dia anterior havia preparado os ninhos onde o coelhinho deveria colocar seus ovinhos. Que alegria e algazarra quando era chegada a hora de soltar a meninada para o jardim à procura dos ovos deixados bem escondidos. Depois de um almoço bem caprichado os pais podiam tirar um pequeno descanso bem merecido.

À tarde era dedicada aos parentes e amigos, para desejarem-se uma Feliz Páscoa, tomar um bom café e bater um bom papo. Vamos desejar que este costume permaneça em nosso meio e que nossas crianças todas tenham sempre seu coelhinho...

## Memórias

### Meus Tempos de Colégio - IV O Científico

TEXTO:  
ARMANDO LUIZ  
MEDEIROS\*



Mais uma vez era com uma sensação de responsabilidade que se iniciava uma nova - e mais difícil - etapa na vida escolar. Frei Ernesto, o Diretor, não se cansou em anunciar na aula inaugural as dificuldades a enfrentar no Curso Científico durante os três anos que se seguiriam.

Mais uma vez também conhecíamos colegas novos, originários dos mais diferentes recantos do Estado, já que não eram muitos os estabelecimentos que ofereciam ensino de segundo grau, especialmente de boa qualidade. Além do mais, o colégio concorrente, o Pedro II, ainda não oferecia o Científico. Assim vieram juntar-se à nossa turma futuros grandes amigos, como Fernando Souza, Fernando Schwanke, Waldyr Berndt, Josué Balland, Raul Valentim da Silva, Elzeário Schmitt e outros mais, como sempre traídos pela memória deste articulista, entre os quais destaco o César, chamado de "Apô" por sua fortíssima gagueira no início do curso (depois totalmente controlada por seus próprios esforços), cujo sobrenome já esqueci. Note-se que os alunos já então eram geralmente chamados por seus prenomes, desaparecendo aos poucos o costume europeu do uso de apenas os sobrenomes. Grande novidade eram as três moças na classe: Isolde Meyer, Mara Huscher e Valéria Tavares, pois desde o Primário que não estudávamos em classes mistas. Foi assim que o primeiro ano encontrou uma turma de uns cinquenta alunos, número que, ao terminarmos o curso, ficou reduzido para apenas dezesseis, infelizmente sem a participação de nenhuma colega mulher.

A dificuldade em acompanhar as aulas era realmente bem maior do que no Ginásio. Física, Quí-

\* Colaborador da Revista Blumenau em Cadernos.

mica e Biologia eram estudadas com uma profundidade assustadora, pelo menos para nossa perspectiva da época. E por falar em perspectiva, esta matéria era dissecada pelo Professor *Chucrute* (tenho quase certeza que ele devia ter mais algum outro nome ...), juntamente com a Geometria Descritiva, na única matéria que realmente me assustava, o Desenho, para o que não tinha a menor jeito.

O forte do Colégio àquela época eram as línguas: o Português, o Espanhol, o Francês e o Inglês, cujos programas cobriam desde as origens de cada uma delas até suas literaturas antigas e contemporâneas. Assim viemos a estudar um pouco de Gil Vicente a Fernando Pessoa, de *El Cid Campeador* a Jorge Luis Borges, de Chaucer a James Joyce, além de traduzir (em versos, naturalmente) poesias do Português para o Francês (e vice-versa).

Aliás, o professor de Inglês e Francês, nos dois anos em que as línguas estrangeiras ainda eram parte do programa, foi Carlos Augusto Meyer, então recém chegado do Rio de Janeiro, que pouco tempo ficou na Cidade, mas que deixou a lembrança de aulas bem dadas. Soube que mais tarde acabou sendo Cônsul da Alemanha em Porto Alegre.

No primeiro ano, o Português e o Espanhol eram ambos ensinados por Frei Capistrano Binder, que não se cansava de declarar sua tristeza pelo número maior de erros cometidos pela turma no vernáculo do que no Castelhana nos ditados traduzidos. Foi um ano que deixou saudade, pois a seu fim o simpático e eficiente professor foi transferido para outra paróquia.

Seu substituto nas aulas de Português não fez menos. Frei Odorico Durieux deixou ainda maiores recordações, especialmente pela maneira como ensinou nossa literatura, sem nos obrigar à leitura de nenhum livro completo. Nos deu também aulas de Retórica, que tanto vieram a me ajudar ao longo da vida; não sei quantas vezes estruturei uma exposição seguindo o roteiro por ele ensinado e resumido num hexâmetro latino: "*Quis, quid, cur, contra, simile, paradigmata, testes*"! Aprendi o bastante das Literaturas Portuguesa e Brasileira sem grande esforço e sem que este fosse meu interesse principal, em função de uma almejada futura carreira tecnológica. (Em artigo anterior relatei meu reencontro com o velho professor, ainda ativo na profissão depois de quase quarenta anos.)

Minha falta de interesse por assuntos especificamente dirigidos a uma carreira voltada às Ciências Biológicas fez-me, infelizmente, perder muito do conteúdo das brilhantes aulas de Frei Fulgêncio, como sempre um professor extremamente dedicado, que chegava a oferecer aulas extraordinárias, à tarde, para quem quisesse se aprofundar, sem nenhuma outra compensação além de sua satisfação com o dever cumprido de forma excepcional.

Outro professor extremamente aplicado foi Frei Valdemar do Amaral, embora sem resultados tão aparentes. Talvez lhe faltasse paciência ou até mesmo a verdadeira vocação para o magistério. Pareceu-me sempre que só ministrava suas aulas - e, mesmo assim, com muito esforço e dedicação - por força de suas obrigações sacerdotais. Lecionava, como titular, Matemática e Química e, como substituto, tudo para o que eventualmente faltassem professores - Português, Física, enfim, o que desse e viesse, sem prejuízo para suas obrigações sacerdotais. Cedo, todas as manhãs, rezava a missa no Colégio *das Irmãs* e às sete e meia já estava a postos para as aulas de Religião - sem mencionar a missa principal dos domingos, a das nove, por ele regularmente celebrada.

Havia, no entanto, uma exceção aos comentários acima: as aulas práticas de Química, onde o mestre se excedia. Eram muito bem ministradas, fazendo mesmo com que alguém que não tenha tido esta matéria como uma de suas prioridades se lembre, até hoje, dos conceitos fundamentais desta ciência. As aulas incluíam não apenas a matéria propriamente dita, mas também eram ricas em *dicas* para quem eventualmente fosse algum dia lecionar Química. Lembro-me de como, após uma reação de alguma substância alcalina com fenolftaleína, dizia Frei Valdemar: "*Viram? Ficou vermelho!*" e logo dava seu conselho: "*Nunca se deve dizer antecipadamente que vai ficar vermelho, pois por algum motivo qualquer a reação pode não se dar da maneira prevista, e o professor acaba desmoralizado ... Deve-se esperar a mudança de cor para então dizer: Viram?*"

Só muito mais tarde me dei conta do quanto Frei Valdemar conseguiu nos inculcar tantos conhecimentos, e do esforço que isto deve ter-lhe custado.

Quero deixar aqui formalmente registrado meu grande respeito e meu especial agradecimento por estes seus imensos esforços para dar, e de forma geralmente muito didática, aulas de matérias difíceis e que não necessariamente eram sua especialidade, tudo fazendo enquanto agüentava a peraltice de uma

turma de *marmanjos* que até um passaro e uma cobra viva levaram para a sala de aulas ...

Frei Valdemar continua sendo meu grande amigo, além de exercer o papel de Capelão de nossa família: casou-nos, batizou-nos a filha, casou-nos filho e filha (esta, no mesmo dia de nossas bodas de prata) e batizou-nos três netos. Obrigado, Grande Mestre!

História e Geografia eram, mais uma vez, domínios de Max Kreibich, que na prática repetia quase que literalmente as mesmas velhas aulas já dadas no Ginásio, sempre com as mesmas características destinadas a despertar e aumentar o interesse dos alunos, contando as mesmas histórias, repetidas à exaustão. Confesso que com tantas matérias difíceis pela frente, eu pouco ou nada estudava de História e Geografia; as notas vinham por conta das lembranças do Ginásio ...

Frei Odo Rossbach era o professor de Física e Filosofia. Comentava-se que havia sido ele o arquiteto da reforma que havia trazido o Colégio de volta ao azul, depois de anos de prejuízos. Como professor de Física, encarnava a grande dificuldade dos alunos. Suas aulas eram baseadas no livro texto de Francisco Alcântara Gomes (que mais tarde conheci como diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Estado da Guanabara, onde estudei). Seu grande e bem guardado segredo era, no entanto, um livro chamado "Problemas de Física", que apresentava não só os problemas, mas detalhava suas soluções. Armado com tal ferramenta, Frei Odo montava suas provas e aterrorizava os alunos levados "ao quadro" para a resolução de problemas, avaliação pública que podia (ou não) ter valor para a nota mensal. Vez por outra deixava-se levar pelo desejo de vingança contra o autor de alguma inconveniência, literalmente o destroçando com um problema especialmente *cabeludo* ...

O ponto alto do curso eram também as aulas de laboratório. Nestas, Frei Odo era mestre, apesar de em certa ocasião, para demonstrar que líquidos diversos nem sempre se misturavam, ter preparado numa bureta de vidro um coquetel de mercúrio metálico, óleo mineral e água (com uns 100 mililitros de cada uma das três substâncias); terminada tal óbvia demonstração, e para a surpresa e pasmo dos assistentes, exclamou "*Viram, não se misturam!*", ao mesmo tempo em que derramava todo o conteúdo pelo esgoto da pia! Para pavor ain-

da maior de Frei Valdemar, já que o mercúrio, caro e extremamente venenoso, provinha de seu laboratório de Química ...

Grande foi minha decepção ao passarmos todo o terceiro ano sem usar o bem equipado laboratório de eletricidade, deixando de fazer experiências que tanto me atraíam, com a enorme bobina de Ruhmkorff capaz de produzir meio milhão de Volts e o imenso gerador de Tesla!

As aulas de Filosofia eram mais suaves e talvez até mais interessantes. Como bônus, tivemos ainda aulas de Grego, pois, sempre que podia, Frei Odo nos ensinava a etimologia das palavras que iam apreciando no decurso de suas aulas e que eram originadas daquela língua que ele tão bem dominava. Assim acabei por aprender o alfabeto e adquirir alguns poucos conhecimentos rudimentares que, muito mais tarde, permitiram-me entabolar um início de comunicação, quando de nossas viagens à Grécia. Nunca poderia eu imaginar que, por força das aulas de Filosofia de Frei Odo, chegasse a ser capaz de ler (ou decifrar) um pouco de Grego ...



Turma de 1957 em excursão - Caxias do Sul

Mas a grande contribuição de Frei Odo à nossa educação foi bem mais informal. Organizou visitas a indústrias, como à fábrica de porcelana em Pomerode, cidade onde tivemos ainda a oportunidade de ouvir as idéias do escultor Teichmann, mestre da madeira e artista plástico de grande renome, sobre o *Estilo Funcional*, então em moda.

O ponto alto de seu programa de visitas veio a ser nossa excursão a Porto Alegre. Blumenau, Lages, Caxias, Porto Alegre, Torres, Forquilha, Blumenau. Dezoito ou vinte dias fora de casa, conhecendo novos lugares e visitando grandes empresas, como a metalúrgica Eberle, Pepsi Cola e a fábrica de cigarros Sudam, enquanto os contatos com as famílias eram mantidos por mim, através de radioamadores amigos.

Porto Alegre era a maior capital que a maioria de nós chegara a conhecer. A cidade tinha como atração especial os cinemas, que exibiam filmes de circuitos de primeira linha, mais de um ano antes de sua exibição nos congêneres blumenauenses. Televisão, mesmo lá ainda não havia.

Esta excursão nos saiu a um custo quase simbólico (CR\$ 1.500,00 por pessoa, uns 60 ou 70 dólares da época, se eu estiver certo). Os traslados foram feitos em ônibus alugado da Auto Viação Catarinense, um *Mercedes* de 36 lugares, novo, mas sem bancos reclináveis, cujo motorista acabou nosso bom amigo. As estadias no percurso foram em colégios (era julho, mês de férias, e os internatos estavam vazios) ou em conventos; em Porto Alegre ficamos na casa da JUC, a Juventude Universitária Católica. Até banho no Guaíba tomamos (bons tempos!). A viagem foi ótima, mas lembro-me da alegria de todos ao voltar à nossa cidade.

O segundo semestre transcorreu sem maiores incidentes, com nossas preocupações voltando-se, aos poucos, para o Vestibular. Lembro-me como nos reuníamos, nos intervalos entre as aulas, Balland, Raul e eu, para discutir soluções de problemas de matemática extraídos de uma coleção da FTD escrita por quatro professores do Rio de Janeiro (os quais, descobri mais tarde, eram alcunhados de "*Os Quatro Patetas*"...) três dos quais cheguei a conhecer pessoalmente

Chegado dezembro, organizou-se uma festa de formatura, coisa não comum no Científico. Foi no Tabajara Tennis Club; ao meio-dia, depois da ceri-

mônia de graduação, um almoço privativo para alunos e professores e, à noite, uma festa dançante com convidados (e convidadas, naturalmente) especiais.

E assim, lentamente, praticamente sem que fosse sequer notado, acabou-se o longo período que começara oito anos antes com o “Pré”. Havíamos cursado o que era então possível estudar em Blumenau. O que viria à frente iria exigir nossa saída da Cidade, mas isto já é outra história.



Turma de 1957 em excursão - Travessia por balsa

## Memórias

### **Dona Hertha Lorenz Deeke: uma lembrança**

*TEXTO:  
BRIGITTE  
FOUQUET  
ROSENBROCK*



Hoje acordei cedo e fui ao jardim colher flores! Não qualquer flor, mas uma muito especial, pois o momento o pedia.

Em geral quando falece uma pessoa conhecida, telefono à floricultura, peço que me façam uma tala para velório. Porém hoje o meu coração mandava que eu fizesse com flores do meu jardim. Aquela trepadeira de flores muito pequenas cor-de-rosa que conheço desde criança com o nome de “Liebesgeschlinge”, e que muito mais tarde aprendi a conhecer com o nome de “coração de mãe”.

Aos dois nomes a flor faz jus, pois o coração de mãe tem os tentáculos do amor!

Cada ramo que juntei para fazer o buquê, em mim despertou lembranças e saudades... lembrei do “Kränzchen” (lanche semanal das quartas-feiras) do qual faleceu ontem sua última integrante fundadora. D<sup>a</sup> Hertha Deeke que juntamente com mamãe, minha tia e mais outras senhoras há mais ou menos 65 anos iniciaram este “Kränzchen”.

D<sup>a</sup> Hertha, aos 97 anos completados em final de março, viveu seus últimos 12 anos no “Lar Elsbeth Koehler”.

... e minhas lembranças voltam, ... vejo todas as senhoras chegando à casa da anfitriã do dia com seu buquê de flores, colhidas de seu jardim, para enfeitar sua tarde. Elas se esmeravam em fazer os buquês mais bonitos... e eram mesmo!

Mamãe tinha esta trepadeira cor-de-rosa e com seus ramos fazia os mais bonitos arranjos. A época de sua floração é o outono e desperta em mim a lembrança desta turminha alegre, bordando, fazendo tricô e crochê e contando as novidades da semana.

Participei de muitos deles, principalmente quando mamãe já era mais idosa, eu a levava de carro e tomava o café com elas, onde aparecia na mesa ou uma



Foto tirada em 1913: Da esquerda para direita: Hertha Lorenz (cas. Deeke) Hilde Rehder (sentada), atrás Hedwig Lorenz (cas. Schindler) e Cecília Weege (cas. Lischke).

## Memórias

---

receita nova ou a tradicional da anfitriã, que as outras já esperavam com ansiedade, pois elas eram 11 senhoras e como os lanches eram em rodízio, levava tempo, e a próxima já preparava o seu lanche no papel com muita antecedência. E não faltava um dos buquês!

Estes lanches são tradição aqui na região e hoje existem muitos grupos de senhoras que se reúnem da mesma maneira! Naquela época elas se chamavam de "Kränzchen Schwestern" (irmãs do lanche).

Hoje, antes de ir ao velório de D<sup>a</sup> Hertha passei com o meu arranjo de flores na sepultura de mamãe, conversei com ela e disse-lhe quem receberia estas flores.

Coloquei-as abaixo das mãos de D<sup>a</sup> Hertha que as levou consigo ao túmulo... e tenho certeza que ela tomou conhecimento delas e também se transportou para épocas passadas!

Blumenau, 21 de abril de 2002



Hertha Lorenz Deeke - 29/03/1905 - 19/04/2002

## Crônicas do Cotidiano

### Lembrando da Estrada de Ferro

TEXTO:  
URDA ALICE  
KLUEGER\*



### Lembrando da Estrada de Ferro

Como num bom filme de western, tínhamos uma estrada de ferro aqui no Vale do Itajaí, desde o começo do século até 1971, não tenho certeza. Ela ligava Blumenau até quase os confins da região colonizada um século antes; ligava Blumenau ao porto de Itajaí. Era uma estrada importante: a vida da região corria por ela. Para tudo nos servia, e, além do seu papel econômico, era uma fonte de alegrias, era a promessa das coisas boas.

Vou contar um pouquinho da minha experiência com ela. Na minha infância, a estrada de ferro significava encantadores finais de semana na casa da minha avó, em Lontras. A gente tomava o trem no centro de Blumenau, e o meu delírio nessas viagens era comer cocada, que meu pai sempre acabava comprando do vendedor do trem, iguaria rara, a mais deliciosa que eu conhecia. Podia acontecer, inclusive, que numa viagem de trem a gente experimentasse até um sonho recheado de mussi com guaraná (a coca-cola ainda não chegara por aqui), e aquilo dava o colorido maior das minhas viagens de infância. Eram muitas horas no trem, creio que umas sete ou oito, atravessando túneis cheios de fagulhas e vendo paisagens ousadas e maravilhosas, até chegarmos em Lontras e à casa do meu avô.

Estar lá era uma festa! Havia sempre grandes bacias de vidro cheias de sobremesa de ameixas ou de peras, mas, acima de tudo, havia o convívio e as brincadeiras com meus primos Lori, Ralph, Rudy e Fred. Brincávamos como loucos o dia inteiro, e voltávamos no domingo à tarde, sempre carregando sacos cheios de tangerinas, peras ou "pflaumm", ou as deliciosas limas, tão fora de moda atualmente, quase sumidas do mercado. Dormíamos de cansaço nos bancos duros do trem, e, chegando em Blumenau, pegávamos um carro-de-mola na estação (o antepassado do táxi, puxado a cavalo), pois eram muitas as frutas e as crianças cansadas a carregar.

Creio que a viagem mais chocante que fiz na antiga estrada de ferro foi quando tinha 14 anos, por-

\* Escritora e Membro da Academia Catarinense de Letras.

tanto, em 1966, às vésperas do trem ser desativado. Fui com meu pai, visitar minha avó (meu avô já tinha morrido fazia tempo). Eu era uma autêntica adolescente/aborrecente, e lembro-me muito bem como me vesti para a viagem de trem: moderna saia plissada de nycron branco, moderna blusa de ráfia vermelha brilhante, moderníssima touca de ráfia branca, que herdara da minha irmã Mariana, e que, lembrando agora, tenho a certeza de que parecia um porco-espinho. Moderníssima, entrei com meu pai no velho trem, ansiando, como toda adolescente que se preza, pelas grandes aventuras que viriam. E a aventura estava lá, no mesmo vagão, na forma de um rapaz lindíssimo, claro, bem vestido, que, na mesma hora, me concedeu a honra de me olhar com admiração. Era um cara já bem velho (calculo que tivesse seus 20, 22 anos), e foi uma loucura a paquera que rolou, a gente a se olhar a viagem inteira quando meu pai estava distraído, eu me sentindo a própria Mata-Hari com aquela touca de ráfia que mais parecia um porco-espinho. Naquela minha derradeira viagem de trem no Vale do Itajaí, nada vi da paisagem: todos os momentos foram dedicados ao “gato” que me paquerava também. Ele saltou antes de mim, creio que na estação de Subida ou ali por perto, e eu segui com meu pai para o final de semana na casa da minha avó.

Houve bacias de vidro cheias de sobremesa de ameixa e galinha ensopada com bolinhos de arroz, como sempre, na casa dela, e meus primos já estavam muito grandes para que quiséssemos brincar como antes. Gastei o tempo lendo velhíssima Seleções do Readers Digest, e chegou a hora de voltar.

Quem entrou no trem, provavelmente de novo na estação de Subida? O “gato”, nem mais, nem menos. Desfalecente de emoção, a adolescente/aborrecente não queria acreditar em tamanha sorte. E a paquera rolou de novo.

No meio do caminho, aproveitando que meu pai fora tomar água (Ai! Que luxo que eram aqueles bebedores do trem, com as suas piazinhas brancas!), o moço gato, gatíssimo, levantou-se e veio até o meu lugar. Sem fôlego para responder, peguei na mão o cartão de visitas que ele me dava (que luxo!), e o ouvi dizer:

- Escreva para mim neste endereço! - (telefone, naquela época, nem pensar).

Escondi o cartão no sutiã antes que meu pai voltasse, e passei dias, semanas, com ele queimando na mão. O nome do moço era Otávio Hiandts, e ele era de Itajaí. Escrever-lhe era a minha maior vontade, mas se ele respondesse? Como justificaria em casa estar recebendo carta de um desconhecido? Foram dias de dura luta interior, até pegar minha caneta Parker e um papel bem bonito, e lhe mandar uma carta:

“Não quero que me escrevas, porque meus pais podem não gostar.” - mais ou menos assim, coisa bem boba, dessas que a gente faz na adolescência.

Nunca mais soube nadinha do príncipe Otávio Hiandts, de Itajaí, que, provavelmente, como eu, tinha uma avó com quem passar o final de semana pelas beiradas da linha do trem. Hoje ele deve ser respeitável senhor, avô de netos, talvez barrigudo, talvez careca, e as pessoas de certo nem se lembram o quanto já foi bonito. De repente, com esta crônica, até alguém me dê notícias dele.

Mas que pena que o trem acabou!

*Blumenau, 24 de setembro de 1995.*

## Crônicas do Cotidiano

### Um homem chamado Jorge Amado

TEXTO:  
URDA ALICE  
KLUEGER\*

### Um homem chamado Jorge Amado

Numa das varandas da casa de Jorge Amado, no bairro do Rio Vermelho, em Salvador/Bahia, há uma curiosa escultura. Estávamos a conhecer a casa, eu e minha amiga, a poetisa e Jornalista Tânia Rodrigues, e pisávamos no chão como se pisássemos em ovos, tamanha era a emoção por estar, afinal, na casa de Jorge Amado, quando deparamos com aquela escultura. Era de um escultor cearense, e fora feita com duas antigas máquinas de costura manuais. O escultor adaptara as duas máquinas, colocara-lhes orelhas, focinhos, etc., e elas tinham se transformado em um casal de cachorros. A cachorra estava no chão, em pose de espera; o cachorro, apoiado nas patas traseiras, mantinha-se em diagonal sobre ela, exibindo avantajada pua como órgão sexual.

Vínhamos lentamente pela varanda pejada de objetos de arte e, quando passávamos pela escultura do cearense, Jorge Amado deu um empurrão no cachorro. De imediato ele bateu numa forte mola que eu não tinha percebido, e pôs-se a fazer valente movimento de vai-e-vem, imitando perfeitamente o que aqui no Brasil a gente chama de transar, ou furunfar, e como não sei o nome popular dessas coisas aí nos Açores, esclareço que o cachorro passou a fazer aqueles doces movimentos que dão origem aos cachorrinhos.

Eu e Tânia ficamos espiando com o rabo dos olhos a transa dos cachorros, e D. Zélia Gattai, a queridíssima D. Zélia Gattai, deu uma bronca no marido:

- Que é isso, Jorge? O que é que as moças vão pensar?

Jorge Amado ria com gosto.

- Ora, Zélia, as moças já viram disto, não vão estranhar!

E o cachorro continuou batendo na mola e furunfando com força enquanto nos afastávamos.



\* Escritora e Membro da Academia Catarinense de Letras.



maior surpresa ao descobrir, em “Navegação de Cabotagem”, a existência de um Jorge Amado humano, brincalhão, pícaro, cheio de amigos, e aquilo me encorajou a lhe escrever uma carta, falando do quanto gostara do livro e do quanto gostava da Bahia. E claro que não esperava resposta de uma pessoa tão ocupada, e quase morri do coração quando, uns dez dias depois, recebi uma resposta dele. Foi assim que começou nosso contacto, e quando ele soube que eu iria à Bahia em novembro daquele ano, mandou-me o telefone para que o procurasse.

Tânia Rodrigues e eu prendíamos a respiração quando, já em Salvador, ligamos do hotel para a casa dele. Imaginávamos ser atendidas por uma secretária, e quase morremos do coração quando ele próprio atendeu ao telefone e ajeitou a sua agenda mental para achar um espaço para nós. Combinamos um encontro para à tarde, na Academia de Letras da Bahia, onde ele tinha um compromisso.

E claro que vestimos roupas novas e nos enchemos de perfume para o grande encontro. Quinze minutos antes da hora marcada já estávamos no lindo prédio da Academia, o coração batendo forte de emoção. Os acadêmicos que foram chegando nos deixaram à vontade, a sala onde estava foi-se enchendo, e, de repente, na maior simplicidade, adentra a ela Jorge Amado em pessoa, perguntando se ali estava uma escritora de Santa Catarina com quem marcara encontro. Vestia-se todo de branco, com roupas leves e confortáveis, e era igualzinho como a gente o via em fotografias ou na televisão. Foi extremamente simpático desde o primeiro momento, e nos convidou para sala contígua, onde poderíamos conversar à vontade.

Nessa ocasião, ele estava com 80 anos, mas sua lucidez e agilidade mental eram surpreendentes. Sentamo-nos a conversar, e como ele gosta de conversar! Ele fala baixinho, a gente tem que chegar bem perto para ouvir bem, e suas histórias são sempre interessantes e bem humoradas. Contou-nos muitas coisas naquela tarde, principalmente sobre sua família. Como todo bom brasileiro, tem uma avó índia (Zélia Gattai conta nos seus livros o quanto a sua sogra era índia, com negros cabelos escorridos), e, como bom brasileiro, também, acha que tem sua parcela de sangue judeu, por parte dos Amados, coisa que nunca conseguiu comprovar. Eu adoro ouvir histórias, e ouvi-las diretamente da boca do nosso maior escritor era algo que estava além dos meus melhores sonhos. Poderia ter ficado o resto da vida ali, mas o tempo urgia e Jorge Amado foi chamado para votar alguma coisa na reunião da Academia. Votou e, gentil, veio nos buscar. Sou acadêmica aqui do meu Estado de Santa Catarina, mas não esperava que ele fizesse o que fez: chamou-me para a mesa, apresentou-me como acadêmica, fez-me honras que me deixaram até acanhada. Foram servidos vinhos e deliciosos quitutes baianos (ah! A comida baiana única no mundo!), outros acadêmicos me requisitaram, e quando vi, já era hora de ir embora. Fui despedir-me de Jorge Amado, agradecer-lhe por aquele inefável tempo em sua companhia, por aquela oportunidade que julgava única na vida, feliz



ficasse evidente que quem se tornava pano-de-fundo era Jorge Amado.

É impossível conceber-se Jorge Amado sem Zélia Gattai. Há que se ler os cinco livros de memórias e o romance que ela escreveu, para se ter uma idéia de quem é Zélia. Mas há que se conhecê-la pessoalmente para se aquilatar o real valor daquela mulher.

Zélia é a mais meiga, mais linda, mais forte, mais intensa, vibrante e suave das mulheres. Conhecê-la foi uma das experiências mais gratificantes da minha vida - que dizer da sorte de Jorge Amado, que priva da sua presença há mais de cinquenta anos? A imensa energia de Zélia nos envolveu, e, quando dei por mim, estávamos todos sentados numa das varandas, com Rose, a empregada simpática a nos servir sorvetes.

Eles são extremamente simples. Jorge Amado estava sentado em confortável cadeira de lona, e Zélia acomodara-se em lindíssima cadeira-de-balanço, antiga peça muito bem trabalhada em madeira negra que, ela explicou, é a última peça que resta das que seu pai trouxe da Itália quando emigrou para o Brasil. As cadeiras estavam próximas, e era evidente a compreensão e o carinho com que os dois se tratam. Começamos a conversar, e eles nem se davam conta dos gestos de ternura que faziam um no outro: Jorge Amado acariciava com leveza a nuca de Zélia, num lento e suave movimento que dura a mais de cinquenta anos; Zélia, por sua vez, acariciava com a mesma leveza a perna que ele cruzara ao sentar-se, e aquilo era uma coisa tão natural entre os dois, refletia uma intimidade e um entendimento tão grandes, que senti a garganta apertada de emoção.

A conversa correu leve e fácil. Os dois, agora, nos contavam de passagens de suas vidas e de suas famílias (naquele dia, seu filho João Jorge fazia 47 anos, e eles tinham comemorado com um almoço). Fomos interrompidos pelo telefone: um amigo de Portugal estava a ligar, e eles ficaram passando o telefone um para o outro, e conversando animadamente com o português como se ele estivesse ali junto. Depois, nossa conversa continuou, mas aí Jorge Amado lembrou-se de que tinha um recado para seu motorista, e chamou-o. Um simpático baiano apresentou-se, e recebeu a incumbência de ir buscar uma caixa de doces na casa de alguém que voltara de viagem ao Ceará.

- Vá depressa! - brincou ele. - Fulano é muito guloso, se deixar os doces lá por muito tempo, ele é capaz de comer todos!

Simple, brincalhão, de repente ele se lembrou que não nos oferecera uma bebida. Atrás de nós havia uma porta com um bar evidentemente supersortido, e ele liberou:

- Vão, vão ali, peguem a bebida que vocês gostam! Não se acanhem, fiquem à vontade!

Não me servi, havia acabado de tomar o sorvete e não queria perder nenhum momento do que estava acontecendo; aí Jorge Amado resolveu nos mostrar a casa.

Com a simplicidade de um velho tio, ele nos levou por toda a sua casa. Conhecemos seu computador, especialmente adaptado para ele, que está com um sério problema de visão, o primeiro computador da sua vida, pois, enquanto enxergou bem, sempre usou a máquina de escrever. Ele quis nos mostrar como funcionava o computador, mas atrapalhou-se com os comandos - era evidente a sua saudade da velha máquina de escrever.

Andamos por toda a casa, até o quarto do casal nos mostraram, mas, sem dúvida, o mais impressionante de tudo, é uma biblioteca que existe na casa. É nessa peça que trabalha uma moça simpaticíssima, que é secretária do casal, chamada Rosani, e é ela que mantém organizados e encapados os livros que lá estão.

A sala é ampla e a biblioteca é bastante grande, e fiquei de boca aberta quando soube que tipo de livros havia ali. Naquelas prateleiras estava um exemplar de cada edição de cada livro de Jorge Amado em cada língua em que eles haviam sido publicados, e o meu coração brasileiro bateu forte ao ver o feito que um compatriota conseguira. Penso que, provavelmente, nenhum escritor vivo, no mundo, possa ter uma biblioteca como aquela. Os livros estão impressos em mais de 50 línguas e, se considerarmos que há línguas que são faladas numa porção de países, como o inglês e o espanhol, nossa cabeça dá um nó na hora de fazer as contas. Jorge Amado tirou da prateleira um livro ao acaso e o abriu estava escrito em caracteres estranhíssimos, que com certeza não era o chinês, nem o japonês, nem o árabe - tratava-se, de certo, de alguma escrita asiática, e ele riu e fez um comentário sobre como se saber que tipo de tradução tinha sido feita do seu livro naquela língua da qual não entendíamos patavina.

Andamos, depois, ao redor da casa, vimos a piscina, embrenhamo-nos pela floresta até avistar o grande mar-oceano lá embaixo, e, coisa curiosa, por toda a parte havia sapos. Não eram sapos vivos, mas uma incrível coleção de sapos de pedra, de acrílico, de cerâmica, de todos os materiais, dispostos pelas calçadas e ao redor da piscina, presos ao chão com cimento, uma imensa coleção de sapos de todos os formatos e tamanhos como nunca julgara existir. Eram sapos de todas as partes do mundo, colecionados durante as muitas viagens do casal.

E, no meio da floresta, uma escultura de Exu, em metal negro, Exu, o orixá brincalhão, trazido há cinco séculos da África para o Brasil, e hoje um dos orixás importantes do candomblé brasileiro. Com muita graça, Zélia Gattai nos contou como explicara para o netinho a personalidade de Exu, recriou para nós um episódio familiar daqueles que sempre acontecem entre avós e netinhos, fez-nos crer que ela era uma avó quase igualzinha à qualquer avó.

Voltamos às varandas, passamos de novo pela escultura dos cachorros com que iniciei esta matéria, ele bateu de novo no cachorro que voltou a ser impulsionado pela mola que o colocou a furunfar, Zélia brigou com ele de novo, a simplicidade deles era uma coisa tão marcante que a gente se esquecia de que se

tratavam de dois monstros sagrados. Zélia nos mostrou seus objetos de arte preferidos, e nunca me esqueço de uns vasilhinhos em vidro azul, que eles trouxeram do Irã; são vasilhinhos que as mulheres iranianas usam para recolher as lágrimas de saudade, quando seus maridos estão viajando. Ela nos falou, também, do seu primeiro romance, que ia acabar dentro de alguns dias, e eu a admirei ainda mais aos 78 anos, e a começar uma carreira de romancista!

Assim, conversando aqui e ali, passaram-se umas duas horas, e chegou um médico com o qual ambos faziam fisioterapia. Era hora de irmos. Fomos todos, de novo, para a mesa da sala, e Tânia e eu recebemos diversos livros autografados pelos dois. Enquanto eles escreviam suas dedicatórias nos livros, chegou de volta o motorista que fora buscar os doces. Era uma caixinha de madeira cheia de doces de caju, especialidade do Ceará, e, não perdendo a oportunidade de fazer uma brincadeira, Jorge Amado explicou ao médico:

- Sicrano me mandou três caixas de doces do Ceará, mas Fulano, que as trouxe, muito guloso, já comeu duas. Foi sorte termos salvado esta!

Ríamos enquanto ele abria a caixa. Fez questão que provássemos os doces de caju, comemos todos em conjunto, ele a elogiar o caju cearense, e o ambiente era alegre e descontraído como a casa da gente em dia de festa. Doía um monte, mas em seguida tínhamos que ir embora. Os sonhos não duram para sempre, e o nosso estava se findando. Efusivamente, Jorge Amado e Zélia Gattai se despediram de nós, para se entregarem às mãos do fisioterapeuta. E a gente foi embora. Mas nunca poderei esquecer.

Blumenau, 02 de março de 1996.

*Obs.: Este texto foi escrito para os leitores de um jornal em Portugal.*

**Nomes de clubes viram passado já em 1944**

TEXTO  
AURÉLIO SADA\*

**Nomes de clubes viram passado já em 1944**

O prazo-limite era o fim de março de 1944 e teria que ser rigorosamente cumprido pelos clubes envolvidos.

Aqui, para falarmos das associações de maior prestígio do futebol, eram quatro as que teriam de mudar de denominação, atendendo ao que dispunha a Deliberação nº 20/43 do Conselho Nacional de Desportos, baseada nos dispositivos do art. 4ª do Decreto-Lei 5.342, de 25 de março de 1943, do seguinte teor:

“A palavra que qualificar o nome de uma associação desportiva não pode ser derivada dos vocábulos Nação, Brasil, Estado, Território ou Município, que são privativos, respectivamente, do C.N.D., das Confederações, das Federações, das Ligas e dos Centros Classistas de Desporto, nem pode a associação incorporar ao seu nome próprio a palavra Brasil, salvo autorização do C.N.D. em parecer homologado pelo Sr. Ministro da Educação e Saúde.”

Assim, o Recreativo Brasil teria que mudar de nome, a menos que se dispusesse a recorrer ao C.N.D.

O prazo estipulado pelo Conselho Regional de Desportos, para que se procedesse a mudança, era de três meses, a partir de janeiro de 1944.

Brasil, Blumenauense, América e Amazonas não iriam escapar dessa.

A diretoria do clube alviverde, como anunciado na época, teria encaminhado requerimento ao Ministério da Educação e Saúde (?), por intermédio do CRD, para obter permissão no sentido de seguir vivendo como Brasil E. C.

É de se acreditar que o pedido tenha sido negado, visto não ter restado ao clube requerente outra alternativa senão praticar a alteração determinada.

**Amazonas-Aimoré**

Não divulgado qualquer detalhe a respeito do desaparecimento do Amazonas, que passou a chamar-se



\* Colaborador da Revista Blumenau em Cadernos

Aimoré, tiveram os simpatizantes do clube proletário o desprazer de aceitar a brusca modificação, após quase 25 anos de amor à denominação original do Alvi-Celeste.

A vida do Aimoré foi complicada, tanto é que assim conhecido, sem o entusiasmo de outros tempos, preferiram seus dirigentes, fazê-lo reaparecer com a supressão do “s”: Amazona.



Amazonas Esporte Clube. Campeões de 1957. Da esquerda p/ direita:  
1. Antônio Tillmann; 2. Ivo Mass; 3. Gepi; 4. Cilinho (Corsini); 5. Arlindo Eing; 6.? 7. Oscarito Pinheiro; 8. Adalberto Rosmaki; 9. ? 10. José Pêra; 11. Paulo de Luca; 12. Boião (Osmar Zeiler); 13. Erico Mass; 14. Nicácio Reinert; 15. Carlos Irapoam Mayer; 16. ? 17. Amadeu Reinert. Doação: Adalberto Day.

### América-Guarani

Coube ao América, no começo de março/44, em reunião noturna dos membros dos conselhos diretor e deliberativo, debater longamente o assunto. Sugestões daqui e dali, decidiram os presentes, por aclamação, trocar América por

Guarani E. C., nome que perdura até os dias atuais, no bairro de Itoupava Norte.

### Brasil-Palmeiras

Também no mês de março, dia 12, à noite, na sede do Clube Náutico América, em sessão do conselho deliberativo presidida por Emílio Alexandre Sada, optou aquele órgão, por manifestação unânime de seus componentes, pela mudança de Brasil para Palmeiras Esporte Clube.

Acabou pesando, nessa deliberação, o fato de ficar o estádio do clube localizado na rua das Palmeiras, a hoje movimentada Alameda Duque de Caxias.



Palmeiras Esporte Clube, 1948.

### Blumenuense-Olímpico

O último dos “quatro grandes” da cidade a analisar demoradamente a matéria, foi a Sociedade Desportiva Blumenuense, na noite de 24 de março de 1944.

Em concorrida assembléia geral ordinária convocada para esse fim e, também, para eleger a nova diretoria do clube, com a recondução à presidência do Dr. José Ribeiro de Carvalho, para o biênio 1944-1946, uma nova denominação para a

Sociedade reuniu a preferência da grande maioria dos votantes: Grêmio Esportivo Olímpico.

Foram lembrados outros nomes, como Internacional, Juventus e Rio Branco, mas nenhum deles agradou por inteiro, já pela própria origem do Blumenauense.

Era passado a SDB e grande esperança o GEO, que acabou dando certo.



Jogadores do Grêmio Esportivo Olímpico - 1949

### Transformação

Aimoré e Amazonas foram riscados do mapa, em decorrência da extinção da Empresa Industrial Garcia.

O Guarani E. C. ainda vive, hoje mais robusto que nos problemáticos tempos de um profissionalismo insustentável, possuindo patrimônio invejável, embora pesado.

O Palmeiras sumiu na poeira de um futebol danoso às suas tradições, seguido de um BEC sem raízes e que não deu pé.

O Olímpico não fez por menos. Há 31 anos mandou os impiedosos cifrões do futebol pro quinto dos infernos, para dedicar-se a outras atividades menos preocupantes e manter a beleza de sua casa.

Os primeiros imigrantes

VICTOR SCHLEIFF



*Durante uma pesquisa, encontrei no livro 'Centenário de Blumenau' o poema de autoria do Sr. Victor Schleiff, com o título acima. Em versos de emocionante beleza, o autor fala dos sofrimentos, angústias e esperanças dos pioneiros que, aqui chegando, se depararam, aterrorizados, com a imensidão da floresta tropical, para eles uma visão desconhecida e tétrica.*

*Resolvi traduzir o poema, para que pessoas não versadas na língua alemã, possam conhecer o conteúdo dessa pérola literária. Que a tradução seja também uma homenagem ao autor, que tão bem soube interpretar e expressar os sentimentos desses pioneiros.*

*Traduzir um poema não é fácil. As rimas se perdem invariavelmente e às vezes também o sentido. Assim sendo, este trabalho é mais uma interpretação do que uma tradução. Como não sou especialista na matéria, penso que, se o fosse, a obra teria saído mais perfeita. Bem, fiz o possível. Perdoem-me os leitores se não me saí melhor.*

*Agradeço às senhoras professoras Eva Ruth Maier e Marianne Grasel do ICBA, por sua colaboração.*

Terra! Terra! O brado ecoa de boca em boca.  
Terra! .... lá a oeste ...  
Terra! Terra! ... a âncora morde o fundo  
E com dente de ferro nele se prende.

Terra! Terra! ... enfim!  
Passada é a assustadora viagem!  
Passados são os dias de terrível prisão,  
na qual a barba quase encaneceu.

Do pão sacudíamos o mofo  
e vermes vivificavam a bebida.  
O bojo do Barco era um túmulo musgoso,  
cheio de miséria e nauseante odor.

Tradução: Heins Holetz

Sejas, Pátria Nova, por mulher e marido,  
como terra de nossa esperança, saudada.  
Para nós, andarilhos de desertos, uma Canaã,  
onde leite e mel abundam.

E zarpa veloz, dirigido por pulso firme,  
para a praia, através da rebentação, o bote.  
Mas um brado hostil pela selva ecoa:  
aqui só achareis miséria e a morte.

Em vez de jardins floridos, cerca o grupo,  
a força terrificante da virgem floresta,  
prende de ameaças assustadoras,  
onde dor e perigo cercam, ferozes, o forasteiro.

És tu a fortuna que nos atraíu e chamou?  
Um retorno jamais haverá!  
Oh! Cabana pátria apertada e torta,  
como eras plena de preciosa ventura!

És tu a terra da qual sonhávamos,  
que serias o paraíso,  
que aqui seria o futuro emoldurado de sol,  
que aqui desabrochariam tão doces as flores?

Só o escuro cerrado, mata e lodo,  
o jângal cheio de espinhos e bambus  
e febris vapores, quentes e abafados,  
exalando do pântano venenoso.

De que nos ameaças tu, floresta primeva,  
tétrica e silenciosa em teu sombrio e terrível esplendor?  
Como rola, rancoroso, o rugido do tigre,  
Desde a pedreira através da noite?  
(Do alto da pedreira através da noite.)

O verme venenoso, a serpente malhada,  
dormem traiçoeiros, enroscados no musgo.  
E com zumbido mortal voa,  
do arco do bugre, a flecha emplumada.

Ah! Ai de nós! Eis que soa alentadora,  
para as fileiras hesitantes, uma voz poderosa:  
Para que o desânimo, lamentos e prantos?  
Somente a ação seja a vossa vontade!

Para que vos deu Deus nos braços a força?  
Para que o ânimo no peito?  
De pé, homens! Ao trabalho! Enrijecei os músculos!  
Pois tendes nas veias o sangue alemão!

Ancião, encosta a tua bengala!  
Despe a fraqueza e a dor!  
Desconta vinte anos dos setenta!  
Sempre há tempo para morrer.

Menino! Levanta! Torna-te homem,  
antes que pêlos brotem sobre teu lábio.  
O verão da vida te amadurecerá,  
antes mesmo que a primavera te saúde.

Veste, oh mulher, a roupa do homem,  
lança mão do cabo da foice!  
Eh, mocinha, precisamos aqui da tua mão  
e não do som de tua lira.

Se não encontramos um Éden,  
se a selva nos cerceia,  
o que se constrói com esforço e dureza,  
honra o diligente construtor.

E o machado tinia com som cantante,  
como a espada na batalha.  
Em torno trovejava o eco,  
pela noite silenciosa da mata.

Tombavam ao solo com fragor de trovão,  
os gigantes da floresta, no vale.  
Pelas clareiras dos galhos,  
penetravam os raios de sol triunfantes.

O milho viceja, a sementeira germina.  
e o fruto dourado sorri no galho.

Simpáticos casebres margeiam o caminho  
e crianças dão vida ao lugar.

Muitos lutadores foram levados ao lar,  
silenciosamente ao anoitecer.  
Outros tantos a árvore abateu,  
vingando-se, raivosa, na morte.

Este um adoecia e fraquejava de febre,  
o calor do sol paralisava aquele;  
um morria da picada venenosa da serpente,  
outro abatido pela raiva do jaguar.

Agora o corpo descansa na cova fria,  
o croton balança sobre sepulcro;  
mas o vosso espírito, dos céus,  
aos filhos e netos, clama vigor:

“Não descanseis, preguiçosos e confortáveis,  
em torno do fogo, sobre a pele do urso.  
Sede, netos, dignos dos pais e avós,  
construindo coisas maiores.”

“E o que nós mesmos não conseguimos,  
aquilo que escapou ao nosso braço,  
a isto consagrai e dedikai toda a força  
do coração, do cérebro, das mãos.”

## **Autores Catarinenses**

---

**- Excursão ao  
epicentro do  
"Contestado"  
14, 15 e 16/01/02**

**- Calmon,  
O Homem**

**- Calmon,  
A Cidade**

**- Calmon e Eu**

**- Calmon: A Ex-  
cursão**

*TEXTO:  
ENÉAS  
ATHANÁZIO\**



**Excursão ao Epicentro do "Contestado"  
14, 15 e 16/01/02**

**Calmon, O Homem**

Miguel Calmon du Pin e Almeida era natural da Bahia, pertencente a uma família rica e de grande influência. Estudou engenharia na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, período em que conviveu com a juventude das mais prestigiosas famílias brasileiras. Teve entre seus colegas o futuro escritor Affonso Henriques de Lima Barreto (1881/1922), mas este não concluiu o curso. Enquanto Calmon se vestia bem e tinha modos distintos, Lima Barreto se encontrava à beira da miséria, trajando-se mal e permanecendo afastado de grupos e reuniões.

Segundo Francisco de Assis Barbosa, o mais categorizado biógrafo de Lima Barreto, o escritor "evitava os contatos desagradáveis, talvez por temor de alguma desfeita, como parece ter acontecido com Miguel Calmon du Pin e Almeida, que o haveria, certa vez, tratado com desprezo. Este incidente marcou, aliás, a inimizade entre o filho do almoxarife das Colônias de Alienados e o rapaz de nome ilustre, para quem o futuro não pouparia benesses, dando-lhe tudo: além de dinheiro, sucesso na política." (1)

E de fato, com apenas 27 anos de idade, Calmon veio da Bahia para assumir o poderoso Ministério da Viação, disposto a executar à risca um ambicioso projeto que incluía a ligação ferroviária dos grandes centros do país, além de outras medidas de largo alcance. Para Lima Barreto, no entanto, seu ex-colega era o "símbolo do sucesso fácil", reservado aos que tinham nome e dinheiro, e desde o início assumiu uma postura de absoluta oposição ao antigo companheiro da Escola Politécnica. "Em conversa com o autor - escreveu Francisco de Assis Barbosa - Bastos Tigre também se referiu à ojeriza do romancista pelo antigo colega, a quem chamava sarcasticamente "Bel-Ami", comparando-o ao cé-

---

\* Escritor e Advogado

(1) "A Vida de Lima Barreto", Francisco de Assis Barbosa, Rio de Janeiro, José Olympio/MEC, 6ª. ed., 1981, pág. 90

lebre personagem de Maupassant. Estando Lima Barreto embriagado, aludia às vezes à sua intimidade com Calmon, dizendo: "Vou comprar uma espada para matar o "Bel-Ami". O artigo de Lima Barreto "O Ideal de "Bel-Ami" é um terrível ataque a Miguel Calmon." (2)

As críticas de Lima Barreto, porém, parecem exageradas, tendo a história proclamado a competência de Calmon como técnico e administrador. São reconhecidas as grandes obras executadas em sua gestão. Seja como for, é curioso observar que ambos ingressaram na história, ainda que por caminhos diversos. Lima Barreto, mulato, pobre e tímido, sagrou-se como um de nossos maiores escritores e, segundo o rigoroso crítico Agripino Grieco, foi "o mais brasileiro de nossos romancistas." Calmon, por outro lado, sagrou-se como homem público capaz, merecedor de muitas homenagens, entre elas a de dar seu nome ao município catarinense de Calmon. Por ironia da sorte, a antipatia de Lima Barreto contribuiria para sua sobrevivência histórica, uma vez que na vasta bibliografia sobre o escritor ele é sempre lembrado. Há males que vêm para bem!

### Calmon, A Cidade

Sede de município criado há cerca de dez anos, antigamente denominada Osman Medeiros, a cidade de Calmon está situada ao norte do Estado de Santa Catarina, tendo como cidades vizinhas Matos Costa, Timbó Grande e Caçador, da qual dista 32 km, em precária estrada de chão. Durante muitos anos foi distrito de Porto União e, depois, de Matos Costa, até obter sua emancipação. Fica a 500 km de Florianópolis, tendo hoje uma população de 2.322 habitantes, situando-se numa altitude de 1.181 m, o que faz dela uma das cidades mais frias do Estado.

Calmon nasceu à margem da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, depois denominada Rede Viação Paraná-Santa Catarina, e foi durante longos anos uma das sedes da célebre Companhia Lumber (Southern Brazil Lumber & Colonization Company), pertencente ao Sindicato Percival Farquhar. A outra sede ficava em Três Barras. A ferrovia encontra-se desativada e entregue ao abandono.

A Companhia Lumber é apontada como uma das causadoras da "Guerra do Contestado", que envolveu a questão de limites entre Santa Catarina e o Paraná, e que foi o mais sangrento episódio da história brasileira. Nessas circunstâncias, Calmon serviu de palco para violentos atos de guerra, tendo sido incendiadas a serraria, barracões e casas, obrigando muitos moradores a fugirem do local, enquanto outros pereceram, vítimas dos ataques dos revoltosos. A população da região designava esses episódios como a "Revolta dos Jagunços" e foi assim que ouvi falar deles desde os dias de criança. Matos Costa, distante vinte quilômetros, também sofreu violentos ataques e lá se travaram diversas batalhas.

---

(2) Op. cit., pág. 205, merecendo referências ainda às págs. 80, 91 e 192.

É natural, pois, que Calmon guarde muitos sinais de uma guerra que durou tantos anos (1912/1916), não apenas físicos, mas também na memória coletiva e na tradição oral. Inúmeros episódios ali ocorridos já se encontram registrados em obras sobre o “Contestado”, a respeito do qual existe uma bibliografia que não cessa de crescer. Muito, no entanto, ainda está por descobrir e foi com essa intenção que surgiu o “Grupo Resgate”, liderado pelo jornalista João Batista Ferreira dos Santos, mais conhecido como JB. Em constantes pesquisas e andanças, o grupo encontrou grande quantidade de projéteis e algumas peças de armas de fogo, objetos diversos e até alguns documentos da época das hostilidades, tudo já descrito e fotografado. Também vem tomando depoimentos de pessoas mais antigas, procurando preservar o que restou, além de reunir tudo que diga respeito ao assunto, como matérias jornalísticas, livros, revistas, fotografias e tudo mais, formando um acervo notável, com vistas à criação de um museu na antiga estação ferroviária, construída no estilo padrão da época, com beirais largos e plataforma de pedra-ferro, local que não poderia ser mais adequado, tanto pelo passado histórico como pela autenticidade, caso consiga vencer a inacreditável burocracia nacional. O grupo publica o jornal “Resgate”, fixando em letra de forma suas mais importantes descobertas. O jornal, por sua vez, consta do recente livro sobre o “Contestado”, de Celestino e Sérgio Sachet, reunindo as crônicas da série televisionada.

Lutando com dificuldades, com escasso apoio, o “Grupo Resgate” é mais um exemplo de que as coisas da cultura, no Brasil, sempre “foram levadas no peito” pelos cidadãos conscientes, com minguada ajuda oficial, quando não enfrentando a hostilidade do Poder Público. Tão logo tomei conhecimento desse grupo, tratei de divulgá-lo pelos meios ao meu alcance e incentivar os seus integrantes.

### Calmon e Eu

Como meu padrasto fosse funcionário da Companhia Lumber, entre 1943 e 1951, muitas férias do internato passei em Calmon, no inverno e no verão. Privei, assim, da companhia daquele povo, entre o qual fiz grandes amigos, e conheci a cidade e os arredores. Montado no meu cavalo baio, - o “Luar de Prata”, percorri campos, matos e carreiros da região, visitando fazendas, indústrias, povoados, cachoeiras, festas e famílias amigas. Mais tarde, numa bicicleta sueca da marca “Horimek”, creio que a primeira a circular na cidade, prossegui nas andanças, tendo, inclusive, pedalado de Calmon a Matos Costa, retornando no mesmo dia, numa época em que a estrada era quase inexistente e não tinha movimento algum. Como não me dei o trabalho de levar uma prova de meu “raid”, muitos duvidaram, inclu-

---

(1) “O Contestado”, Celestino e Sérgio Sachet, Florianópolis, Editora

(2) “O Contestado: Roteiro para leituras”, no site da UBE-SC e site sobre o município de Calmon.

(3) “Grupo Resgate” - Avenida Manoel Fortunato, 935 - 89430-000 - Século Catarinense, 2001, pág. 330.

(4) Tel. (0xx49)573-0131

sive meu padrasto, embora eu tivesse permanecido muitas horas na cidade vizinha e até almoçado na casa de um colega de Colégio. Lembro-me de que um mecânico, sabedor de minha aventura, fez a seguinte observação: "Você deve ter aqui alguma paixão, porque só por amor você faria uma coisa dessas!" Mas o fato é que nunca esqueci daquela jornada solitária, em especial da travessia dos campos de General Dutra, ermos e limpos, banhados de sol, com o vento frio afagando as faces e os quero-queros gritando raivosos em virtude de minha invasão. Graças a esse gosto pelas andanças, talvez por herança de antepassados nômades, os beduínos do deserto, tudo em Calmon se tornou familiar, gravando-se para sempre na minha memória.

Nessa época de vida livre e largada, embora já fosse viciado na leitura, não me passava pela cabeça que seria escritor, ainda que estivesse absorvendo, sem saber, fatos e imagens que contribuiriam, mais tarde, para a formação do ficcionista em que, bem ou mal, me tornei. Essa convivência com as coisas de Calmon, sua geografia e sua paisagem, os acontecimentos e as pessoas, os costumes, valores, crenças, idéias e, acima de tudo, a linguagem rica e criativa inspiraram muitos de meus contos, crônicas e até novelas, onde aparecem personagens que guardam semelhança com figuras locais, algumas das quais se identificam neles. Os leitores mais atentos também descobrem acontecimentos e lugares descritos, como a célebre Pirambeira, onde o trem anunciava sua chegada triunfal, martelando os velhos trilhos e a locomotiva fazia uma choradeira com o apito, manejado por maquinistas que eram verdadeiros artistas na exploração de todas as potencialidades do aparelho. Por isso tudo, minha ligação com Calmon é muito íntima, ainda que não a visite com a freqüência que desejaria, de tal modo que divido entre ela e Campos Novos a minha naturalidade – sou meio camponovense e meio calmonense. No meu imaginário elas se misturam, se envolvem e se completam como se fossem uma só.

### Calmon: A Excursão

Foi por tudo isso, e muito mais, que Jandira e eu decidimos visitar Calmon e outras cidades da região do "Contestado", cumprindo uma promessa sempre renovada aos amigos de lá e várias vezes adiada. Escolhemos o mês de janeiro para fugir de duas coisas: do frio intenso de lá e do excessivo movimento daqui. Depois de tudo programado, pusemos o pé na estrada.

Numa segunda-feira ensolarada, dia 14 de janeiro de 2002, por volta das 9:00h, deixamos para trás o bulício de Balneário Camboriú e tomamos a BR 470, no rumo da Serra-Acima. Passamos ao largo de Blumenau, Indaial, Rio do Sul e outras cidades do Vale do Itajaí, todas nossas velhas conhecidas e onde temos bons amigos, para almoçar no "Restaurante Cansian", acavalado num coxilhão, bem no encontro dessa rodovia com a BR 116, pela qual prosseguimos, passando por Ponte Alta, Santa Cecília e Le Bon Regis, todas cidades campeiras bem características.

Pelas 16:00h nos alojávamos no antigo “Ronda Hotel”, em plena avenida principal de Caçador, nosso velho conhecido (Apt. 37). Hotel amplo, espaçoso, de teto alto e com garagem coberta, coisas que desapareceram nas grandes cidades, onde a ganância imobiliária suprimiu todos os cantinhos disponíveis. No saguão do hotel corria um delicioso chimarrão, cuja cuia passava de mão em mão, e está visto que suguei várias delas para matar as saudades.

Na portaria nos aguardavam mensagens de boas-vindas do pessoal de Calmon e não tardaram a aparecer dois repórteres do jornal “Gazeta”, tablóide publicado na cidade, moderno e bem feito. Fizeram uma entrevista, com perguntas bem pensadas, e tiramos fotos. Espantou-me a pouca idade dos moços; poderiam, com folga, ser meus filhos mais moços!

Acomodadas as coisas, vestimos nossas blusas de mangas longas e partimos para as andanças a pé pela cidade. Percorremos a avenida central (Barão do Rio Branco), larga e limpa, fomos à estação ferroviária, prédio de linda arquitetura, hoje entregue ao abandono, visitamos o mirante, subimos e descemos escadarias e ladeiras em que é pródiga a cidade, situada à margem do Rio do Peixe, com topografia muito irregular. Reencontrei lugares ligados, por alguma razão, à minha juventude, e lembrei de pessoas, umas já “estudando a geologia do campo santo” (como dizia Machado) e outras “em lugar incerto e não sabido” (como dizem os oficiais de justiça). Jantamos num restaurante freqüentado pela garotada, no alto da avenida, e depois voltamos a passos lentos ao hotel. Um pouco de leitura completou a noite, cujo silêncio podia ser ouvido; apenas algum guapeca latia de vez em quando.

Durante a viagem pegamos calor intenso, chuvas fortes e chuviscos, frio e ventos gelados. À medida em que subíamos a Serra e nos afastávamos do Litoral, tudo mudava: paisagem, vegetação, clima, vestimentas, comidas, sotaques. E isso num percurso de pouco mais de 300 km. Santa Catarina é um arquipélago de diminutas nações!

---

No dia seguinte, pelas 9:00h, seguimos para Calmon, desta vez no táxi do senhor Alevi Antônio Dalmass, recomendado pelo hotel e velho conhecedor daqueles ínvios. Nosso carro ficou na garagem, poupando-se dos 32 km de pedras e buracos da estrada carroçável, por ironia denominada “Estrada da Amizade.” Levamos cerca de duas horas para fazer um trajeto tão curto, e só chegamos ao destino graças à perícia do motorista, ainda mais que chovia muito e o chão estava liso. Logo que saímos, comecei a rever lugares familiares: a Serraria Queimada, a encruzilhada de São João de Cima, o mata-burros da fábrica de pasta mecânica Homerich, o portão da fazenda de meu amigo João Driessen, a serrinha da usina velha, o cemitério onde vi fogo-fátuo pela única vez na vida, morros, matarias, lagoas e, afinal, a entrada da cidade. Tudo bem familiar. Muitos lugares pareciam iguais, imutáveis, indiferentes ao longo tempo decorrido.

Logo no começo da Avenida Manoel Fortunato, João Batista Ferreira

dos Santos, o JB, líder do “Grupo Resgate”, nos esperava diante da casa onde reside, preocupado com o mau tempo e as condições da estrada. Entramos no escritório, examinamos muita coisa, inclusive a caixa de munições que encontraram (trouxe comigo duas balas de fuzil), conhecemos Mauri, o “braço direito” de JB, e a família deste. Tiramos fotos. Dei entrevista para a “Rádio União”, da cidade paranaense de União da Vitória, que foi transmitida mais tarde, quando almoçávamos na casa do amigo Neri Gregório. Fizemos outra entrevista, esta para os arquivos e o jornal do próprio grupo, também denominado “Resgate.” É curioso observar que conheci Manoel Fortunato, que dá nome à avenida. Carroceiro e dono de bar nas proximidades, é personagem de contos meus. Entregamos a JB os livros e presentes que levamos e saímos pela cidade.

Percorremos toda a cidade, visitando a última casa onde minha mãe e meu padrasto residiram, bem conservada (as outras não existem mais), locais que eu costumava freqüentar, ruas, obras, construções. A cidade cresceu, muitas construções novas surgiram. Visitamos, em seguida, a estação ferroviária, em outros tempos o local de encontro das pessoas, ali reunidas para acompanhar a passagem dos trens de passageiros. Como as outras, está entregue ao abandono, vítima da intempérie, deteriorando-se, ocupada por pessoas desconhecidas. Nos vãos da plataforma de pedra-ferro e no pátio em derredor o mato campeia livre. No próprio pátio foram erguidas casas. Placas com o nome da estação, altitude e distâncias desapareceram (queimadas nos fogões?) ou estão apagadas. Não há vidros nas janelas. Os imensos barracões que se enfileiravam à margem dos trilhos desapareceram. E até o monumento erigido nas proximidades está abandonado. Enfim, um panorama desolador e que me oprimiu o coração. Diante dessas situações, tão freqüentes, e apesar do meu patriotismo talvez ingênuo, chego a descrever deste país e de seus homens.

Seguimos, então, para a Câmara Municipal (a cidade tem nove vereadores). Fomos recebidos por diversas pessoas, pelos vereadores Santino Koch e Ademar Boff (este natural de Campos Novos) e funcionários, num plenário bem instalado, onde todos falaram sobre minha visita e minha obra, acentuando meu esforço na divulgação das coisas locais e da região. Todos pareciam felizes com a minha presença e falavam com sinceridade. Recebi na ocasião uma placa que conservarei com carinho entre meus guardados, com os seguintes dizeres:

“O Grupo Resgate tem a honra de homenagear o escritor ENÉAS ATHANÁZIO pelos serviços prestados em prol da cultura de Calmon e região do Contestado. Calmon/SC, 15 / janeiro / 2002.”  
Agradei, emocionado.

Dali, fomos à casa de Neri Gregório, ex-vereador e meu conhecido desde a infância, onde nos ofereceram lauta churrascada com carne de gado, de porco, de ovelha e de frango, conforme o gosto do freguês, além de inúmeros acompanha-

mentos, tudo naquela fartura típica da região. Estavam presentes o próprio Neri, Oclides Serafini, Ademar Boff (cujo irmão, Alcides Boff, também camponovense, foi o primeiro prefeito de Calmon), vereadores e outros amigos com as respectivas famílias, além dos incansáveis JB e Mauri, que tudo filmavam e fotografavam. O “papo” correu solto, revolvendo com saudade um passado distante. Após o almoço, improvisamos um lançamento, tendo eu autografado muitos exemplares de meu livro “O Cavalo Inveja e a Mula Manca.” Com os estômagos repletos e as almas lavadas, partimos para novas andanças.

Visitamos, em seguida, o Zezé Bendlin, meu antigo companheiro de andanças e caçadas, em seu sítio nas cercanias. Ele fechava uma porteira, acompanhado de inseparáveis cachorros, e eu o reconheci de longe: apesar dos anos, guardava o mesmo sorriso largo. Tão logo me viu, naquela franqueza própria do caboclo, exclamou:

-Bah, Inéias, como você tá véio!

Depois, caindo em si, tentou consertar:

-Quer dizer, nós tamo véio!

Mesmo com tão cordial recepção, a conversa foi agradável e ele revelou satisfação ao me ver. Tiramos umas fotos e seguimos, que o céu cinzento prometia.

Com mais vinte quilômetros de buracos e pedras, entramos em Matos Costa, a antiga São João dos Pobres, onde pereceu o corajoso capitão na “Guerra do Contestado”, num dos episódios mais tristes do conflito, porque ele foi um pacificador e compreendia muito bem os revoltosos, pelos quais nutria simpatia. A vila foi, no início, um reduto de negros, e só mais tarde entraram outras etnias. Nos meus tempos de Colégio era o “ponto de café” para os passageiros dos trens e ali se comia um bolinho da graxa que deixou saudades. Andamos pela cidade, visitamos os amigos Dico Fagundes e esposa, fazendeiros na região, velhos conhecidos de minha família. Fomos à Câmara Municipal e, na saída, me deparei com outro camponovense, o Ernesto Pasquali, antigo morador da Barra do Leão, no interior de Campos Novos. Camponovense é como italiano: tem em qualquer parte do mundo!

Retornando, visitamos Oclides Serafini, em sua “Fazenda Serra do Bugre”, ao pé da lendária Pirambeira, avistada em toda sua beleza da área da casa, com a mata inaceitável, recortada contra o céu. Local muito agradável, bem cuidado, uma morada acolhedora, onde o bom “papo” rolou. A fazenda conserva muita mata nativa, pássaros e animais silvestres em quantidade. Avistam-se veados, de vez em quando, tatus e bugios que vêm gritar nas proximidades. Ela revela uma família caprichosa e dedicada. Tanto Oclides como a Pirambeira são personagens meus. Ele parecia o mais emocionado com minha visita. Clidão, grande no tamanho e no coração!

Em Calmon, chegou a hora das despedidas. Trocamos abraços e promessas de novas visitas. Constatei com satisfação que JB e Mauri são benquistos e respeitados. Depois, pulando sobre pedras e buracos, retornamos a Caçador, onde

chegamos pelas 19:00h. Retomamos as andanças pela cidade, jantamos no “Restaurante Pastelão”, e nos recolhemos para descansar e absorver tantas sensações concentradas num só e único dia.

Foi um dia repleto!

A região tem áreas enormes cobertas com reflorestamento de “pinus eliotti”, essa floresta exótica tão combatida pelos ecologistas. As áreas de vegetação natural estão ficando cada vez mais raras, é um mar de “pinus.” As opiniões sobre o assunto, na região, se dividem. Existem os que afirmam que essa árvore, ao contrário do que se diz, não estraga a terra, embora todos reconheçam, a uma voz, que nela a fauna nativa não sobrevive. Nem os bichos, nem os pássaros, nem os répteis, nem os insetos. O que irá acontecer, só o futuro dirá.

---

Na manhã seguinte, dia 16 de janeiro, uma quarta-feira de sol aberto, muito cedo, eu já mateava e proseava no saguão do hotel. Descobri ligações com conhecidos, tive notícias de outros e fui informado de muita coisa sobre a cidade e a região.

Deixando com pena o conforto do velho “Ronda Hotel”, fui até a “Rádio Caçanjurê”, uma das emissoras mais antigas do Estado, onde o radialista Joair, conhecido de longa data, pedia minha presença para uma entrevista. Ele já vinha anunciando que eu andava por lá. Fizemos uma entrevista longa, falando de minha obra e procurando divulgar a UBE-SC.

Fomos, em seguida, à Universidade do Contestado (UnC), em cujo “campus” de Canoinhas eu lecionei durante vários anos na época em que fui Promotor de Justiça naquela cidade. Soube que a Biblioteca Central possui quase todos os meus livros, diversos deles bem manuseados, e no painel está um “release” sobre o destaque que recebi da revista “Literatura” (Brasília).

Chegou, então, o momento de deixar a cidade e iniciar o retorno, agora por outro caminho. Fomos saindo devagar no rumo da BR 116, pela qual subimos na direção norte. Fizemos uma longa escala em Monte Castelo, curiosa cidade de colonização polonesa/ucraína e um dos centros de maior produção de erva-mate, nos ricos tempos do “ouro verde.” Plantada no alto, o horizonte se abre para todos os lados, a perder de vista, em campos e matos verdejantes. Seu nome homenageia os expedicionários brasileiros que lutaram na Itália. Monte Castelo é o lugar ideal para quem deseja uma tranquilidade que desapareceu em quase toda parte. Ela é, para mim, uma espécie de “utopia campeira”, e até já andei escrevendo sobre isso. Mas, como toda utopia, é bem provável que não se realize.

Almoçamos no conhecido “Restaurante Matinhos”, amplo e confortável, deixamos de lado a cidade de Mafra e iniciamos a descida da Serra, passando por Rio Negrinho, São Bento do Sul (onde fui eleito presidente da UBE-SC), Campo Alegre e Joinville, retomando a BR 101. Chegamos em Piçarras para rever o “Meu Chão”, cuja reforma está quase pronta. A Estrada Dona Francisca, no sinuoso trecho da Serra, foi reformada, iluminada e ajardinada. Ficou uma estrada turística,

embora perigosa. E o “Meu Chão” está ficando lindo, e ficará ainda mais quando tremular no mastro a bandeira do “Contestado”, branca com uma cruz verde, feita pela Jandira. Por volta das 18:00h chegávamos ao nosso prédio, em Balneário Camboriú.

Depois de cinquenta anos de luta, Calmon conseguiu passar para a jurisdição da comarca de Caçador, mais próxima e com a qual tem mais afinidades. A Justiça demorou a enxergar!

A região do “Contestado” está empobrecida. O homem de lá vem lutando pela sobrevivência num clima bravo e hostil. A multinacional e suas sucessoras sugaram o que havia de melhor e deixaram atrás de si um rastro de devastação, montanhas de serragem e aleijados de serrarias. Apesar do esforço desse povo guerreiro, a região nunca se recuperou, e vive no mais completo abandono por parte dos governos. É um povo catarinense por amor à terra, o mais catarinense dos catarinenses, que lutou até o fim contra a invasão nacional e estrangeira. Santa Catarina, decididamente, não o merece! A exploração aconteceu com o beneplácito de governos e políticos, tendo o poderoso Assis Chateaubriand e sua cadeia de jornais como advogados de Percival Farquhar.

---

(1) Sobre Caçador, Matos Costa e Monte Castelo, v. “História de Santa Catarina”, Curitiba, Grafipar, Vol. IV, 1970.

(2) Sobre o itinerário percorrido e as demais cidades, v. “Guia 4 Rodas - Brasil”, S. Paulo, Editora Abril, 1999.

(3) Sobre a ligação de Chateaubriand com Farquhar, v. “Chatô, o Rei do Brasil”, de Fernando Moraes, S. Paulo, Cia. das Letras, 1994.

BALNEÁRIO CAMBORIÚ, 20 de janeiro de 2002. ENÉAS ATHANÁZIO

## Biografia

### Relato de minha vida

GEROLD KONRAD  
GEBLER



Este relato, conta a vida de Gerold Konrad Gebler. Nascido em 06 de janeiro de 1907 em Falkenau, na Boemia, Áustria. Filho de um dos maiores arquitetos da Boemia e de uma enfermeira alemã, teve como irmãos Ludwig e Fritz, ambos técnicos, sendo o primeiro em Geodesia e o segundo em Arquitetura.

Trata-se de uma tradução do relato feito por Gerold Gebler, para ser publicada na revista Leitmeritzer Heimatboten. A história se inicia na Áustria onde éramos bem situados economicamente. Papai era o principal acionista da Ferrovia Tierschwitz-Wildesteiner, e nós tínhamos uma bela propriedade em Leitmaritz, Sudetenland na Áustria (atualmente território da Tchechoslováquia).

Lá passei os mais belos anos da minha infância. Uma vila maravilhosa, com um grande jardim em Villenviertel, Andreashofergasse 12, esquina com Stiftergasse 10. Minhas primeiras lembranças recuam até os tempos da mais tenra infância. Lembro-me, que ainda muito pequeno recitei para meu pai um poema de Schiller, que a todos impressionou.

Aos poucos fui crescendo. Meu maior interesse se dirigia para a natureza, os animais. Próximo à nossa vila, havia um morro coberto de mata, o Kaiserhoehe, onde eu e meu melhor amigo Rudi Von Alesch, de quem mais tarde, em circunstâncias de minha sina me perdi, colhíamos e colecionávamos lagartas e lagartos, os quais criávamos em casa, até que as lagartas se transformavam em borboletas e os lagartos fugissem. Também juntávamos, às vezes, filhotes de pássaros que tinham caído dos ninhos.

Eu possuía, entre outras, uma gralha mansa, uma espécie de pássaro, que colhia objetos brilhantes, devido aos quais algumas empregadas indevidamente recebiam a culpa pelas estripulias. Veio então o tempo da escola. Primeiro o Jardim de Infância, onde a professora tentava nos domesticar. Lembro-me uma vez, quando o pinheiro de Natal estava montado. Ao apreciá-lo, vi em minha fantasia, um anjo alçar vôo.

Neste meio tempo estourou a 1ª Guerra Mundial. Minha mãe apresentou-se como voluntária na Cruz Vermelha e auxiliava no atendimento a feridos. Havia um esquema de transporte de feridos por trem, no

qual ela atendia.

Recordo desta época, uma senhora esperando o seu marido ferido que chegaria na estação. Antecipadamente fora comunicado às autoridades que o mesmo estava seriamente ferido e cego, e minha mãe desejava aos poucos prevenir a senhora do infortúnio. A mulher conformada, alegava que mesmo que lhe faltasse uma perna ou um braço, o importante era que ele estava retornando para casa entre tanta tragédia. Quando o transporte chegou, lhe trouxeram seu marido o qual tinha braços e pernas amputadas e estava cego. Isto foi demais para a pobre mulher e a mesma desmaiou entre lágrimas.

Lembro-me de um domingo, vieram à nossa casa, para um café vespertino com doces, alguns feridos, entre os quais havia um que ficara cego. Quando eles se retiravam, este último se pôs em pé e exclamou inconformado: Meu Deus, deverei então nunca mais ver?

Destas e outras ocorrências tristes me ficou a imagem turva e dramática da guerra na lembrança. E a guerra não tinha fim ...

Os alimentos escasseavam. Por dia cabia-nos uma fatia de pão. Nossa sorte residia no fato de que meu irmão tinha uma criação de coelhos, e, graças a isto, apesar de papai se referir a eles nos bons tempos como "ratos", o mesmo ficava alegre quando um assado de coelho nos era apresentado às refeições.

Veio a época das contribuições de guerra, e meu pai como antigo morador e bem situado financeiramente, e naturalmente grande patriota, contribuía generosamente com as doações de guerra. Na Praça do Mercado, encontrava-se uma grande figura de madeira, representando um alemão, simbolicamente era o Henrique de Ferro. Neste, podia-se mediante pagamento cravar pregos, conforme o desejo, de ferro, de prata ou de ouro, os quais naturalmente só possuíam a cor, porém mais caros conforme o metal que representassem.

Todos foram convocados. Nas escolas os professores foram substituídos por professoras e da mesma forma em outras atividades os homens foram substituídos por mulheres. Meu irmão mais velho também foi convocado. Ele tinha 17 anos e meio. Uma tarde ao retornar para casa, dava-se a despedida. Meu pai benzia meu irmão justo neste momento, e ele partiu para o front italiano. Lá ele teve sua primeira experiência na trincheira.

Anteriormente os soldados tinham passado por uma etapa deitados na chuva, e encontravam-se encharcados. Então, ele com seu amigo, Alexander Petrovitz, foram designados para inspecionar uma adega. O proprietário que acompanhava os dois, afirmava que os austríacos já haviam bebido tudo, porém eles continuaram a procurar e chegaram a uma porta trancada. Neste momento o cantineiro se postou com os braços abertos diante da porta. Naturalmente isto de pouco adiantou. Após algumas cócegas com as baionetas, ele liberou a porta, a qual foi aberta por eles, e surgiu um quarto cheio de barris. Naturalmente eles se serviram, e retornaram trôpegos aos seus camaradas encharcados.

Finalmente, chegaram na zona de batalha. Nas trincheiras permaneciam

eles com água até os joelhos. Próximo ao meu irmão estava um amigo seu. Uma explosão de granada lhe arrancou uma perna. Ele se debatia com a perna dilacerada na água suja. Entregou seu relógio e pequenos pertences ao meu irmão, para enviar aos seus pais em Praga. Neste meio tempo, ele se esvaiu em sangue.

Foi uma tragédia sem fim. Próximos aos austríacos estavam os húngaros. Existia um decreto do Imperador que quando a Hungria estivesse em perigo, deveriam as tropas húngaras imediatamente retornar à Hungria. Este foi o erro. Na outra manhã havia uma grande brecha no front. Os húngaros tinham partido. O front ficou insustentável. Todos recuavam. Um comandante do regimento do meu irmão, um oficial a quem a tropa admirava em função da sua conduta humanitária, foi colhido por um fio de alta tensão e morreu. Os soldados choraram esta perda.

Uma tarde ao retornar da escola, lá estava meu irmão de volta. Todos queriam abraçá-lo. Ele afastou a todos, pois estava carregado de piolhos. A guerra havia terminado.

Minha mãe, durante meses a fio, orientou meu irmão até perceber que ele novamente se entrosava com a sociedade.

Durante a guerra tivemos pensionistas em casa. Entre outros um veterinário, Friebel, o qual tinha uma filha, à qual dediquei minha primeira paixão. Eu me correspondia com Anemarie. Ela me escrevia cartas, e meus irmãos abriam de vez em quando uma delas e apimentavam o final. Se o final das cartas dizia "Com cordiais saudações", após isto meus irmãos escreviam "e beijos". Naturalmente, o meu amor se incendiava de tal forma, que as cartas retornavam arrefecidas a Leipzig. Até que os pais de Anemarie descobriram, e aí, naturalmente, acabou-se o júbilo.

No tempo da guerra, moraram conosco dois senhores, com os quais eu jogava damas. Eu tinha naquela época nove anos, e constantemente era o vitorioso. Era um talento natural. E neste tempo já manifestava meus dotes em desenho. Esta arte cultivo até hoje.

Bem, a guerra finalmente acabara. A Boemia, coube aos tchecos. E aí aconteceu a grande transformação. Nunca entendi como do dia para a noite o caráter de um povo se modifica. Antes da guerra nossa gente freqüentava os tchecos para aprender a língua; da mesma forma como os tchecos vinham a nós para aprender o alemão. Nós éramos amigos... Aconteceu, deveria ser 1919 ou 1920 e eu já freqüentava a escola real, uma festa na ilha com disputas de atletismo. Nós obtivemos licença do Ministério do Interior para portar a bandeira rubro-negra-dourada. Quando a equipe, na estrada da escola popular até a praça do correio descia a ladeira bastante inclinada, pulou um Sokol tcheco na coluna dos ginastas, queria arrancar a bandeira. Um atleta, que tinha um canivete grande, de uso comum da sociedade dos pássaros migratórios, espetou levemente o tcheco na traseira. Imediatamente, este foi conduzido por seus colegas como vítima ao corpo do comando. E, logo, os tchecos fecharam a ilha para

revidar.

Para nossa sorte, neste dia havia uma companhia dos húngaros como guardas e em consequência a ponte para a ilha foi fechada por eles antes que os tchecos chegassem e perturbassem a festa.

A festa, caiu naturalmente em uma pressão nervosa. Ao final da mesma, utilizou-se uma outra saída de forma que os tchecos não percebessem. As crianças na frente. A marcha partiu. Mas quando chegamos à rodovia estadual, que corria por um corte profundo no cruzamento com a ferrovia Nordeste, os tchecos já haviam percebido que queríamos contorná-los e bloquearam a estrada. A briga foi feia, e o quanto posso lembrar, logo surgiram os feridos. As crianças fugiram, apesar dos apelos do professor de atletismo Sr. Lange, e só após dois dias retornaram às suas casas.

Entre nós, estudantes, combinamos numa reunião no Kaiserhoehe (Colina do Kaiser), remetermos artigos para os jornais alemães. Naturalmente tudo secreto. Eram certamente centenas de estudantes que se reuniam certa ocasião na Kaiserhoehe. Eu fui escalado para a vigia na torre da estalagem com um apito de gorjeio. A estalagem pertencia à família Adler. Eu olhava atentamente na escuridão do mato de pinheiros, e, repentinamente, vi reflexos. Era a marinha tcheca com as baionetas caladas. Eu toquei o apito. Era porém tarde. Os tchecos já haviam cercado o lugar. Eu descia as escadas correndo quando encontrei um sub-oficial tcheco, o qual me deu sentido puxão de orelhas e me arrancou o apito do pescoço.

Bem, os estudantes foram conduzidos em coluna por dois. No Corpo de Comando foram inicialmente presos. Neste meio tempo, as mães dos estudantes foram informadas que seus filhos estavam detidos no Corpo de Comando. Elas se dirigiram para lá, e, exigiram que os estudantes fossem libertados. Somente dois ou três que tinham canivetes ficaram detidos.

Os tchecos queriam caracterizar a reunião como um encontro armado.

Entre outros, havia um estudante, de nome Fred Hanke, que foi preso em separado. O comandante o reteve para depor. Ele sentou-se, já que não lhe fora oferecida cadeira, na mesa do comandante. Este esbravejou, dizendo: "Você não sabe o que lhe cabe?" Ao que Fred respondeu: "Sim, que me ofereçam uma cadeira." Ao que retrucou o comandante: "Você sabe com quem está falando?" (era um denominado Porpasil, anteriormente um sapateiro). Fred com orgulho respondeu: "Sim, eu creio que o senhor é o malfadado sapateiro que me estragou numa ocasião um par de botas." Graças a isso ele foi severamente punido. O entrevero continuou.

Uma noite de verão, alguns estudantes esgueiravam-se com tinta e pincel, meus irmãos também estavam com eles, pintaram em letras garrafais, paredes e muros com os dizeres: "Alemães comprem de alemães, pensem nisto e nos meses de junho e julho" (Era a data da festa da Ilha). Um dia, mais tarde, um empertigado professor foi buscar próximo ao ginásio sua compra de presunto em uma fiambreira tcheca. Quando ele saía, duas senhoras o interpelaram e o

cuspiram da cabeça aos pés.

Ah! Eu esqueci de relatar que uma patrulha tcheca pilhou os pintores e estes fugiram para a delegacia. O comandante da polícia era um alemão. O líder dos soldados tchecos entrou no gabinete e gritou: "Senhor policial, o Sr. não sabe o que ocorre na cidade? Este respondeu: "Claro, naturalmente". Ao que arrematou o tcheco: "Eles tem que asseiar" (mas queria dizer assoar). O oficial de polícia alemão dirigiu-se ao recepcionista e disse: "Apanhe um pano, este senhor quer assoar." O tcheco se retirou.

O dia seguinte era um domingo, os garis foram alertados, eram todos alemães. Eles vieram com suas vassouras e leram a grande inscrição na praça do correio e combinaram primeiro limpar os outros lugares. O fim dessa aventura foi que os tchecos tiveram que mobilizar soldados com enxadas e vassouras para rasparem, naturalmente sob os olhares dos habitantes de Leitmeritz. A conclusão é que as fiambrierias tchecas faliram.

E assim continuou até que minha mãe convenceu meu pai a mudar para a Alemanha. Ela era alemã da Thuringen. Meu pai comprou uma vila em Dresden, na Kronenstrasse 12, de um senhor Schaefer. Naquela época o direito de transferência estava proibido em Dresden. E este senhor Schaefer prometeu liberar a Vila quando nós chegássemos. Porém, quando chegamos, ele nos informou que não se mudaria e ali permaneceria como inquilino. Bem, lá estávamos nós, sem perspectivas. Ele se ofereceu para abrigar nossos móveis até que nos acomodássemos.

Meu pai então, comprou em Erfurt, na Kleistrasse 9, uma construção de quatro andares e provisoriamente moramos com um inquilino. Nos fundos do terreno havia uma casa que servia para guardar objetos usados. Meu pai a reformou e para lá mudamos. Após alguns dias recebemos uma notificação da autoridade de moradias, para abandonar a casa, pois a mudança fora feita de forma irregular. Meu pai estava doente e minha mãe irritada, corria de Poncius para Pilatus até obtermos licença para habitar a nossa própria casa reformada.

A mim, Erfurt não agradou, já que quando saía à rua, era chamado Tchecoslovaco. Eu freqüentava a Escola Real Superior, e, para poder ingressar na minha classe escolar tinha de tomar aulas extras de inglês. Estávamos muito adiantados em geometria e matemática em Leitmeritz, mas em línguas estávamos aquém.

Meus irmãos, como estrangeiros, não conseguiam emprego. Somente no fim é que meu irmão mais velho trabalhou por alguns meses na fábrica Leunawerken em Merseburg. Quando chegamos a Erfurt, havia uma grande inflação, uma passagem de bonde custava dois marcos, e no final dois bilhões de marcos. Por sorte meu professor de inglês comprou ações de uma indústria para nós, e por sorte pudemos vender os papéis em Goldmark (marcos de ouro), quando emigramos.

Meus colegas de aula eram excelentes camaradas e eu cheguei a ser representante de classe. Naturalmente fazia minhas molecagens, típicas da minha

idade. Certa vez protestei na aula de geografia, quando o professor afirmou que na Boemia só havia tchecos. Eu lhe informei que naquela época havia cerca de dois milhões de Austro-alemães na Tchecoslováquia.

Veio o tempo dos primeiros amores. Eu arranjei uma bela namorada, porém, descobri que ela me traía com um colega de classe. Eu lhe fiz naturalmente uma cena de amor e ciúme e ao contendor apliquei uma sova perante a classe reunida.

O tempo passou.

Em 1922 morreu o meu inesquecível pai. Eu retornava de uma excursão escolar, e meu pai tivera um derrame cerebral. Ele faleceu alguns dias após. Eu chorei muito e adoeci, e no leito doente, desenhei suas queridas feições de memória. Ele está enterrado em Erfurt. O cemitério está em cima da colina, de onde se visualiza a imagem em mosaico de Maria no outro lado da Catedral. Quando o sol brilha sobre ele, a imagem se reflete através dos fundos dourados da igreja. A imagem foi composta por um artista italiano, e conta-se que o mesmo suicidou-se por achar que um braço da imagem da Virgem Maria ficou muito curto. As duas igrejas, a catedral e a igreja de Severino foram pintadas por artistas. A Severienkirche foi construída em estilo romano e a catedral em estilo gótico, ambas próximas uma da outra.

Um dia, minha mãe adquiriu uma propriedade agrícola (ela era de origem rural) em Espenfelt, ficava perto de Arnstadt e possuía 24 morgos (cerca de seis hectares) de tamanho. A coitada, não soubera que lá havia uma cooperativa de colonização e esta possuía a reserva de compra. Rolou o processo na justiça. Após muito tempo ganhamos a causa. Aí o agricultor descobriu uma falha no contrato de compra; desfez o contrato e nos devolveu o dinheiro, com o qual nós compramos dois sacos de batatas, tal a desvalorização havida.

E assim nosso sonho agrícola acabou.

Um dia ao voltar da escola, meu irmão Fritz estava diante do Atlas aberto. De um lado estava a África e no outro a América do Sul. Ele falou: "Gerold, nós precisamos emigrar, aqui não dá mais". Eu observei os mapas e disse: "Vamos ao Brasil". Meu raciocínio se baseava na noção que eu tinha da América do Sul, a de que havia muita mata virgem, a qual eu queria explorar. Pois bem, um dos meus irmãos viajou a Hanover, ao consulado brasileiro e buscou informações. Eles foram muito atenciosos. Minha mãe também estava de acordo, e tal forma que se iniciaram as providências de viagem. Havia, porém, um impasse intransponível. Meu irmão Fritz estava na idade para prestar o serviço militar e não conseguia visto para emigrar. Felizmente tínhamos um bom amigo em Erfurt, um senhor chamado Mueller, que nos emprestou seus documentos. Ele era parecido com Fritz. Assim ele obteve o seu passaporte com o nome de Mueller.

O senhor Mueller foi à delegacia e comunicou que perdera seus documentos. Neste meio tempo nós já estávamos em viagem. Quando chegamos ao Brasil meu irmão embalou os documentos em uma carta registrada e enviou os mesmos de volta. Mueller nos escreveu depois que os recebera e que estava tudo

em ordem. Pelo favor o Sr. Mueller recebeu a biblioteca de meu pai, que possuía cerca de duas carradas de livros.

Após vendermos nossa casa em Erfurt a um general chamado Spoerk, iniciamos a viagem. A Vila em Dresden já havíamos anteriormente vendido em liras italianas.

Chegamos a Hamburgo. Lá embarcamos no navio da navegação Hamburg-Südamerika Bilbao, no qual dispúnhamos de quatro lugares em terceira classe que custou por pessoa 330 marcos de ouro. Houve ainda um pequeno transtorno na alfândega, o qual foi superado com uma carteira de cigarros.

Finalmente, em 24 de fevereiro de 1924, zarpamos de Hamburgo. Já era noite quando o navio deixou o cais. O rio Elba estava congelado. Eu estava bem na proa, no convés, e observava como o navio navegava de um farol ao outro, e as camadas de gelo se partiam.

Na manhã seguinte nós já estávamos no mar do Norte. O navio começou a jogar. Minha mãe, desde o primeiro dia, ficou enjoada e os pratos se agitavam em nossa cabine. No canal de Aermel tivemos nossa última nevasca. No golfo de Biscaya, houve uma tremenda tempestade. O leme a vapor do nosso navio quebrou e tinha de ser manejado à mão. Muitas senhoras idosas já transitavam com salva-vidas. Um marinheiro, contou que ouvira o telegrafista chamar S.O.S..

Enfim, vieram dias de sol.

Um dia surgiu o pico do Teneriffe. Nós ancoramos no porto. Um marinheiro alemão, que estivera servindo a bordo de um submarino e que fora internado em Teneriffe, nos serviu de guia. Ele contou que o submarino afundado pela tripulação no porto, detinha 60 prisioneiros ingleses. Ele nos levou a um grande mercado e nós adquirimos grande quantidade de frutas. Havia lá pequenas cestas de pendurar nas quais a gente acomodava os frutos. Voltamos então ao porto, e aí me lembrei de postar um cartão aos meus amigos na Alemanha e em Leitmeritz. O correio, porém, era no outro extremo da cidade. Voltar com os cestos nas costas, me pareceu muito incômodo. Então o marinheiro me disse: "Deixe-as na calçada, aqui não há roubo. Os ladrões aqui são severamente punidos como se fossem assassinos". Assim retornamos ao correio e eu remeti meus cartões e na volta encontramos realmente tudo no lugar. Muitos alemães adquiriram objetos variados e lograram os comerciantes com dinheiro da inflação.

Como atração havia em Teneriffe, uma zorra que circulava sobre bases de madeira. A gente era puxado por uma junta de bois para cima, e deslizava posteriormente o morro abaixo.

Neste meio tempo em que se encontrava ancorado, o navio se abasteceu de gado vivo. A provisão viva era estocada na parte traseira do navio. Naturalmente, havia um odor desagradável durante a viagem, e, especialmente, nos conveses intermediários, onde as queixas eram enormes.

A viagem prosseguia e o mar estava calmo. Um dia ultrapassamos um

rochedo alto, era uma ilha. Seu nome era Ilha do Fogo. Aparentemente desabitada e pertencia à Inglaterra. Finalmente um dia chegamos à linha do equador. Veio um Netuno com ajudantes, a bordo. No convés havia uma piscina fabricada com lona e se seguia o batismo do Equador. Os batizáveis eram sentados na borda da piscina e com um grande pincel eram pincelados na boca com sabão até que a abrissem. Era-lhes, então, introduzida uma cápsula de sabão com peixe defumado na boca e em seguida eram arremessados na água. Evidentemente, engoliam a pílula. A seguir era lhes dado o nome de batismo. Eu me recordo do nome do meu falecido irmão Fritz. Ele se chamou Tubarão.

Uma noite, o navio parou em pleno oceano. Foram lançados botes com lanternas. Um homem caíra no mar. Era um oficial reformado, e havia bebido demais com os oficiais do navio. Não foi mais encontrado. Os marinheiros contaram que ali havia muitos tubarões.

Um dia, chegaram bandos de pássaros a bordo, e o capitão informou que estas eram nossa indicação de terra. Um dos pássaros estava sem cauda, e um dos passageiros questionou se isso também nos aconteceria no Brasil. Todos riram, menos as damas que se retiraram escandalizadas.

Chegamos afinal ao Rio de Janeiro.

Durante a viagem conhecemos uma senhora, esposa de um prefeito alemão, de nome Spaet. Ela nos contou tantas maravilhas de Blumenau, de tal forma que mudamos nosso destino para o porto de S. Francisco, já que a bordo nos foi informado que até determinada data poder-se-ia fazer a opção por outros portos nos quais atracaríamos.

Como o Rio era a nossa opção inicial, nossos caixotes de bagagem estavam bem em cima, já que seriam desembarcados primeiro. Como mudamos de opção, os mesmos foram arremessados de cima para o fundo, de tal maneira que o que era quebradiço, como porcelana, se fez em cacos.

Em nossa estada no Rio, não nos foi permitido ir à terra, não sei por que motivo. Eu, então, apreciava a paisagem do convés. Era bela a cidade cercada por morros cobertos de floresta. Na minha fantasia, já me imaginava explorando os matagais.

Minhas primeiras artes iniciaram no Rio de Janeiro. Pequenos barcos vinham até ao navio e vendiam pássaros e frutas. Eu comprei um abacaxi e o comi com cascas, o que fez com que minha boca queimasse.

Seguimos para Santos. A entrada era maravilhosa. Nós seguimos um guia até o cais. Sobre Santos pairava o Monte Serrat, um morro pontudo, com uma casa com torre lá em cima. Uma hospedaria. Fomos à terra firme e lá eu comi meu primeiro sorvete de frutas.

Após Santos, seguimos para Paranaguá. Uma cidade velha, naquela época com muitas casas em ruínas. O navio ancorou longe da cidade em mar alto.

Um passageiro experimentou tomar um banho de mar. Ele não conhecia as marés, e era vazante e a correnteza o conduziu ao alto mar. Ele chamou por socorro. Veio então uma canoa, pescou-o e o trouxe de volta ao Bilbao, nome do

nosso navio. Aí o capitão passou-lhe uma descompostura, advertindo-o se ele não era um alemão e não se envergonhava de pedir socorro, pois ele no seu lugar preferia morrer afogado. Essa atitude naturalmente revoltou os outros passageiros.

Seguiu-se, então, nossa viagem a São Francisco, em Santa Catarina. Muitos passageiros já tinham comprado as suas terras. Vieram corretores de terras a bordo para fazer negócios. Mais tarde voltarei a este assunto.

Outros passageiros se uniram e formaram uma associação de viagem com o nome de Lipsia, eram na maioria bancários. Estes também saíram já no primeiro dia à procura de terras. Ao retornarem tarde da noite, da cidade de São Francisco, depararam-se com grandes quantidades de vaga-lumes. Imediatamente, pensaram tratar-se de fogo-fátuo, e logicamente acharam que o terreno era um pântano. Logo desfizeram o contrato de compra do terreno e ficaram de tal maneira assustados que combinaram retornar à Alemanha.

E assim, estávamos em nosso porto de destino. Naquela época, 1924, o navio não podia ainda atracar no cais, já que o porto estava em construção. Eu estive recentemente em São Francisco, o porto está todo construído, moderno, especialmente para carregamento de soja.

Nossa bagagem era transportada por um barco conduzido a remo para terra firme. Todos apreciavam a descarga. Veio então, um caixote todo quebrado e todos se divertiam, inclusive eu. Quando ele se aproximou, percebi que era a nossa máquina de costura.

Repentinamente, apareceu um homem já bastante embriagado, chamado pelos habitantes locais de sapateiro alemão. Ele providenciou um caixote vazio, subiu no mesmo e nos submeteu a um discurso. O seu refrão era: “Quem não é da minha opinião, é na minha opinião um boi”. Este naturalmente não era um belo oferecimento de boas vindas para os imigrantes, já que ninguém concordava com a sua opinião, ainda mais de um afogado em álcool.

Nós nos instalamos em um hotel, chamado Miramar, e logo nos dirigimos à alfândega. Nossos caixotes foram abertos. Dentro de um deles havia um revólver inglês da cavalaria, calibre 44, o qual evidentemente seria confiscado. Nós abrimos uma pequena almofada, e o introduzimos nela. Em um momento de distração dos funcionários eu levei a almofada recheada para o hotel. Ficamos observando, e constatamos que o controle não era muito rígido. Verificamos que o oficial da alfândega escrevia sobre os caixotes conferidos, um C com giz. Aí, começou nossa primeira ação ilegal. Providenciamos um giz e marcamos os nossos demais caixotes com C, e assim eles foram imediatamente liberados. Não foi nada além de justiça, já que o oficial da alfândega se servia das caixas com o que lhe agradava. Entre outras coisas, eu tinha munição para o meu rifle 9mm, da qual ele se serviu com uma mão cheia de dentro da caixa, com a observação: “Eu também ter uma arma de fogo”.

Nossa conhecida, Frau Spaet, tinha dois grandes sacos com casacos. Seu marido fora prefeito, e em sua cidade estivera um acampamento russo, e quan-

do estes retornaram para casa ele ficou com os casacos dos russos. O oficial da alfândega os reclamou, porém apareceu um senhor de uma grande casa comercial chamada "Hoepcke" e regularizou a entrada dos casacos. Eu sei que os mesmos entraram com um recolhimento insignificante de uma taxa alfandegária.

De vez em quando, eu me sentava à beira mar, com meu caderno de desenho e desenhava o que mais me chamava a atenção, entre outras coisas, um urubu, que me fascinava em especial. Eu ainda possuo o álbum, e de vez em quando mostro-o aos visitantes ao contar-lhes de nossa aventura.

Minha mãe foi com um dos meus irmãos e a Frau Spaet a Blumenau à procura de terras. Eu permaneci com meu outro irmão em São Francisco e promovia excursões pelos arredores, correndo atrás de enormes borboletas azuis, as quais voavam brilhando no ar.

Eu possuía na Áustria uma coleção de borboletas, que vendi na Alemanha. Quando nós estávamos definitivamente instalados em Blumenau, iniciei novamente uma coleção de borboletas, a qual está hoje exposta com espécimes raros na casa de campo de meu filho Érico.

Ainda em São Francisco, uma noite, estávamos deitados cansados na cama, eu e meu irmão. Como a divisão entre os aposentos era de madeira, e aqui no Brasil como é de costume os hóspedes conversarem em voz bastante alta, nós naturalmente não podíamos dormir. Repentinamente o meu irmão gritou: "Fechem a matraca", em alemão. Tudo ficou momentaneamente silencioso. Eu não consegui me conter e soltei uma gargalhada. Os outros hóspedes que nada entenderam, mas como se houvessem ensaiado, me seguiram, de tal forma que o hotel estremeceu de tanta risada.

Um dia, houve uma grande balbúrdia na frente do hotel. Um casal havia comprado uma colônia (aproximadamente 25 hectares de terra), e após visitá-la com o vendedor o mesmo fez um documento de venda, informando que aqui tal documento não precisava passar pelo cartório. No dia seguinte, quando se dirigiam para a sua terra, foram os mesmos escoraçados pelo proprietário com cachorros. O vendedor naturalmente, havia sumido. Em função disso o casal entrou em conflito, um acusando o outro, e se xingando em plena rua. A gente nunca se prevenia o suficiente.

Um dia conheci um senhor chamado Kriek. Ele era ferroviário. Ele estava cheio de planos para os imigrantes, naturalmente para enriquecer com isto. Assim ele nos convidou, para construir no porto uma doca seca, o que após nos informarmos, verificamos que seria um absurdo. Neste meio tempo, eu o visitei, e me chamou a atenção que seus móveis eram todos pintados de vermelho-ferrugem. Eu lhe perguntei o porquê da cor estranha. Ele me explicou que ele mesmo preparou a cor e que sua mulher o convenceu a colocar mais vermelho. Mais tarde, eu soube de um outro alemão, que eu conheci no porto e apresentara com uma camisa, já que a sua estava em farrapos, que o Kriek roubara uma partida de zarcão (tinta de fundo) da ferrovia. Aí estava a explicação para a cor

estranha dos móveis. Ele os pintara com tinta da ferrovia.

Foi em São Francisco que tomei meus primeiros banhos de mar. Desconhecendo as condições locais, eu simplesmente entrava no mar e facilmente poderia ter sido tragado pela correnteza da marés para o fundo. Felizmente nunca ocorreu.

Eu me entendia com alguns estudantes em francês, que naquela época ainda falava muito bem. Entre outros conheci um padeiro, que no continente (São Francisco do Sul possui uma parte insular, onde fica a cidade e uma parte continental) em Saí, possuía uma plantação de baunilha, espécie vegetal trepadeira muito particular cujas flores são fertilizadas por uma única família de borboletas. O homem enriquecera com sua plantação.

Assim se passava o tempo, entre passeios e banhos de mar, até que um dia minha mãe e meu irmão retornaram para levar a mim e ao meu irmão para Blumenau.

Nós seguimos com o vapor costeiro até Itajaí. O barco sacudia muito, de tal forma que nós enjoamos. Na barra de Itajaí havia molhes de pedra, os quais eu explorei mar adentro.

Eu caminhava sobre um desses molhes de pedra e tive o meu primeiro contato com uma cobra. Era uma cobra d'água, amarela e preta. Eu portava casualmente minha Browning, e comecei a atirar nela. Uma imprudência. As balas ricocheteavam nas pedras e assoviavam em meus ouvidos. Poderia facilmente ter me ferido. Mais tarde, quando passei a reconhecer as cobras, soube que atirara em uma inofensiva cobra d'água. Em outras épocas, observava como este tipo de cobra hipnotiza os sapos. O sapo pula coaxando na frente da cobra para lá e para cá, até ser colhido pela boca da cobra que o engole. Normalmente eu batia no dorso da cobra, até que ela soltava o bicho, e a mesma com a espinha dorsal quebrada acabava morrendo.

No dia seguinte veio o vapor de rodas laterais "Blumenau" o qual ainda hoje se encontra na margem esquerda do rio, sobre pilotis, para visitação. O velho capitão, Herr Hacklaende, dirigia em alemão a carga da bagagem.

A cidade de Blumenau, tinha naquela época dois portos. Um rio abaixo, próximo da prefeitura e o outro rio acima, na Itoupava Seca, onde se iniciavam as corredeiras e o rio não era mais navegável. Isto fez com que o colonizador Hermann Otto Blumenau, montasse aqui sua base de colonização.

Apesar de os primeiros imigrantes, em número de 17, encontrarem ainda nos galhos das árvores, capim, proveniente da última enchente, iniciaram a construir suas moradias.

Foi no ano de 1850.

Em 1852 veio a primeira enchente em Blumenau. O rio subiu 16 metros acima do nível normal, e produziu grandes estragos. Naquela época, deveriam ter levado a cidade 6 quilômetros acima, e ela estaria livre de enchentes.

As dificuldades na época eram grandes, já que em Blumenau ficava o último porto fluvial, e a cidade se desenvolveu no pior lugar, e sofre até hoje

grandes cheias com enormes prejuízos cada vez.

Bem, finalmente chegamos a Blumenau.

Era 1924, e no porto estavam estacionados carros puxados a cavalo, os quais nos transportaram ao Hotel São José. Ali nos instalamos temporariamente, até que nos estabelecemos em nossa colônia. Minha mãe, novamente com meu irmão Ludwig, partiu à procura do nosso lote.

Eu gostava de pintar a terra e as pessoas.

Blumenau, uma cidade com 7 quilômetros de extensão parecia uma pintura entre os morros e o rio.

A rua principal, rua 15 de Novembro, fora antes um caminho de tropas de gado, daí pude entender as curvas freqüentes e desnecessárias. Havia outras ruas, uma que subia o rio Garcia, e mais uma que margeava o ribeirão da Velha. Este ribeirão tinha seu nome de Velha, porque na sua foz morava uma velha senhora, e quando os caçadores passavam por ali, eles diziam: "Agora nós passamos da Velha".

O Garcia tinha também sua origem semelhante.

Os lotes tinham antes 200 metros de largura e 1.000 metros de comprimento. Aí os moradores solicitaram aos colonizadores que fizessem os lotes mais estreitos, por causa dos ataques dos índios.

O Colonizador, Dr. Blumenau, dialogou com os moradores, e as colônias foram estreitadas para 50 a 60 metros, mas em compensação seu comprimento passou a ter cerca de 3 quilômetros. O resultado foi que muitos lotes eram pouco ocupados, já que o acesso era muito difícil.

Os 3 quilômetros, atravessavam morros e vales de tal forma que a construção de caminhos ficava quase impossível. Eu tinha sempre respeito quando se tratava de abertura de rumos no Garcia, já que o trabalho significava grandes peripécias.

Para citar algumas ocorrências que envolveram perigos com Índios, exemplifico com dados do livro "Ocorrências Blumenauenses".

Este livro, escrito pelo Dr. Antônio Ferreira, relata que entre os anos de 1852 até 1914, nas imediações da Grande Blumenau, houve 62 ataques de índios aos imigrantes, nos quais sucumbiram 42 pessoas e 22 ficaram feridas. O governo contratou um caçador oficial de índios para expulsar os silvícolas, e eu tive muitos homens em minhas turmas, que participaram de tais empreendimentos.

Os mesmos me relataram suas experiências. Quando constatavam em qualquer lugar indícios de índios da tribo Kaingang, o caçador de índios era avisado e se deslocava para lá. Ele formava uma patrulha de 6 a 7 homens dentre os colonos e seguia em perseguição.

O Martim Bugreiro, este era o nome do caçador de índios, vivera até os 15 anos prisioneiro de índios, condição a que foi submetido após seus pais terem sido massacrados pelos mesmos. Obviamente ele alimentava grande ódio aos silvícolas. Ele partia com sua patrulha, e muitas vezes perdia a pista, pois os

índios ao se sentirem perseguidos, retornavam sobre seus próprios passos e confundiam o perseguidor.

Ele porém, conhecia suas manhas, em função da longa convivência com os índios e assim a perseguição sofria atrasos, porém prosseguia até a consumação do objetivo.

Na ocasião que ele escapou do cativeiro dos índios, os mesmos o perseguiram e ele precisou cruzar um grande rio, e quando chegou ao primeiro colono, os índios também já se encontravam próximos com o objetivo de capturá-lo para matá-lo. Os colonos que acompanhavam o Martins na caça aos índios, não podiam fumar nem falar alto, e isto ocorria dias a fio. Ao se aproximarem, os perseguidores esperavam que a lua se tornasse cheia. Nesta ocasião os índios geralmente faziam uma festa. Eles preparavam uma uma bebida feita de milho mastigado e fermentado, mel e abelhas silvestres e outros aditivos. Um grande cocho de madeira era o recipiente de preparo da bebida. Neste dia de lua cheia eles se embriagavam com esta bebida, e um do grupo era proibido de tomar sequer uma gota para permanecer alerta. Nesta noite, o Martins Bugreiro executava sua missão. A trilha para o reduto de festa dos índios era perigosa, pois os mesmos faziam covas profundas no caminho, enchendo-as de lanças pontiagudas espetadas no fundo e cobrindo-as com palha. Quem caísse nessas covas morria. Para evitar estas surpresas, os caçadores se muniam de bengalas longas e testavam o caminho à frente, e identificavam as armadilhas perfeitamente disfarçadas, impossíveis de serem identificadas de outra forma. Ao chegar ao reduto, Martins distraía a atenção do vigia com pedras arremessadas para o outro lado. Este desatento era atacado por trás e apunhalado. Chamava então a patrulha. Os índios dormiam profundamente em suas choupanas de bambu, com os pés voltados para a fogueira central mantida acesa a noite toda. Iniciava-se então a matança. Com os facões de mato, os caçadores cortavam as cabeças dos índios. Antes disto, as cordas dos arcos já haviam sido cortadas. Algumas índias e crianças eram poupadas e trazidas aprisionadas para Blumenau. Geralmente eram assumidos pelos padres que os civilizavam. Eu, pessoalmente, conheci através de minha mulher, a filha do cacique dos Kainganges. Ela foi criada na casa de um dos primeiros médicos de Blumenau, Dr. Gentsch, com cuja família já estivera duas vezes na Alemanha. Ela falava perfeitamente Alemão e Português, além da língua nativa, e era muito culta. Uma ocasião o médico a levou em uma visita aos índios em Barra do Dollmann e os mesmos a reconheceram através de uma marca no joelho e o médico teve que fazer verdadeiras peripécias para libertá-la novamente dos índios.

Após terem sido sensivelmente dizimados pelo caçador de índios, os mesmos foram atraídos pelo Capitão Euclides de Castro. Este levantou num acampamento indígena uma elevada torre e instalou lá em cima um gramofone. Através deste ele tocava canções na mata virgem em alto som. Uma noite, a mesma ardeu em chamas provocadas pelos índios.

Posteriormente, foi encarregado da civilização dos índios o Ten. Rosa.

Este cercou a zona dos acampamentos dos índios e formou um corredor em forma de funil. À medida que os índios abandonavam os acampamentos, ele os enchia de presentes, apanhados pelos Kainganges durante a noite.

Às margens do Rib. Platen onde o posto indígena deveria se instalar, encontrou o inspetor, encarregado do serviço dos índios, um senhor chamado Eduardo da Silva e Lima Hoehrhahn, o qual tinha em suas veias sangue austríaco. Os selvagens finalmente foram conduzidos ao posto. Um dia, os índios surgiram na clareira e iniciou-se a refrega. Os índios arremessavam suas flechas contra a coluna Hoehrhahn, e esta respondia com fogos de artifício. Não houve mortos, apenas alguns índios com queimaduras. Quando terminaram as flechas o restante da tribo Kaingang encontrava-se aprisionado, o que significava de acordo com a cultura indígena, submissão final. Hoehrhahn ainda teve muitos percalços em sua missão e foi submetido inclusive a acompanhar os índios em caçada completamente despido. Frequentemente ele era conduzido com lanças no pescoço. Quando eu, após muitos anos demarqueei a reserva indígena, estes já estavam completamente pacificados. Acho interessante o relato e me permiti incluí-lo.

Mais tarde, quando eu empreendi a medição de um complexo de 25.000 hectares na localidade de Rio dos Cedros, os índios fincavam cruces de bambu em nossas picadas divisórias.

Retornando à nossa chegada no Brasil, em Blumenau e provisoriamente hospedados no Hotel São José, ali mantive contato pela primeira vez com um índio civilizado, o qual era considerado por assim dizer o “Enfant terrible” de Blumenau. Ele foi criado na casa do prefeito de Blumenau e bem posicionado. Era inclusive agente local da revenda de automóveis Ford. Ele se chamava Alfredo Carvalho. Era, porém, um galo louco. Um dia ele subiu as escadarias da igreja matriz de Blumenau com o Ford A, apreciado pelos padres com as mãos postas.

Um dia, veio ao Hotel São José, encomendou um tanque de lavar roupa, uma caixa de cerveja e um saco de farinha. Ele derramou o trigo no tanque, cobriu a farinha com cerveja e com os pés pisoteou a massa. O conceito dele era de “Valentão” que nada respeitava. A polícia naquela época em Blumenau era insignificante e o conhecia e o deixava agir. Nos tempos de guerra ele seguidamente cantava a proibida canção da Horst Wessel, e conseqüentemente era conduzido por muitos dias à prisão, o que de nada adiantava. Mais tarde ele adquiriu o vício da bebida e se acabou.

Finalmente encontramos um lote que nos servia, a 24 Km de Blumenau, no município de Gaspar. Foi uma empreitada errada, já que nenhum de nós entendia nada de agricultura, e o comércio dos produtos era comprometido pelas longas distâncias e as péssimas condições das estradas.

A propriedade, com 30 hectares, estava situada pitorescamente entre montanhas próximas de um lago represado para tocar uma serraria.

O antigo proprietário, um adventista de nome Olm, era um velho Pomerano, e permaneceu algumas semanas conosco. Os adventistas não guar-

dam o domingo como dia de descanso, e sim o sábado, o que conseqüentemente me obrigava a ir à roça nos domingos, geralmente para buscar trato para os animais. O lago paradisíaco na frente da propriedade era muito piscoso, onde muito pesquei.

A casa de moradia era construída de argila e treliçada de madeira, na qual durante a construção eram esticados cipós, os quais davam firmeza às paredes de argila em lama.

Através de um grande portal se chegava por um pedaço de pasto no jardim frontal da moradia. No jardim através de uma alameda de tangerinas corria o acesso à casa. Nesta avenida, quando em maio suas doces frutas amadureciam, peguei com o laço de bambu muitos periquitos, aos quais pacientemente ensinei algumas palavras. A moradia foi construída pelo Sr. Olm com material extraído do próprio mato. Era coberta com telhas de madeira e muito ampla. As vigas eram serradas com uma grande serra manual ou falquejadas com o machado.

Nos fundos da casa, ficava a cozinha sobre altos pedestais de pedra. Havia ainda estrebaria para cavalos e vaca, tudo já meio caindo.

Vinha então o grande pasto, de mais ou menos 6 hectares. O rebanho era constituído por 4 vacas, um touro e três cavalos. Um dos cavalos, o velho Hans, já estava passado dos anos úteis. Após o pasto, vinha então a terra de agricultura, uma pequena parte plana e o restante morro. Em cima do morro, iniciava-se o mato e lá havia ainda uma pequena clareira, onde fora plantado milho.

Iniciamos o desempacotamento da bagagem. As caixas estavam completamente danificadas. Eu enterrei dois carros de mão de cacos de porcelana. Mamãe estava triste.

Após algumas semanas o antigo proprietário se foi. Quando de sua vinda ele viera em barco a vela, e, conforme ele contou, a viagem durara mais de um ano.

Estávamos agora sozinhos, por nossa conta.

Nós contratamos o filho de um vizinho para nos auxiliar e orientar nas plantações. Era um jovem muito trabalhador, e não foi por culpa dele certamente que não tivemos sucesso em nosso empreendimento agrícola.

Plantamos com euforia milho, aipim, cana, batata doce, arroz, verduras, etc. ... em grande quantidade. Naturalmente não conseguimos acompanhar com a capinação. Também o rebanho, liderado pelo velho Hans se serviram a valer da roça. O velho Hans se apoiava com o traseiro na velha cerca de madeira, e se coçava. A cerca de casqueiros de 4m ruía e a tropa invadia a lavoura. Naturalmente eles não respeitavam divisas, e avançavam na lavoura do vizinho, comendo o milho que nós éramos obrigados a indenizar. Aos domingos havia sempre galinha assada. Isto estava sempre associado a um grande tiroteio. Cada um de nós, possuía seu revólver e os disparos se multiplicavam. Um dia matamos um porco gordo para variar o cardápio. Ele foi pelado com água quente e raspado. Provavelmente a água não estava suficientemente aquecida, e

## Biografia

---

o animal não queria largar os pelos. Busquei então a navalha de meu falecido pai. A navalha era de aço inglês legítimo. Aí foi, só que a navalha não prestou mais.

Partimos então para a fabricação de lingüiça. Construimos um pequeno defumador, e para que a fumaça não chegasse quente nas lingüiças, cavamos um duto, cobrimos o mesmo, de forma a conduzir a fumaça ao defumador.

Penduramos então as lingüiças no defumador em varais e tocamos fogo no final da vala.

Confiantes em nosso feito, fomos dormir.

Na manhã seguinte, quando abrimos o defumador, só os barbantes das lingüiças dependurados nos varais. O fogo apagara durante a noite e os cachorros encontraram o túnel para as lingüiças e se serviram.

Devem ter achado ótimo o caminho que lhes proporcionamos. Pois bem adeus lingüiças.

Nós possuíamos entre outros animais um legítimo policial, o qual meu irmão Fritz, ganhara de um construtor, para quem fizera o projeto de uma casa de um médico, Dr. Lehmann.

Estávamos um dia todos na lavoura, exceto o pequeno filho de uma criada, Bubi, que ficou em casa. Um porco fugiu do chiqueiro, e o pequeno Bubi com 3 anos, instigou o policial atrás dele. Quando voltamos para a casa, o porco tinha uma enorme ferida triangular no quarto traseiro. O que fazer? Meu irmão jogou o porco no chão e eu costurei a ferida com agulha de costurar sacaria. O animal naturalmente berrava com todo pulmão, de tal forma que toda vizinhança correu para nos observar na cirurgia veterinária. A ferida sarou completamente, permitindo-nos posteriormente levar o bicho para a panela.

Após o incidente, ensinamos nosso cachorro a buscar os cavalos no pasto, quando nós precisávamos ir a Blumenau.

Como conseqüência, os cavalos se tornaram tão ariscos, que tivemos que suspender umas quantas viagens, já que os cavalos sumiam.

Mais tarde, quando estes amansaram novamente, conduzi com pão o velho Hans para dentro da cozinha. Esta era de tamanho tal que o cavalo praticamente a ocupou inteiramente. O velho Hans, inadvertidamente escorregou no assoalho, e se assentou sobre a chapa quente do fogão. Como um raio partiu a galope deixando seu pão meio comido esquecendo-se da gula.

Desta forma desenvolveu-se minha vida de agricultor.

Aos domingos eu ia sempre caçar. Eu pegava de madrugada minha espingarda calibre, 16 cano duplo, e partia para a caça.

Nunca me esqueço da primeira vez que entrei na mata virgem em nossa colônia.

Eu portava, influenciado pelas aventuras de Karl Mai (escritor alemão), uma machadinha, com a qual marcava as árvores do caminho para encontrar a volta. Minha mãe me acompanhou nessa minha primeira expedição. Encon-

tramos uma tropa de jacus. São aves do tamanho de galinhas, marrom escuras, quase negras. Eles emitiam um alto cacarejo, de tal forma que eu quase fugi. Mais tarde encontrei o bando destes pássaros em um palmito, e abati dois com um tiro só.

Naqueles tempos havia muita caça.

Um dia me encaminhava para a cachoeira do Rio Gaspar, que alimentava nosso lago, e lá apanharia piavas para isca de peixes maiores. Encontrei-me na picada com um grande pássaro de cor cinza azulada. Apanhei rápido minha espingarda das costas e atirei. O pássaro se debatia na picada. Eu o apanhei e fiquei imaginando que ave seria? Ele era maior que uma Jacupema, porém com cauda curta. Quando encontrei o primeiro colono, o mesmo me perguntou: Onde caçaste este macuco? Foi assim que descobri que havia atirado no meu primeiro macuco.

Anos mais tarde, quando eu desempenhava as funções de chefe técnico de uma empresa de colonização, ao realizar as medições de colônias em um local chamado Cabeça de Anta, levava o pessoal da medição com o agrimensor para demarcar um complexo de 100 colônias. Neste meio tempo, me localizava nos escritórios da Direção na Fruteira, para os serviços técnicos. Após aproximadamente 14 dias, me pareceu estranho que as turmas de mato não haviam providenciado mais alimentos. Preocupado, saí em busca para ver o que ocorria com o pessoal. Achei as picadas e encontrei seu primeiro acampamento com o rancho de taquaras. Ali, na beira do acampamento jazia um monte de penas de macuco de aproximadamente de metro de altura. Assim, fiquei sabendo porque a turma não tinha providenciado mantimentos. Eles se mantinham só com os macucos caçados, os quais eram abundantes naqueles tempos.

Em meu escritório hoje, mantenho uma pele de puma, a qual me foi presenteada por um fazendeiro de nome Tito Colet com quem encontrei na serra.

Nesta época estava em construção a estrada para Lages e o barulho das máquinas espantava os animais, e desta forma foi apanhado o puma. Quando eu visitei o fazendeiro, admirei muito a pele, e ao me despedir do mesmo, este me alcançou um embrulho. Era a pele do puma.

Infelizmente a família Colet era muito beligerante entre si, de tal forma que atualmente não sobreviveu ninguém da família, pois se auto destruíram uns aos outros. Contava-se do velho Alfredo Alves Colet que ele se entregou diretamente à carnificina com outros fazendeiros.

Nossa vida de colonos prosseguia. Eu estava pesaroso que não podia concluir meus estudos, pois o fazia com prazer.

Após termos extraído de nossas matas a madeira necessária, e termos recuperado as cercas, meu irmão mais velho, formado em Geodésia em Praga, procurou emprego na agência de terras em Blumenau.

Ele foi admitido pelo chefe dos agrimensores, Sr. Axel Deeke. Um dia ele encontrou no jornal de Blumenau, um anúncio de um Instituto Técnico, que

realizava cursos por correspondência. Era o Rustinische Leherinstitut em Berlim. Ele trouxe a boa notícia para casa. Imediatamente me inscrevi no curso de técnico em estradas e reiniciei meus estudos. Meu segundo irmão, Fritz, começou a trabalhar numa serraria de propriedade do Prefeito Spaet, cuja esposa nós conhecêramos a bordo do navio que nos trouxe e que nos convenceu a vir para Blumenau.

Um dia me encontrava de visita na casa do Sr. Spaet, dono da serraria. Eles estavam justamente fazendo o lanche matinal, chamado Fruehstueck.

A serraria produzia intensa fumaça e repentinamente começou a produzir um forte ruído. Todo mundo saltou e correu para a serraria. A serra já havia serrado o pino de ferro que segura o tronco até a metade. Naturalmente, os dentes da serra ficaram tão danificados, que nenhum dentista poderia recuperá-los.

Isto acontece quando se inicia uma tarefa e não se toma conta.

Posteriormente, o Sr. Spaet construiu um escorregador para deslizar os troncos que se encontravam no alto do morro.

Eu vi um escorregador destes no Cedro Alto, no qual os troncos deslizavam cerca de 2 Km ladeira abaixo.

O Sr. Spaet não observou, que ao final do escorregador, naturalmente um pouco afastado, havia uma elevação. Ele soltou os troncos do alto do morro, e quando ele chegou em baixo, as toras haviam se cravado de tal forma na elevação que só aparecia um pedacinho dos fundos.

A serraria mais tarde foi fechada, pois não apresentava resultados.

O meu irmão Fritz, contratou então uma grande medição de terras no Cedro Alto a 80 Km de Blumenau. Meu outro irmão Ludwig e eu estávamos entusiasmados com o serviço. Portanto, partimos para o Cedro Alto.

Chegamos uma noite na Fazenda Quata Para, que significa em língua indígena Veado Branco. Ela pertencia ao Sr. Erwin Scheefer, o qual se tornou mais tarde grande amigo meu. Ele nos cedeu um aposento no alto do celeiro, onde montamos nosso escritório e dormitório. Minha mãe permaneceu com a criada em nossa colônia, onde a mantínhamos com nossos ganhos.

Eu prosseguia com meu curso por correspondência.

O local era de uma paisagem deslumbrante. Altos bosques de pinheiros, entremeados por campinas. O acesso era exclusivamente por tropas de burros ou em lombo de cavalo.

As casas eram distantes e quando o Sr. Scheefer chegou ainda tinha muitos índios.

Uma noite ele escutou naqueles tempos uma grande arruaça. Ele abriu a janela de madeira e berrou na escuridão perguntando: Quem está aí? Nenhuma resposta. Ele chamou de novo e disse que atiraria. Como ninguém respondeu, ele percebeu um movimento e disparou. O vulto despencou. Quando ele se aproximou com a lanterna a querosene, constatou a ocorrência.

Ele derrubara com um tiro suas calças dependuradas no varal. Desta forma, no dia seguinte teve que ir trabalhar com a roupa ventilada.

Nesta medição em Cedro Alto, a mim cabia conduzir a mula com os mantimentos e utensílios de cozinha.

Aproximadamente às 4 horas da tarde, chegamos ao rio Chupim, onde devíamos começar a medição. Construimos inicialmente nosso “rancho” com bambus, folhas de coqueiro e de samambaia gigante. As camas eram feitas de bambus e cobertas de samambaias, no chão. A cozinha se constituía de duas forquilhas fincadas no chão e uma travessa onde ficava dependurado o panelão com feijão preto.

Na manhã seguinte iniciou-se a medição. A divisa nos conduzia ao encontro de um morro, ao qual chegamos em cima, às 4 horas da tarde. A fumaça do nosso rancho, podíamos ver no vale do rio Chupim. Resolvemos não retornar pela linha de divisa que abríramos. Era mato denso de taquara. Do tipo chamado taquara da serra. Um bambu fino, porém muito duro. Se entrelaçava fechado pelo solo do mato, de forma que quando a gente o cortava, o mesmo se inclinava atrapalhando sensivelmente o avanço. Procuramos assim um atalho morro abaixo. Constatamos então que o mesmo era cercado de peraus. Procuramos e procuramos e não encontramos saída. Anoiteceu. Providenciamos tochas de bambu e iniciamos a descida como alpinistas. Lembro-me que uma vez me encontrava dependurado em uma raiz, e abaixo estava o precipício. Tínhamos na turma um austro-alemão, que resolveu não prosseguir mais e falou: Nego-me a dar mais um passo que seja. O meu irmão então retrucou: Você então fica aqui e espera para ser comido pelo Jaguar. Bom, até aí ele também não estava disposto. Prosseguiu, escorregando mais do que caminhando, o que resultou naturalmente que ao chegar embaixo não tinha mais os fundos da calça. Finalmente, tarde da noite chegamos ao nosso rancho. Nos dias seguintes deixamos o “escorregador” no rancho de cozinheiro, e ele realizava a proeza diária de queimar um quilo de arroz.

A medição prosseguia. Um dia me coube levantar um pequeno riacho na divisa, de nome Saltinho. Eu devia segui-lo até a Serra do Meio, a partir dali, seguir a Serra até o Ribeirão Herval. Ao chegar à serra, a mesma se dividia em duas, exatamente no ponto em que me encontrava. Uma elevação ia para a esquerda, e outra exatamente o oposto. E agora, para onde? Eu elegi a colina da esquerda. Repentinamente saltou-me a frente um negro saído do mato, armado com uma espingarda e me perguntou embravecido, o que eu estava fazendo. Eu lhe expliquei que estava levantando o perímetro das terras da Companhia Bona. Aí ele me informou que se eu tivesse tomado a outra colina, ele teria que me atirar. Após algumas centenas de metros, percebi que tinha tomado a colina errada. Já anoitecera. Voltamos ao começo do morro, fizemos nosso jantar frugal e nos deitamos a dormir no chão do mato. Era tempo bom, de tal forma que a gente podia trabalhar sem se preocupar em construir rancho para dormir.

No dia seguinte, reiniciamos na outra direção, no morro ameaçador. Nós aguardávamos a todo momento os acontecimentos. Chegamos então ao rancho do negro, que já se encontrava em ruínas, e esperamos sua reação. Não

aconteceu nada. O mesmo havia ido ao Cedro, e alardeado que eu havia respeitado sua posse ilegal da terra.

No dia seguinte o negro voltou cabisbaixo e pediu-me que poupasse seu sítio. Eu lhe respondi que se ele me mostrasse a escritura de seu lote, eu o respeitaria. Infelizmente, ele era um dos muitos posseiros que se assentaram nas propriedades Companhia Bona. Ele retirou-se sem maiores entraves.

No dia seguinte, chegamos ao Rio Herval, cujo leito eu deveria seguir. Ao anoitecer montamos nosso rancho, quando repentinamente nossos cachorros partiram em disparada. Os trabalhadores os perseguiram e retornaram com um tatu. Neste meio tempo encontramos uma árvore imensa, uma Sapopema, em cujo tronco havia cinco colméias de abelhas do mato. Havia no local muitos tipos de abelhas nativas, Guaraipos, Mandassaia, etc. ... um pouco menores que as abelhas domésticas, porém sem ferrão. Eu mandei derrubar o pau oco, e nós colhemos um balde de mel.

Encontramos muitos paus no mato, onde havia indícios de que os índios haviam colhido mel, cavando degraus no tronco para subirem. Eu tinha um turmeiro que tinha um faro especial e encontrava quase que diariamente uma colméia de abelhas. Desta forma naquela noite houve assado de tatu no jantar e mel de abelhas para sobremesa. O tatu foi assado na casca, sem tempero. Ao lado havia uma bacia com salmoura. A gente arrancava um pedaço de carne, mergulhava na salmoura e após, degustava. Era delicioso.

Um dia, mandei trazer meu cavalo por atalhos ao nosso acampamento. Era uma égua marrom. Eu a soltei no mato, imaginando que a mesma não poderia fugir. Quando procurei minha montaria, a mesma sumira. Eu não tinha conhecimento que ela havia crescido em uma fazenda das redondezas. E por incrível que pareça, a mesma se foi através da mata virgem e voltou ao antigo lar. Quando terminei a medição tive que retornar a pé para casa. Após dois dias, um trabalhador meu a trouxe de volta.

Neste ínterim, arranjei uma namorada, em Palmeiras a 5 quilômetros de nossa sede de operações. Aos sábados ia eu sempre para lá, para namorar. O seu pai me contou, que uma vez veio um circo para Encruzilhada. Como isto era um acontecimento no ano, o Sr. Richter, este era o nome do pai da moça, foi com toda a família de carroça visitar o circo. Era uma viagem de cerca de 15 quilômetros. Ao chegar lá, exatamente neste momento o leão urrou, os cavalos se assustaram, tomaram as rédeas e retornaram a galope. Todos ficaram estirados na carroça. Por sorte vinha um grupo de cavaleiros e seguraram os cavalos. Mas do passeio ao circo, não quiseram mais ouvir falar. Retornaram celeremente para casa. Outra vez, o Sr. Schaefer, inventou uma festa de colheita, e organizou um mutirão. Todos os vizinhos eram convidados a ajudar na colheita e após era festejado. Precisava para isto haver música. Um farmacêutico em Encruzilhada tinha um violino. Eu havia estudado violino em Leitmeritz, na Áustria, com o professor Gatermann. Assim providenciou-se a busca do violino. Aproveitou o

Sr. Schaefer e levou um burro de carga para comprar mantimentos. Era um dia de viagem ida e volta. O violino foi fixado no alto da carga do burro. Quando estávamos próximos do nosso destino de retorno, em um vale fundo, o burro começou a empinar. Ficou completamente louco, alguma coisa o perturbou. Ele se desembaraçou da carga e saiu escoiceando. Ele aplicou um coice na caixa do violino, a qual naturalmente se espatifou. Por milagre, o violino e o arco ficaram intactos. Juntamos tudo novamente e empreendemos o restante da viagem sem outros transtornos. Veio o baile. Somente aqueles que ajudaram na colheita tinham direito de participar do baile. Ocorreu algo neste baile que até hoje não consigo entender.

No auge na festa, dançou-se a dança da linha chamada RheinLaender (dança das cortes austríacas). Como esta dança chegou até ali? Num raio de 50 Km em volta, só havia alguns alemães isolados, os demais habitantes em grande maioria eram mestiços de portugueses, negros e índios.

Na dança a tendência era saltitante e com a evolução os saltos iam crescendo. Subitamente saltou do bolso do casaco de um dos dançarinos uma navalha e caiu no chão. Naqueles tempos, isto era para o ambiente, uma arma muito perigosa. Nas brigas, o uso de tal arma, provocava nos contendores feridas perigosas. Os capoeiristas do norte derrubavam seus contendores com os magistrais golpes de perna, porém sem provocar nos mesmos nada parecido.

Nosso trabalho prosseguia aceleradamente.

Um dia, encontrávamo-nos a 4 horas do último morador, no travessão limite dos fundos do terreno da colônia do vale do rio Herta. Havíamos justamente retornado da medição, meu irmão tirou seu revólver do coldre, limpou-o, tirou as balas, e puxou o gatilho no tambor vazio. Em seguida o mesmo som de "click" voltou do mato, e acompanhado de paus e pedras. Eram índios. Acompanhava-nos meu compadre Alexandre, que havia participado das campanhas de domesticação dos índios. Ele alertou: "Ninguém atire". Era noite, nosso rancho se localizava às margens de um ribeirão. Ouvimos então perfeitamente alguém caminhando pelo leito do mesmo. Era um índio que vinha de cócoras pelo ribeirão.

Mais tarde, aproximadamente à meia-noite, piavam ao nosso redor incessantes macucos. Era a despedida dos índios. Na manhã seguinte, os trabalhadores não queriam mais ficar, e começaram a esconder as ferramentas. O meu compadre Alexandre não permitiu, explicando que desta forma os índios as furtariam. Assim ficou tudo exposto, e nós nos retiramos por alguns dias. Quando retornamos, encontramos tudo exatamente como deixáramos.

Foi-me incumbido abrir uma linha divisória do travessão do rio Herta até o Benedito.

Meu irmão abria lá o travessão do Benedito. Eu me embrenhei com minha turma no mato por 8 dias. Havia muito mato de espinho e quando chegamos ao Benedito em fase de cheia havia grandes nuvens de mosquitos. Assim,

após 8 dias de mato desde o travessão do rio Herta até o travessão do Benedito, minhas calças estavam em farrapos. Eu vestira uma sobre a outra, duas calças, e mesmo assim algumas partes do corpo estavam expostas. Com o ataque dos mosquitos eu me encontrava todo inchado. Ao sair do mato no Benedito, no local chamado Piava, de colonização italiana, avistei meu irmão Ludwig vindo em nossa direção.

Quando nos aproximamos, passou-me pela cabeça fazer um teste, para ver se ele me reconhecia. Ele se aproximou mais (a última vez que me vira fora há 14 dias). Ele passou sem demonstrar nada. Aí eu o chamei. Admirado ele me contemplou e bradou: “Meu Deus, que aparência tens, eu não te reconheci”. Eram realmente peripécias inacreditáveis. Para nos alimentar, um dia matamos um boi.

Nosso cozinheiro, áustro-alemão, colocou a cabeça do boi em uma grande panela, e tocou fogo forte na lenha. Nós tocávamos na casa do Sr. Schaefer um pouco de música. Eu tocava violino e meus irmãos cantavam. Nosso cozinheiro se achegou e participou do coro. Eu lhe perguntei se nossa cabeça de boi não ia queimar. Ele me respondeu: “De forma alguma”. Após um certo tempo eu me afastei e fui até lá. Havia uma grande labareda na panela, e nossa cabeça de boi virara carvão. De volta ao mato, atiramos um dia uma irara, uma espécie de marta, fedorenta, a qual para sua proteção respinga um líquido mal cheiroso. Pois bem, o nosso Hilmar, queria tirar-lhe o couro. Ele pregou o animal na parede do rancho, e iniciou a cortar. Repentinamente a criada preta do Sr. Schaefer levantou o nariz e fugiu. Hilmar tinha cortado uma glândula de cheiro. Ele mesmo achou sua sina. Ele teve que queimar suas vestes. A turma já tinha alimentado uma grande raiva dele por causa do constante arroz queimado que nos servia. Assim, um dia nosso Hilmar tinha que atravessar uma pinguela sobre o rio Cedro. Para isto ele providenciou um apoio de bambu, para equilibrar-se na travessia. Não percebeu porém que a turma havia feito um talho no meio da vara. Desta forma, quando ele se encontrava no meio do rio, num dia frio de inverno, ele se apoiou na vara e a mesma se partiu. Ele deu um mergulho nas águas frias do rio e veio espirrando para a margem. A turma se vingara. Mais tarde ele retornou a Austrália e foi trabalhar com um tio em mineração. No prosseguimento do serviço, nós montamos nosso rancho num vale baixo do campo. À noite despencou uma tempestade. A água inundou o vale e formou um rio que passou bem no meio de nosso rancho. No dia seguinte, jazíamos na calamidade. Os alimentos estavam todos misturados e o açúcar e o sal tinham sido lavados para fora do saco. Para não tomarmos café amargo nesta manhã, tivemos que socar o saco de açúcar na panela e cozinhá-lo com o café. E realmente, o café ficou doce.

(Continua no próximo número).

Desejando receber números antigos, tomos completos, ou fazer nova assinatura / renovação, procure-nos. Abaixo informamos nossos preços:

- ) Assinatura nova: R\$ 50,00 (anual = 6 números)
- ) Renovação assinatura: R\$ 40,00 (anual = 6 números)
- ) Tomos anteriores (Encadernados com capa dura): R\$ 80,00
- ) Exemplares avulsos: R\$ 5,00 (Cada exemplar/número antigo)
- ) Exemplares avulsos: (10) edição bimestral

Sim, desejo assinar a revista "Blumenau em Cadernos para o ano de 2002 (Tomo 43). Anexo a este cupom a quantia de R\$ .....,00 (..... reais) conforme opção de pagamento abaixo:

Forma de pagamento:

Vale Postal (Favor anexar fotocópia do comprovante para melhor identificação)

Cheque

Banco: .....

Número: .....

Valor: R\$ .....

Dados do assinante:

Nome: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Bairro: \_\_\_\_\_ Caixa Postal: \_\_\_\_\_

CEP: \_\_\_\_\_ - \_\_\_\_\_ Fone p/ contato: \_\_\_\_\_

Cidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_

.....  
Assinatura

Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"  
Caixa Postal: 425 - Fone: (47) 326-6990



**TOMO XLIII**  
Março/Abril de 2002 - Nº 03/04

## **Apoio Cultural:**

Benjamim Margarida (*in memoriam*)

Birô Lindner - Centro de Impressão Digital

Genésio Deschamps

**Victória Sievert**

Willy Sievert (*in memoriam*)

Buschle & Lepper S/A

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A

**Eletro Aço Altona S/A**

**Cia. Hering**

Unimed Blumenau

43 S/A Gráfica e Editora



